



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA/LÍNGUA INGLESA**

ANDRÉ FELIPE SILVA FERNANDES

**ANÁLISE NARRATIVA, CULTURAL E COMPARATIVA DE CLÁSSICOS
LITERÁRIOS DOS CINCO CONTINENTES**

LAGES – SC

2023

ANDRÉ FELIPE SILVA FERNANDES

**ANÁLISE NARRATIVA, CULTURAL E COMPARATIVA DE CLÁSSICOS
LITERÁRIOS DOS CINCO CONTINENTES**

Monografia apresentada à Universidade do Planalto
Catarinense – Uniplac, como parte dos requisitos para
a conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura
em Letras – Língua Portuguesa/Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Me. Carlos Eduardo Canani.

LAGES – SC

2023

ANDRÉ FELIPE SILVA FERNANDES

**ANÁLISE NARRATIVA, CULTURAL E COMPARATIVA DE CLÁSSICOS
LITERÁRIOS DOS CINCO CONTINENTES**

Monografia apresentada à Universidade do Planalto Catarinense - Uniplac, como parte dos requisitos para a conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa/Língua Inglesa.

() Aprovado () Reprovado Nota: _____

Lages, _____ de _____ de 2023.

Banca examinadora:

Orientador Prof. Me. Carlos Eduardo Canani

Prof. Dra. Danusia Aparecida Silva

Prof. Me. Vanessa Goulart Branco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de monografia a todas as pessoas que contribuíram para a sua conclusão, pois sem o apoio e auxílio de cada um de vocês, esta conquista não teria sido possível. Em especial, agradeço ao meu estimado professor orientador Carlos Eduardo Canani, cuja orientação sábia, paciência e experiência foram essenciais para o desenvolvimento deste estudo. Aos meus pais, cujo amor incondicional, incentivo constante e apoio foram fundamentais para que eu pudesse dedicar-me aos estudos e alcançar este momento tão importante. Agradeço também aos meus queridos colegas, cuja colaboração, troca de ideias e estímulo mútuo foram fundamentais para superar os desafios encontrados ao longo desta jornada acadêmica. A todos vocês, minha gratidão eterna.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos ao meu professor orientador, cuja supervisão e orientação foram de valor inestimável durante todo o processo de elaboração desta monografia. Sua dedicação, conhecimento, disponibilidade para esclarecer minhas dúvidas e orientação de minhas pesquisas foram essenciais para o sucesso deste trabalho. Sua supervisão cuidadosa e perspicaz ajudou-me a aprimorar minhas habilidades acadêmicas e a expandir meu conhecimento na área, proporcionando uma experiência enriquecedora.

Além disso, gostaria de expressar minha profunda gratidão aos meus pais, pelo apoio incondicional que sempre me deram. Seu constante incentivo, compreensão e encorajamento foram pilares de força ao longo dessa jornada acadêmica. Sem o amor, apoio financeiro e confiança que depositaram em mim, eu não teria sido capaz de enfrentar todos os desafios.

Também gostaria de expressar minha sincera gratidão aos meus colegas de turma. Seu companheirismo, incentivo mútuo e colaboração foram fundamentais para tornar essa jornada acadêmica mais agradável e significativa. As discussões enriquecedoras, os momentos de estudo em grupo e as trocas de ideias contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e acadêmico. Agradeço por estarem ao meu lado, compartilhando os desafios e as conquistas ao longo dessa trajetória, e por me inspirarem a alcançar o melhor de mim mesmo.

“Entre a vida e a morte, há uma biblioteca – disse ela. – E, dentro dessa biblioteca, as prateleiras não têm fim. Cada livro oferece uma oportunidade de experimentar outra vida que você poderia ter vivido. De ver como as coisas seriam se tivesse feito outras escolhas... Você teria feito algo diferente, se houvesse a chance de desfazer tudo do que se arrepende?”

Matt Haig

RESUMO

O presente trabalho monográfico tem como objetivo analisar os aspectos narrativos, culturais e históricos presentes nas obras clássicas dos cinco continentes, nomeadamente *A casa da alegria* de Edith Wharton, *Mhudi* de Sol Plaatje, *Ao farol* de Virginia Woolf, *Coração* de Natsume Soseki e *A festa ao ar livre e outros contos* de Katherine Mansfield. Para alcançar esse objetivo, foram utilizados elementos narrativos baseados na análise proposta por Gancho (2006), assim como os conceitos fundamentais de clássico definidos por Calvino (2007). Com o intuito de examinar o conceito de clássico e suas múltiplas interpretações, tanto em termos de origem cultural quanto de aplicação em diferentes partes do mundo, foi apresentado o contexto histórico e cultural dos cinco continentes, juntamente com suas respectivas obras consideradas clássicas. Para embasar essa pesquisa, foram consultadas obras de renomados estudiosos da literatura, como Eagleton (2006), Candido (2006), Todorov (2012, 2011), Coutinho (2004), Bloom (1995) e Frye (2014). Concluiu-se que as cinco obras analisadas satisfazem os requisitos para serem classificadas como clássicas, de acordo com a definição de Calvino (2007). Além disso, essas obras apresentam semelhanças, especialmente em relação às questões sociais abordadas. Contudo, devido aos seus distintos contextos culturais e históricos, elas também revelam diversos distanciamentos, como diferenças em estilo narrativo e temas explorados. Ao considerar esses diferentes contextos, os resultados ressaltam a diversidade de interpretações que podem surgir na análise de obras clássicas.

Palavras-chave: Obras clássicas. Análise narrativa. Contextos culturais e históricos. Continentes. Interpretações.

ABSTRACT

Narrative, cultural, and comparative analysis of literary classics from the five continents

The present monographic work aims to analyze the narrative, cultural, and historical aspects present in the classic works from the five continents, namely Edith Wharton's *The House of Mirth*, Sol Plaatje's *Mhudi*, Virginia Woolf's *To the Lighthouse*, Natsume Soseki's *Kokoro*, and Katherine Mansfield's *The Garden Party and Other Stories*. To achieve this goal, narrative elements based on Gancho's analysis (2006) and the fundamental concepts of the classics defined by Calvino (2007) were utilized. In order to examine the concept of the classics and its multiple interpretations, both in terms of cultural origin and application in different parts of the world, the historical and cultural context of the five continents was presented, along with their respective works considered classics. To support this research, works by renowned literature scholars such as Eagleton (2006), Candido (2006), Todorov (2012, 2011), Coutinho (2004), Bloom (1995), and Frye (2014) were consulted. It was concluded that the five analyzed works meet the requirements to be classified as classics, according to Calvino's definition (2007). Furthermore, these works present similarities, particularly regarding the social issues addressed. However, due to their distinct cultural and historical contexts, they also reveal various discrepancies, such as differences in narrative style and explored themes. Considering these different contexts, the results highlight the diversity of interpretations that can arise in the analysis of classic works.

Keywords: Classic works. Narrative analysis. Cultural and historical contexts. Continents. Interpretations.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Elementos narrativos descritos por Gancho (2006)

29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 CAPÍTULO 1 - AVALIAÇÃO NARRATIVA DE CLÁSSICOS LITERÁRIOS E CONCEITO DE LITERATURA.....	16
1.1 O QUE É LITERATURA E COMO ELA SE DIFERENCIA DE OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÃO.....	16
1.2 A IMPORTÂNCIA DOS CLÁSSICOS NA FORMAÇÃO CULTURAL E INTELLECTUAL DA SOCIEDADE.....	20
1.2.1 Conceitos de clássico.....	20
1.2.2 Importância dos clássicos.....	23
1.3 ELEMENTOS NARRATIVOS.....	25
2 CAPÍTULO 2 - UMA ANÁLISE LITERÁRIA E CULTURAL COMPARATIVA ENTRE “A CASA DA ALEGRIA” E “MHUDI”.....	31
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DOS PAÍSES E COMO ELES INFLUENCIARAM AS OBRAS.....	31
2.1.1 A casa da alegria.....	31
2.1.2 Mhudi.....	33
2.2 ANÁLISE TEMÁTICA E SIMBÓLICA DAS OBRAS E COMPARAÇÃO DE ELEMENTOS NARRATIVOS.....	36
2.2.1 Análise de “A casa da alegria”.....	36
2.2.1.1 Enredo.....	36
2.2.1.2 Personagens.....	39
2.2.1.3 Tempo.....	40
2.2.1.4 Espaço.....	41
2.2.1.5 Narrador.....	42
2.2.2 Análise de “Mhudi”.....	43
2.2.2.1 Enredo.....	43
2.2.2.2 Personagens.....	47
2.2.2.3 Tempo.....	48
2.2.2.4 Espaço.....	49
2.2.2.5 Narrador.....	50

3 CAPÍTULO 3 – UMA ANÁLISE LITERÁRIA E CULTURAL COMPARATIVA ENTRE “AO FAROL”, “A FESTA AO AR LIVRE E OUTROS CONTOS” E “CORACÃO”.....52

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DOS PAÍSES E COMO ELES INFLUENCIARAM AS OBRAS.....52

3.1.1 Ao farol.....52

3.1.2 A festa ao ar livre e outros contos.....54

3.1.3 Coração.....56

3.2 ANÁLISE TEMÁTICA E SIMBÓLICA DAS OBRAS E COMPARAÇÃO DE ELEMENTOS NARRATIVOS.....58

3.2.1 Ao farol.....58

3.2.1.1 Enredo.....58

3.2.1.2 Personagens.....61

3.2.1.3 Tempo.....62

3.2.1.4 Espaço.....63

3.2.1.5 Narrador.....64

3.2.2 A festa ao ar livre e outros contos.....65

3.2.2.1 Enredo.....65

3.2.2.2 Personagens.....68

3.2.2.3 Tempo.....69

3.2.2.4 Espaço.....70

3.2.2.5 Narrador.....70

3.2.3 Coração.....71

3.2.3.1 Enredo.....72

3.2.3.2 Personagens.....75

3.2.3.3 Tempo.....76

3.2.3.4 Espaço.....77

3.2.3.5 Narrador.....78

4 CAPÍTULO 4 – CLÁSSICOS LITERÁRIOS NO MUNDO GLOBALIZADO: UMA INVESTIGAÇÃO DAS DIFERENÇAS CULTURAIS NA INTERPRETAÇÃO DOS CLÁSSICOS INTERCONTINENTAIS.....79

4.1 ESTUDO COMPARATIVO DE APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ACERCA DA TEMÁTICA NOS CLÁSSICOS MUNDIAIS.....79

4.1.1 Reimaginando o Clássico: Justificativas para a Classificação das Cinco Obras como Clássicos.....	80
4.1.2 Semelhanças entre os clássicos.....	83
4.1.3 Distanciamentos entre os clássicos.....	84
4.2 O PAPEL DA INTERPRETAÇÃO CULTURAL NA COMPREENSÃO DOS CLÁSSICOS LITERÁRIOS.....	85
4.2.1 Estados Unidos.....	86
4.2.2 África do Sul.....	86
4.2.3 Inglaterra.....	87
4.2.4 Nova Zelândia.....	88
4.2.5 Japão.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	95

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste na leitura de obras clássicas mundiais, e suas posteriores análises cultural e literária, destacando como o conceito de clássico é recebido em diferentes continentes. Por meio de comparações e revisões, os distanciamentos e as semelhanças dessas obras serão evidenciados, e um panorama geral do conceito de clássico poderá ser construído.

Baseando-se na leitura dos clássicos e na bibliografia complementar, a pesquisa evidenciará o conceito de clássico segundo autores renomados, e as distinções de interpretações ao redor do mundo. Para tanto, será realizada uma análise de cada obra, destacando os elementos narrativos segundo Gancho (2006), sendo eles: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Como será realizada a análise de clássicos, levar-se-á em consideração, também, os contextos histórico e cultural nos quais as obras foram criadas.

Para tanto, neste estudo, buscou-se o aporte teórico, no quesito literatura, em autores como Eagleton (2006), Coutinho (2004), Bloom (1995), Candido (2006) e Castagnino (1969). Quando se tratou do conceito de clássicos, os principais escritores abordados foram Calvino (2007), Todorov (2012) e Lewis (2017). Ademais, para análises narrativas, além da já citada Gancho (2006), pesquisaram-se os conceitos de, principalmente, Frye (2014) e Todorov (2011).

Será realizada uma análise minuciosa dos renomados autores de clássicos intercontinentais, sendo eles, Wharton (2022), Plaatje (2022), Woolf (2022), Soseki (2022) e Mansfield (2022), dos continentes, respectivamente, americano, africano, europeu, asiático e oceânico.

Diante disso, o objetivo geral do presente trabalho consiste na análise do conceito de "clássico" e suas diferentes interpretações, tanto em termos de sua origem cultural quanto de sua aplicação em diferentes partes do mundo, baseando-se em cinco obras de cada continente mundial, sendo elas: "A casa da Alegria", "Mhudi", "A festa ao ar livre e outros contos", "Coração" e "Ao farol".

A partir desta análise geral, os objetivos específicos fundamentam-se na investigação da forma como a literatura e os livros clássicos foram conceituados em diferentes culturas e períodos históricos, examinar os aspectos culturais, históricos e literários das obras consideradas clássicas, e por fim, explorar como as mudanças sociais, políticas e culturais afetam a categorização de um livro como "clássico".

A pesquisa analisará a concepção de "clássico" conforme autores renomados e suas interpretações globais, com ênfase nos elementos narrativos segundo Gancho. Além disso,

serão considerados o contexto histórico e cultural de cada obra clássica. O problema consistirá em responder ao seguinte questionamento: Em que medida a categorização de um livro como "clássico" é influenciada pela sua origem cultural e como isso afeta a forma como esses livros são recebidos em diferentes partes do mundo, considerando cinco livros clássicos de cada continente mundial?

Diante desse questionamento, levantam-se as presentes hipóteses: a categorização de um livro como "clássico" é influenciada por fatores culturais e históricos específicos da região de origem do livro; a recepção de um livro clássico em diferentes partes do mundo é influenciada pela familiaridade dos leitores com a cultura de origem do livro; o status de "clássico" de um livro pode ser questionado em diferentes contextos culturais e históricos; a interpretação e a compreensão de um livro clássico podem variar significativamente entre diferentes culturas e idiomas, levando a uma ampla gama de interpretações possíveis.

A pesquisa demonstra ser essencial, pois os livros clássicos são amplamente considerados como obras de grande valor cultural e literário, que transcendem as fronteiras culturais e temporais. No entanto, muitas vezes, há uma falta de entendimento sobre como esses livros são categorizados e avaliados como "clássicos", e como são recebidos e interpretados em diferentes partes do mundo, não havendo trabalhos que se aprofundem nesta temática dos clássicos mundiais.

Portanto, esta pesquisa pode evidenciar as diferentes perspectivas e interpretações do conceito de "clássico", a forma como os livros clássicos são recebidos e interpretados pelo mundo, e a maneira como a categorização de livros tidos como "clássicos" está em constante evolução. A compreensão dessas questões pode ser valiosa para estudiosos da literatura, professores, tradutores, editores e leitores em geral, que desejam explorar e apreciar a riqueza da literatura clássica global, inovando nessa abordagem de estudo, pois há uma defasagem acadêmica quando se trata deste assunto.

Dentre tantos outros temas, o presente objeto de pesquisa destaca-se, pois, com a crescente globalização e do interesse pelo intercâmbio cultural, há um amplo desejo por livros clássicos de diferentes culturas e idiomas. Portanto, percebe-se a real importância de uma pesquisa nesse campo literário mundial. Ainda a fim de justificar a escolha deste tema, destaco também a minha trajetória pessoal, pois desde a minha infância, tenho uma longa relação com o universo literário clássico. Ressalto isso em virtude das inúmeras horas que passei nas livrarias locais e bibliotecas escolares, onde conseguia adentrar nesses universos únicos idealizados por grandes escritores de obras infantis e infanto-juvenis, como Ziraldo, Monteiro Lobato, Mauricio de Sousa e Mario Quintana.

Esse interesse precoce pela literatura apenas evoluiu, acabando por moldar minha trajetória acadêmica, pois, através dessa prática literária, percebi que minha paixão pela leitura era inseparável de meu desejo de compreender o mundo ao meu redor. Assim, durante a graduação em Letras, encontrei na análise e interpretação de obras literárias uma maneira de expandir minha compreensão sobre o universo literário, e essa experiência tem sido fundamental para a minha formação como pesquisador e professor.

A partir disso, de modo a destacar a organização do texto monográfico, no primeiro capítulo, serão abordados temas essenciais para a compreensão da análise literária. Para tanto, será explorado o conceito de literatura e como essa forma de expressão se diferencia de outras formas artísticas. Além disso, será discutida a importância dos clássicos na tradição literária, destacando seu papel na formação cultural e na transmissão de ideias ao longo dos séculos. O conceito de clássico em si será examinado, ressaltando os critérios e as características que conferem a uma obra literária o status de clássico. Por fim, serão apresentados os elementos narrativos como fundamentais para a análise literária, explorando como o enredo, os personagens, o tempo, o espaço e o narrador contribuem para a construção da experiência literária e para a compreensão mais profunda das obras em questão.

Já no segundo capítulo, serão realizadas as análises literária e cultural comparativas entre as obras "A casa da alegria" e "Mhudi", destacando os contextos culturais e históricos em que foram escritas. Serão investigados tanto os contextos específicos dos países em que as obras se situam quanto os momentos históricos que as influenciaram. Além disso, serão utilizados os conceitos de análise narrativa propostos por Gancho (2006) para examinar os elementos narrativos presentes em cada obra, como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Essa abordagem comparativa permitirá uma compreensão mais profunda das obras em suas respectivas complexidades literárias e culturais, revelando conexões e diferenças significativas entre elas.

Por sua vez, no terceiro haverá a continuidade da análise dos fatores mencionados, porém, desta vez, aplicando-os às obras "Coração", "A festa ao ar livre e outros contos" e "Ao farol". Serão explorados os mesmos elementos narrativos, com o intuito de compreender de forma aprofundada a estrutura narrativa e a construção literária presentes nessas obras. Da mesma forma, será dado destaque aos contextos históricos e culturais nos quais as obras foram escritas, considerando tanto o momento da produção literária quanto os contextos específicos dos países abordados. Essa análise minuciosa permitirá uma apreciação mais ampla das obras em questão, revelando suas peculiaridades estilísticas, temáticas e culturais.

Por fim, no quarto capítulo serão abordados temas diversos que visam aprofundar a compreensão dos cinco clássicos analisados. Assim, serão exploradas as aproximações e distanciamentos das temáticas presentes em cada obra, investigando as diferentes abordagens e perspectivas que os autores trazem para suas narrativas. Ademais, serão apresentadas justificativas para a classificação dessas obras como clássicos, considerando sua relevância histórica, impacto cultural e valor artístico. Serão analisadas também as semelhanças e distanciamentos encontrados entre os clássicos, destacando elementos narrativos, estilos literários e temáticas recorrentes. Diante disso, será enfatizado o papel da interpretação cultural dos cinco continentes na compreensão e apreciação desses clássicos literários, reconhecendo como diferentes contextos culturais influenciam a leitura e a interpretação das obras ao redor do mundo. Essa análise aprofundada permitirá uma visão mais abrangente dos clássicos, revelando sua complexidade e riqueza, bem como o seu significado duradouro na literatura universal.

1 AVALIAÇÃO NARRATIVA DE CLÁSSICOS LITERÁRIOS E CONCEITO DE LITERATURA

No capítulo que será apresentado, serão abordados diversos temas relacionados à literatura e à análise literária, com foco especial no conceito de clássico e sua importância na formação cultural e intelectual dos leitores. Para tanto, será discutido o que é literatura, sua função e seus elementos constitutivos, bem como o conceito de clássico e sua relevância histórica e cultural. Também serão apresentados os principais aspectos da análise literária, com destaque para a metodologia desenvolvida por Cândida Vilares Gancho (2006), que enfatiza a importância da análise narrativa para a compreensão e a apreciação das obras literárias. A partir dessas discussões, espera-se fornecer aos leitores uma visão abrangente e crítica sobre a literatura e sua importância na formação humana e cultural.

1.1 O QUE É LITERATURA E COMO ELA SE DIFERENCIA DE OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÃO

A literatura é uma forma de arte que transcende o tempo e o espaço, e que tem sido objeto de estudo e reflexão de inúmeros estudiosos ao longo da história. Para Sartre (2015, p. 14) “a literatura é uma forma de ‘compromisso com a liberdade’, pois permite ao escritor explorar e questionar as limitações e estruturas da sociedade”. Muitas tentativas têm sido feitas para conceituá-la, mas não há uma única resposta que satisfaça a comunidade acadêmica e profissional.

De fato, a literatura é uma forma de expressão complexa e multifacetada, que engloba diversos gêneros, estilos e temas. Como apontado por Bloom (1995, p. 4), “a literatura é uma forma de resistência ao tempo”, pois as grandes obras literárias são aquelas que sobrevivem ao passar dos séculos e continuam a inspirar gerações de leitores. Por essa razão, a literatura é uma das formas mais importantes de preservação da cultura e da história humana.

Apesar das tentativas de definição, a literatura continua a desafiar as categorizações e a inspirar debates e reflexões entre críticos, escritores e leitores. Contudo, a literatura segue sendo conceituada como algo natural e vital para os seres humanos, sendo a maneira de transmitir mensagens e o conhecimento, como afirma Lorca (1993, p. 27), “a literatura é a expressão da vida, de tal forma que temos de nos propor a ela como um objetivo vital, como a respiração”.

Porém, se tentará conceituá-la com pontos de vista de diferentes autores. Inicialmente, pode-se citar Aristóteles (apud TABUENCA, 2021), que já no século IV a.C, conceitua literatura, definida como poesia na época, como uma forma de arte que imita a vida através da linguagem.

Já para Victor Hugo (2013, p. 205), "a literatura é uma luz que ilumina as almas". Para ele, a literatura é uma forma de arte que pode ser utilizada para transmitir verdades universais e explorar temas complexos, como o amor, a traição e a morte.

Contraditoriamente, segundo Eagleton (2006, p. 9), "ao contrário da filosofia, da religião ou da ciência, a literatura não busca oferecer respostas finais e definitivas às questões que afligem os seres humanos, mas sim explorar e questionar essas questões de maneiras que nos permitem ver o mundo de maneiras novas e mais ricas.", ou seja, verdades universais. Em vez disso, a literatura se ocupa de explorar essas questões, muitas vezes de forma ambígua e complexa, deixando espaço para que o leitor consiga interpretar e refletir sobre o que foi apresentado.

Outra característica importante da literatura, como relata o escritor, é sua relação com a história e a cultura de uma sociedade. A literatura é influenciada pelas condições históricas, políticas e culturais em que é produzida, refletindo as preocupações, os valores e as crenças de uma época e de um grupo social específico. Por essa razão, a literatura é vista como uma forma de registro da história e da cultura de um povo, sendo capaz de revelar aspectos importantes de uma sociedade que não são encontrados em outras formas de expressão.

Segundo o autor, a literatura é uma forma de linguagem que tem como principal objetivo explorar questões humanas em profundidade, através de uma expressão artística que utiliza a palavra como material básico. Eagleton (2006, p. 11) afirma que "a literatura não dá respostas fáceis a questões difíceis, mas nos oferece novas perspectivas, novas formas de ver o mundo, novas maneiras de sentir, novas maneiras de ser".

Do mesmo modo, para Eagleton (2006, p. 7), "a literatura é uma forma de discurso que produz efeitos emocionais, e é precisamente através desses efeitos que ela se distingue de outros tipos de discurso e alcança sua dimensão artística". O autor destaca que a literatura usa a linguagem de forma intensiva, explorando todas as suas possibilidades e recursos.

Ainda no que se refere à literatura, deve-se considerar o trabalho de Coutinho, que aborda o conceito de literatura de maneira ampla e abrangente. Segundo ele, a literatura é "uma forma de expressão artística que utiliza a palavra como matéria-prima" (COUTINHO, 2004, p. 17). Nesse sentido, a literatura é vista como uma arte que se manifesta por meio da linguagem, seja ela escrita ou falada.

Coutinho (2004, p. 18) também ressalta a importância da estética na literatura, afirmando que "o valor literário de uma obra reside em sua qualidade estética, em sua capacidade de emocionar, de encantar, de surpreender". Portanto, a literatura não se trata de apenas uma forma de entretenimento, mas também uma forma de arte que pode despertar emoções profundas nos leitores.

Além disso, o autor destaca a importância da literatura como forma de reflexão e questionamento do mundo ao nosso redor. Segundo Coutinho (2004, p. 18), "a literatura nos permite conhecer outras épocas, outras culturas, outras formas de pensar e sentir, e nos ajuda a refletir sobre a condição humana". Dessa forma, a literatura não é apenas uma forma de arte, mas também uma ferramenta para a compreensão da história e da sociedade.

Antonio Candido, um dos mais importantes críticos literários brasileiros, apresenta uma reflexão profunda acerca do conceito de literatura. Para o autor, "a literatura é uma forma de conhecimento, que se realiza pela palavra e pela imaginação" (CANDIDO, 2006, p. 14), ou seja, a literatura não é apenas um entretenimento, mas um meio de compreender e interpretar o mundo. Além disso, destaca a importância da literatura como um espaço de reflexão crítica sobre a realidade social, cultural e política, afirmando que "a literatura é um instrumento de conhecimento e de crítica, um meio de compreender a vida e de interferir nela" (CANDIDO, 2006, p. 22).

Outro ponto importante destacado pelo crítico é a importância da literatura como um meio de construção da identidade nacional, sobre isto, Candido (2006, p. 31) afirma que "a literatura é uma das formas mais expressivas de afirmação da identidade cultural de um povo". Portanto, relata que a literatura é capaz de expressar as particularidades da cultura de um povo, bem como de contribuir para a construção de uma identidade coletiva.

De acordo com Martin Puchner (2019, p. 11), "a literatura é uma das mais antigas e duradouras formas de expressão humana, um meio de contar histórias e criar mundos imaginários que podem ser compartilhados por pessoas em diferentes épocas e lugares". O escritor destaca que a literatura é uma das formas mais antigas de arte, e que tem o poder de transformar a maneira como as pessoas veem o mundo, além de buscar transmitir emoções e sensações.

Como afirmado por Bloom (1995, p. 2), "A literatura é uma forma de arte que se diferencia das outras formas de expressão por sua capacidade de transmitir emoções e ideias complexas e sutis". O autor defende que a literatura é a forma mais poderosa de arte que existe, porque permite que o leitor entre em contato com a mente de outro ser humano e experimente o mundo de uma perspectiva diferente.

O mesmo autor declara também que "a literatura é uma forma de arte atemporal e universal, capaz de transcender as fronteiras temporais e culturais" (BLOOM, 1995, p. 2). O pesquisador afirma que, embora a literatura seja criada em um momento específico da história e seja influenciada pelo contexto cultural e social de sua época, suas questões fundamentais são universais e atemporais. Por isso, a literatura é capaz de falar diretamente aos leitores de qualquer época e lugar.

E como último autor a ser considerado para a discussão do conceito de literatura, pode-se analisar Raul Castagnino, que afirma que a literatura desempenha um papel crucial na formação do indivíduo, pois "permite a reflexão crítica sobre a realidade, facilita a compreensão do mundo, favorece o desenvolvimento da sensibilidade, da empatia e da capacidade de comunicação" (CASTAGNINO, 1969, p. 34). Sob seu ponto de vista, a literatura se diferencia de outras formas de expressão, por sua natureza ficcional. Enquanto a história busca descrever fatos que aconteceram, a literatura cria personagens e situações imaginárias para transmitir uma mensagem ou ideia.

Castagnino também destaca a importância da interpretação na literatura, sendo um aspecto central na literatura, uma vez que "uma obra literária não tem um único significado, mas vários, que não dependem apenas do autor, mas também do contexto histórico, social e cultural em que a obra é lida e interpretada pelo leitor" (CASTAGNINO, 1969, p. 45). Nesse sentido, a literatura é uma arte aberta à interpretação e ao diálogo entre autor e leitor, que pode dar origem a múltiplas leituras e reflexões.

Após a tentativa de conceituar literatura sob o ponto de vista de diversos autores, fica evidente que não existe uma definição única e absoluta para essa forma de expressão artística. Cada autor e teórico possui uma perspectiva diferente, baseada em suas experiências, cultura e visão de mundo. No entanto, algumas ideias comuns permeiam as diferentes concepções apresentadas, como a importância da linguagem, da criatividade e da expressão individual na construção de uma obra literária. Além disso, é notável a relevância da literatura como forma de transmitir ideias, sentimentos e reflexões sobre a vida e a sociedade. Mesmo diante da diversidade de abordagens, é possível afirmar que a literatura continua sendo uma das formas mais fascinantes e enriquecedoras de arte e cultura, capaz de provocar emoções e despertar a imaginação dos leitores.

1.2 A IMPORTÂNCIA DOS CLÁSSICOS NA FORMAÇÃO CULTURAL E INTELECTUAL DA SOCIEDADE

Neste capítulo, se discutirá o conceito de "clássico" conforme abordado por estudiosos e teóricos. Além disto, as várias interpretações desse termo serão exploradas e sua importância para a sociedade, como fonte de inspiração, entretenimento e compreensão histórica e cultural.

1.2.1 Conceitos de clássico

Segundo Todorov (2012, p. 82), "a palavra "clássico" vem do termo grego *klasikos*, que significa algo que pertence à classe ou qualidade superior. Na cultura e na literatura, o termo clássico é utilizado para se referir a obras que [...] continuam a ser relevantes e influentes na atualidade".

Por outro lado, clássico, segundo o dicionário Aurélio, é conceituado como um adjetivo "relativo à arte, à literatura ou à cultura dos antigos gregos e romanos" (FERREIRA, 2010, p. 55). Obviamente, esse conceito limita-se ao seu aspecto histórico, porém, de um ponto de vista literário, clássico pode ser definido apropriadamente como uma "obra ou autor que, pela originalidade, pureza da língua e forma perfeita, se tornou modelo digno de imitação" (FERREIRA, 2010, p. 55).

Já Italo Calvino (2007), em sua obra "Por que ler os clássicos", apresenta alguns conceitos que definem o que é um clássico da literatura. Dessa forma, serão destacados os cinco conceitos fundamentais, que segundo Calvino, definem a natureza dos clássicos: perenidade, complexidade, originalidade, universalidade e receptividade. Cada um desses conceitos tem como objetivo explorar diferentes aspectos das obras literárias que resistem ao teste do tempo e permanecem relevantes para leitores de diferentes épocas e culturas. Espera-se discutir esses conceitos-chave de Calvino, analisando como eles contribuem para definir o que é um clássico e por que essas obras continuam a ser importantes para a cultura e a literatura humanas.

Primeiramente, o conceito de perenidade refere-se à capacidade de uma obra literária transcender seu tempo e lugar, mantendo sua relevância e valor para leitores de diferentes épocas e culturas. Ou seja, um livro clássico é capaz de resistir ao teste do tempo e permanecer relevante e significativo, independentemente das mudanças na sociedade, na política, na tecnologia e na cultura.

Segundo Calvino (2007, p. 13), "um clássico é aquele livro que chega até nós como uma mensagem vinda do passado, mas que é capaz de responder às questões que nos colocamos no presente, e que, além disso, tem uma força tal que o seu apelo se estende também ao futuro". Nesse sentido, a perenidade é uma característica fundamental dos clássicos, que são capazes de transcender as barreiras do tempo e continuar a dialogar com as questões humanas ao longo dos séculos, diferenciando-se assim das obras efêmeras e passageiras.

Apesar desta atemporalidade, os clássicos não são estáticos ou imutáveis. Pelo contrário, estes são obras dinâmicas e flexíveis, capazes de se adaptar e dialogar com diferentes épocas e culturas. Portanto, os clássicos não são simplesmente relíquias do passado, mas sim, obras vivas e em constante evolução de interpretações.

Especificamente no que se refere à complexidade, trata-se da capacidade de uma obra literária apresentar múltiplas camadas de significado e interpretação, proporcionando ao leitor uma experiência rica, desafiadora e única. A obra considerada clássica possui a habilidade de estimular o leitor a pensar, a questionar e a explorar diferentes perspectivas e interpretações sobre a vida e o mundo.

De acordo com o autor, os clássicos são obras que desafiam o leitor a explorar diferentes aspectos da vida humana e a enfrentar questões difíceis e profundas. Essas questões podem estar relacionadas a dilemas morais, conflitos psicológicos, tensões sociais, entre outros. É compreensível que para a leitura e interpretação de um clássico, exige-se alguns conhecimentos prévios e formais, para compreensão total da obra, porém isto não o torna inacessível ou elitista. Afinal, os clássicos são obras que apresentam uma ampla gama de níveis de leitura, que podem ser apreciados por leitores de diferentes idades, culturas e níveis de educação. Portanto, a complexidade destas obras não deve ser vista como uma barreira para sua apreciação, mas sim como um convite para uma experiência de leitura mais profunda e enriquecedora.

Por sua vez, o aspecto da originalidade se relaciona com a habilidade de uma obra literária em ser criativa e inovadora, sem deixar de lado as convenções e influências da tradição literária. Dessa forma, um clássico é capaz de introduzir novas ideias e técnicas literárias, enquanto se mantém conectado às suas raízes literárias, o que confere significado e relevância à obra. Essas obras, então, apresentam novas ideias e formas literárias, e simultaneamente respeitam e dialogam com as tradições literárias que os precederam. Em vista disso, os clássicos não são obras isoladas, mas sim obras que se inserem em uma tradição literária mais ampla.

Do mesmo modo, "a originalidade dos clássicos não se limita à forma ou ao estilo literário, mas também se estende ao conteúdo e às ideias que essas obras apresentam" (CALVINO, 2007, p. 9). Os clássicos são obras que apresentam novas perspectivas sobre a vida e o mundo, que desafiam a situação vigente e inspiram mudanças e transformações.

Já no que diz respeito ao conceito de universalidade, como sua nomenclatura já declara, indica se a obra possui um aspecto universal, ou seja, se é capaz de transcender as fronteiras culturais, temporais e geográficas, dialogando com leitores de diferentes épocas, lugares e culturas, independentemente de sua origem, língua ou época.

Ainda Segundo Calvino (2007, p. 8), "a universalidade é uma das características que definem os clássicos, fazendo com que sejam atemporais e relevantes em diferentes contextos históricos e culturais". O estudioso argumenta que os clássicos são obras que apresentam questões e temas que são universais e que, portanto, podem ser apreciados por quaisquer leitores.

Além disso, a universalidade dos clássicos não se deve apenas ao seu conteúdo, mas também à sua forma e estilo literário. Os clássicos apresentam uma linguagem e uma estrutura que busca envolver leitores de diferentes origens e culturas. Dessa forma, os clássicos são capazes de transcender as barreiras culturais e linguísticas, tornando-se obras que podem ser apreciadas por todo o mundo.

Sequencialmente, como último conceito apresentado por Calvino (2007, p. 10), "a receptividade é a capacidade que determinadas obras têm de ser lidas por leitores de diferentes épocas e culturas, sendo bem recebidas e apreciadas por todos eles". Semelhante ao aspecto da universalidade, a receptividade remete ao conceito de que os clássicos são obras que se inserem em um contexto cultural específico, mas que apresentam questões e temas capazes de serem entendidos e apreciados em diferentes contextos culturais, gerando uma capacidade mais profunda de comunicação e compreensão.

Em suma, os conceitos apresentados pelo autor destacam as características fundamentais das obras literárias consideradas clássicas. A perenidade, complexidade, originalidade, universalidade e receptividade são elementos que tornam os clássicos obras significativas e relevantes, capazes de resistir ao tempo e transcender as barreiras culturais. Ademais, esses conceitos demonstram que os clássicos não são obras isoladas, mas sim parte de uma tradição literária mais ampla, que é mantida viva pela sua capacidade de ressoar em diferentes épocas e contextos culturais.

1.2.2 Importância dos clássicos

A literatura clássica é um patrimônio cultural da humanidade que nos permite conhecer e entender melhor a nossa história e a nós mesmos. As obras clássicas não são apenas produções artísticas de grande valor, mas também registros históricos e culturais que refletem as sociedades e as mentalidades de épocas passadas. Nesse sentido, é fundamental compreender a importância dos clássicos e o seu valor para a cultura e para a formação de indivíduos críticos e reflexivos.

"Não me perguntem por que, mas se pode constatar que a leitura dos clássicos é uma experiência universal, que remete a uma espécie de felicidade que não se pode explicar" (CALVINO, 2007, p. 9). Com essa frase, Calvino expressa a importância da leitura de obras clássicas para o desenvolvimento cultural e intelectual das pessoas. Segundo o autor, a experiência de ler clássicos é uma fonte de felicidade inexplicável, que transcende a época e o lugar em que foram escritos. A leitura dessas obras permite que o leitor entre em contato com ideias e sentimentos que são universais e que têm o poder de enriquecer a vida de quem os experimenta.

Para o escritor, a leitura de clássicos é importante pois permite o acesso a um patrimônio cultural que reflete a história, a sociedade e a mentalidade de épocas passadas. Além disso, sua leitura é uma forma de ampliar a visão de mundo e desenvolver a capacidade crítica e reflexiva dos leitores.

A leitura de clássicos permite o contato com ideias e pensamentos que são atemporais e podem ajudar a entender melhor quem os lê e ao seu mundo. O autor afirma que "os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: 'Estou relendo' e nunca 'Estou lendo'" (CALVINO, 2007, p. 9)." Isso mostra como a leitura de clássicos é uma prática que não se esgota em uma única leitura, mas que pode ser revisitada ao longo da vida, sempre com algo novo a ser descoberto.

Além disso, como o clássico transcende barreiras, Calvino (2007, p. 11) afirma que "um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer". Isso demonstra a capacidade deste ressoar em diferentes contextos culturais, sendo interpretados de maneiras distintas ao longo do tempo. A leitura de clássicos, portanto, é uma forma de conectar diferentes épocas e culturas, criando um diálogo entre passado e presente.

Por fim, Calvino destaca que a leitura de clássicos é uma forma de desenvolver a capacidade crítica e reflexiva. Esta afirmação justifica-se pelo fato de que a leitura é um instrumento de educação estética e, por conseguinte, de educação moral. Isso demonstra como

a leitura de clássicos não se limita apenas ao aspecto estético, mas também auxilia a compreensão das complexidades da condição humana. A leitura de clássicos, portanto, é uma prática fundamental para a formação de indivíduos críticos e reflexivos.

Outros autores também destacam a importância da leitura de clássicos para o desenvolvimento humano. Para Bloom (2001, p. 12), por exemplo, "os clássicos nos permitem conhecer a nós mesmos e ao mundo que nos cerca, e essa é a razão de sua importância para a formação cultural e pessoal". Esse argumento reforça a ideia de que os clássicos não são apenas obras do passado, mas têm um papel fundamental na formação do indivíduo como ser humano e como cidadão do mundo. Ao ler essas obras, o leitor tem a oportunidade de se reconhecer e de compreender melhor a realidade que o cerca, em uma experiência de aprendizado e enriquecimento constante.

Já Adler (2013) destaca que a leitura de clássicos é importante porque possibilita o aprimoramento do senso crítico e analítico. Assim, o autor argumenta que "os grandes livros são escritos em uma linguagem viva, a qual é capaz de expressar os pensamentos mais profundos e sutis dos homens, e eles são ricos o suficiente para enriquecer a mente daqueles que os leem" (ADLER, 2013, p. 28).

Além disso, outros autores destacam a importância dos clássicos como fonte de inspiração e aprendizado. Para C.S. Lewis (2017, p. 4), por exemplo, a leitura de clássicos é importante porque "os livros antigos são aqueles que contêm a sabedoria da humanidade". O escritor argumenta que a leitura de clássicos é uma forma de aprender com as experiências e reflexões dos grandes pensadores do passado.

Por sua vez, Umberto Eco destaca que a leitura de clássicos é importante porque aprofunda a compreensão da natureza humana. O teórico argumenta que "os clássicos são uma fonte inesgotável de conhecimento, pois contêm as verdades fundamentais sobre o ser humano e o mundo" (ECO, 2003, p. 78).

A partir das reflexões de autores como Italo Calvino, Harold Bloom, Mortimer Adler, C.S. Lewis e Umberto Eco, pode-se concluir que a leitura de clássicos é fundamental para todo o desenvolvimento humano, pois possibilita o autoconhecimento, a compreensão do mundo, o desenvolvimento de uma mente crítica e analítica, o fornecimento de inspiração e aprendizado, e finalmente, a percepção da natureza humana. Assim, a leitura de clássicos é uma forma de enriquecer a vida intelectual e emocional, e uma prática que deveria ser incentivada e valorizada na sociedade.

1.3 ELEMENTOS NARRATIVOS

Nesta seção, apresentam-se as análises que serão realizadas nas obras clássicas intercontinentais, a análise dos elementos narrativos presentes nos livros clássicos pode ser enriquecida pela leitura de obras que abordam a teoria literária e a história da literatura. Por exemplo, o crítico literário Northrop Frye, elabora uma análise dos arquétipos narrativos presentes em diferentes obras literárias, permitindo uma compreensão mais profunda das estruturas narrativas. Segundo Frye (2014, p. 33), "os arquétipos são formas simbólicas, ou imagens, que têm um significado comum para todas as culturas, e que podem ser identificadas em várias obras literárias".

O autor apresenta uma análise profunda dos elementos narrativos presentes em diferentes obras literárias. Para Frye (2014, p. 25), a narrativa é composta por um conjunto de elementos que se relacionam entre si, formando uma estrutura que dá sentido à obra, "o estudo da literatura começa e termina com a narrativa, pois é a narrativa que organiza a experiência humana em uma forma significativa". Dentre os elementos narrativos, destaca-se a ação, o personagem, o tempo e o espaço. Segundo Frye (2014, p. 28), "a ação é o que acontece na narrativa, o personagem é quem faz a ação, o tempo é quando a ação acontece e o espaço é onde ela acontece". Além disso, o autor destaca a importância do mito e do arquétipo na construção narrativa, afirmando que "o mito é a linguagem da narrativa, pois é por meio dos mitos que as experiências humanas são organizadas em padrões significativos" (FRYE, 2014, p. 121).

Outro elemento destacado por Frye na análise narrativa é a estrutura da obra. Para o escritor, a estrutura é a forma como a narrativa é organizada, formando uma unidade significativa. Segundo Frye (2014, p. 162), "a estrutura é o que dá forma à narrativa, permitindo que ela seja compreendida e apreciada pelo leitor". Cada estrutura narrativa possui características próprias, que se relacionam com as experiências humanas em diferentes contextos, de acordo com Frye (2014, p. 203), "a estrutura narrativa é a forma como a experiência humana é organizada, permitindo que o leitor compreenda e aprecie a obra em sua plenitude". Em suma, o autor apresenta uma análise rica e profunda dos elementos narrativos presentes nas obras literárias, permitindo uma compreensão mais profunda da literatura e de sua relação com a experiência humana.

Outro autor que deve ser considerado para a análise narrativa trata-se de Tzvetan Todorov que em sua obra "As Estruturas Narrativas", apresenta uma análise dos elementos que compõem a narrativa e seu papel na construção do sentido da obra. Para Todorov (2011),

a narrativa é composta por dois elementos principais: a história, que é a sucessão de eventos narrados, e a intriga, que é a forma como esses eventos são organizados na narrativa. Segundo o autor, "a intriga é a forma que a história toma na narrativa, e é por meio dela que o autor constrói o sentido da obra" (TODOROV, 2011, p. 23). Além disso, o autor destaca a importância do narrador na construção da obra, afirmando que é ele quem controla a perspectiva da narrativa. Ainda de acordo com Todorov (2011, p. 35), "o narrador é o mediador entre a história e o leitor, e é por meio dele que o sentido da obra é construído".

Outro elemento importante para Todorov na análise narrativa é a estrutura da obra, podendo ser definida como a forma como a intriga é organizada, formando uma unidade significativa. Segundo o escritor, "a estrutura é o esqueleto da narrativa, e é por meio dela que o sentido da obra é construído" (TODOROV, 2011, p. 72). Dentre as estruturas narrativas, Todorov destaca a narrativa linear e a narrativa circular. Na narrativa linear, a intriga é organizada de forma cronológica, enquanto na narrativa circular, a intriga retorna ao ponto de partida, formando um ciclo. Para Todorov (2011, p. 98), "a estrutura narrativa é o que dá forma à obra, permitindo que o sentido seja construído de forma clara e coerente". Em síntese, a obra de Todorov apresenta uma análise profunda e detalhada dos elementos narrativos e sua importância na construção do sentido da obra.

Nesse contexto, a obra que centralizará a análise narrativa dos clássicos intercontinentais será a obra "Como analisar narrativas", de Cândida Vilares Gancho (2006), que oferece uma metodologia para análise de narrativas literárias, desde contos até romances. A obra, sendo uma referência para estudantes de literatura, professores e pesquisadores, busca aprofundar a compreensão sobre os elementos narrativos presentes em textos ficcionais. Ao longo do livro, a autora apresenta uma série de conceitos fundamentais para a análise de narrativas. Posteriormente, serão descritos os principais elementos da análise de narrativas abordados por Gancho.

Para começar, o enredo é um dos elementos fundamentais da análise de narrativa, e segundo a autora, é composto por "um conjunto de ações e eventos que se encadeiam de forma lógica e temporal" (GANCHO, 2006, p. 43). O enredo é responsável por dar continuidade à narrativa e fazer com que o leitor se mantenha interessado na história. A autora destaca que o enredo pode ser organizado de diferentes formas, como por exemplo, a ordem cronológica dos eventos, a sequência causal dos acontecimentos ou ainda a ordem de importância dos elementos narrativos.

Outro aspecto importante do enredo é a presença de conflitos e obstáculos, que são responsáveis por gerar tensão na narrativa e manter o interesse do leitor. "Os conflitos podem

se apresentar sob diferentes formas: conflitos entre personagens, conflitos internos dos personagens, conflitos entre o personagem e a sociedade ou a natureza" (GANCHO, 2006, p. 45). Além desses aspectos, a autora destaca a importância do desfecho na análise do enredo, pois essa parte é responsável por dar sentido à narrativa como um todo, e pode ser surpreendente ou previsível, dependendo da intenção do autor.

Outro elemento importante na análise de narrativa, segundo Gancho, são os personagens. Segundo Gancho (2006, p. 41), "os personagens são os elementos da narrativa que mais despertam o interesse do leitor, pois é através deles que a história ganha vida e significado". A autora destaca que a construção dos personagens envolve diversos aspectos, como a sua descrição física, suas características psicológicas, seu comportamento e suas relações com outros personagens e com o ambiente ao seu redor. Segundo ela, "os personagens são a alma da narrativa, e sua presença é fundamental para que a história seja contada" (GANCHO, 2006, p. 41).

Os personagens podem ser classificados de acordo com sua função na narrativa, como por exemplo, o protagonista, o antagonista, o coadjuvante e o figurante. De acordo com a escritora, é importante que o autor saiba empregar adequadamente os personagens a fim de permitir que a história seja contada da maneira mais eficiente possível, tendo em vista que a função desses indivíduos está diretamente relacionada ao desenvolvimento da trama.

Além disso, a autora destaca que os personagens podem apresentar evolução ao longo da narrativa, o que é conhecido como arco de transformação. Segundo ela, "o arco de transformação é o processo de mudança que o personagem sofre ao longo da narrativa, e que pode ser positivo ou negativo" (GANCHO, 2006, p. 126). A evolução dos personagens é fundamental para que a história tenha significado e transmita uma mensagem ao leitor.

A pesquisadora destaca ainda a importância da empatia do leitor com os personagens, pois se o personagem é identificável, com qualidades e características semelhantes ao leitor, haverá mais envolvimento com a narrativa. A empatia é fundamental para que a narrativa seja eficiente em transmitir suas mensagens e provocar reflexões no leitor.

Além desses elementos, algo essencial na análise de narrativas é o fator tempo, pois é a partir dele que se estabelecem as conexões entre os eventos narrados e se constrói a linha temporal da história. Segundo ela, "o tempo é o espaço em que os fatos ocorrem e as personagens vivem" (GANCHO, 2006, p. 67). A autora destaca ainda que o tempo na narrativa pode ser tanto cronológico quanto psicológico, ou seja, ele pode seguir a ordem temporal dos eventos ou pode ser subjetivo, relacionado à percepção das personagens sobre a passagem do tempo.

Além disso, a autora destaca a importância do uso de recursos narrativos como a elipse, a analepse e a prolepse, que permitem ao autor manipular o tempo na narrativa. A elipse é a supressão de um trecho de tempo na história, enquanto a analepse é o retorno a um momento anterior na história e a prolepse é a antecipação de um fato futuro. Tais recursos utilizados para ampliar a complexidade temporal da trama possibilitando ao escritor conceber efeitos de suspense e o inesperado.

Outro aspecto essencial nas narrativas se trata do espaço, que pode ser entendido como "o local onde se desenvolve a ação, a partir do qual se definem e se estabelecem as relações dos personagens com o meio ambiente" (GANCHO, 2006, p. 68). A autora ainda destaca que o espaço pode ser considerado um elemento importante para a construção da narrativa, pois a escolha dos lugares onde se passam as ações pode influenciar a dinâmica da trama e a caracterização das personagens.

Além disso, o espaço pode estar relacionado ao tema da obra e com a atmosfera que se pretende criar. Sobre isso, é argumentado que o uso do espaço em uma narrativa pode ser interpretado como um recurso para estabelecer a verossimilhança e construir um universo fictício no qual há uma maior conexão entre a ação e a realidade experienciada.

Por fim, para se analisar devidamente uma narrativa, deve-se atentar ao fator narrador, pois de acordo com a autora, o narrador é responsável por transmitir a história ao leitor, podendo apresentar diferentes formas de narrar e diferentes pontos de vista. Gancho (2006) destaca que é importante analisar o tipo de narrador presente na narrativa, se é um narrador onisciente ou não, se é um narrador personagem, entre outras possibilidades.

A autora ainda destaca que o narrador pode apresentar diferentes graus de presença na história, podendo ser mais ou menos participativo, e que sua presença pode influenciar na compreensão da história pelo leitor. Além disso, é importante analisar a relação entre o narrador e os personagens da história, bem como a relação entre o narrador e o leitor. Segundo a obra destacada, a análise do narrador é importante para compreender a visão de mundo presente na narrativa, uma vez que é ele quem seleciona os acontecimentos a serem narrados e a forma como serão apresentados.

Além dos elementos narrativos abordados por Cândida Vilares Gancho, é importante destacar que na leitura dos clássicos é necessário compreender o contexto histórico e cultural em que a obra foi produzida. Conforme afirma Eagleton (2006, p. 9), "as obras são, em parte, produtos de sua própria época; seus valores e ideias têm um contexto histórico e cultural específico, que deve ser levado em conta se quisermos entender o que a obra significa". Dessa

forma, a análise da obra deve considerar não apenas os elementos narrativos, mas também o contexto social, político e cultural em que a obra foi produzida.

Ademais, é importante destacar que os clássicos da literatura podem oferecer uma reflexão sobre a condição humana em diferentes épocas. Como afirma Camus, "cada grande obra de arte traz consigo sua carga de mistério, de novidade, de revelação do mundo e do homem" (CAMUS, 1951, p. 73). Dessa forma, a leitura dos clássicos não se limita apenas ao entendimento dos elementos narrativos, mas também possibilita uma reflexão sobre a vida, a sociedade e a história.

Por fim, é importante destacar que a leitura dos clássicos não se restringe apenas aos estudantes de literatura, mas pode ser enriquecedora para todos os leitores. Conforme afirma Calvino (2007, p. 11), "se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo". Portanto, a leitura dos clássicos é uma jornada que pode ser percorrida ao longo de toda a vida, pois a cada nova leitura é possível descobrir novas camadas de significado na obra.

Em resumo, a análise dos elementos narrativos segundo Gancho (2006) pode ser sintetizada no seguinte quadro:

Quadro 1 – Elementos narrativos descritos por Gancho (2006)

ELEMENTO NARRATIVO	CONCEITO
Enredo	Conjunto de ações que oferecem continuidade à narrativa, através de conflitos, obstáculos e desfecho
Personagens	Elementos que dão vida a narrativa e capazes de possuir diversas funções e evolução, podendo envolver o leitor através da identificação de características semelhantes
Tempo	Oferece conexões entre os eventos narrados, construindo a linha temporal da narrativa
Espaço	Local onde se desenvolve a ação, possibilitando a construção de um universo fictício, onde pode haver uma conexão entre a ação e a realidade
Narrador	Responsável por transmitir a história ao leitor, oferecendo a compreensão da visão do mundo presente na narrativa

Fonte: Autoria própria com base em Gancho (2006)

Esse tipo de estudo é fundamental para a compreensão das obras literárias, mas é importante lembrar que a leitura dos clássicos não se limita a isso. A compreensão do contexto histórico e cultural em que a obra foi produzida, bem como a reflexão sobre a condição humana em diferentes épocas, são elementos essenciais para a apreciação das grandes obras da literatura universal.

Logo, fica evidente que a análise de narrativas é uma prática fundamental para compreender a riqueza das obras literárias. É por meio dos elementos narrativos, como o narrador, espaço, tempo, personagens e enredo que é possível adentrar na complexidade das narrativas e compreender as suas múltiplas camadas de significado. Além disso, é necessária a compreensão de todo o entorno destes elementos, ou seja, o contexto histórico e cultural em que as obras foram produzidas.

Em virtude dos argumentos apresentados, é possível uma compreensão mais profunda do valor dos clássicos e do seu papel na formação da cultura e da sociedade. Como afirma Calvino (2007, p. 14), "a leitura dos clássicos é essencial porque nos permite ter uma compreensão mais ampla e profunda do mundo em que vivemos, de nossas próprias vidas e das vidas daqueles que vieram antes de nós". Portanto, a análise de narrativas é uma ferramenta valiosa para descobrir as múltiplas facetas dos clássicos e para apreciar a sua relevância atemporal.

2 UMA ANÁLISE LITERÁRIA E CULTURAL COMPARATIVA ENTRE “A CASA DA ALEGRIA” E “MHUDI”

Neste capítulo, será realizada uma análise histórica e cultural dos continentes retratados nas obras literárias "A Casa da Alegria" e "Mhudi". As obras oferecem uma visão abrangente dos contextos sociais, políticos e culturais em que se desenrolam, explorando as diferentes épocas em que foram escritas e os autores por trás delas. Além disso, serão examinados os elementos narrativos presentes nas obras, a fim de compreender como esses elementos contribuem para a construção da trama e o desenvolvimento dos personagens.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DOS PAÍSES E COMO ELES INFLUENCIARAM AS OBRAS

Nesta seção, será realizada uma análise do contexto histórico e cultural dos países em que as obras "A Casa da Alegria" e "Mhudi" foram escritas, bem como da forma como esses contextos influenciaram as narrativas. Compreender o ambiente histórico e cultural em que os autores estavam imersos permite uma compreensão mais profunda das motivações por trás das histórias e das mensagens que desejavam transmitir. Serão exploradas as influências políticas, sociais, econômicas e culturais que moldaram as sociedades da época, analisando como esses fatores se refletem nas tramas, nos personagens e nas temáticas das obras. Através dessa análise, busca-se aprimorar a compreensão e apreciação dessas duas importantes obras literárias.

2.1.1 A casa da alegria

“A Casa da Alegria” foi publicado em 1905, quando a escritora Edith Wharton estava em uma fase de transição em sua vida pessoal e profissional. Segundo Lewis (1989, p. 259, tradução nossa¹) “Wharton havia acabado de se separar de seu marido e estava começando a construir uma carreira como escritora”. A autora já havia publicado dois romances, mas foi com esta obra que começou a receber reconhecimento crítico e comercial.

¹ Wharton had just separated from her husband and was beginning to build a career as a writer.

Historicamente, Wharton estava escrevendo em um momento em que as mulheres ainda tinham pouca representação na literatura americana. Lewis (1989, p. 270, tradução nossa²) afirma que "em 1905, a lista de escritoras de ficção de qualidade publicadas na América era breve e desigual". Assim, Wharton enfrentou desafios em sua carreira literária, incluindo a luta para ser levada a sério como escritora em um mundo literário dominado por homens.

Ademais, o contexto histórico e cultural da época também influenciou a escrita de Wharton, pois a década de 1900 foi um período de mudanças significativas nos Estados Unidos, com a emergência de novos movimentos sociais e políticos, bem como o surgimento de novas formas de arte e literatura. Wharton estava inserida nesse contexto e sua escrita refletia as tensões e contradições da sociedade americana em transformação.

Focando no aspecto histórico que circulou a publicação da obra, a partir de 1905, segundo Foner (2019, p. 658, tradução nossa³), "a primeira década do século XX foi marcada pelo crescimento do movimento pelos direitos das mulheres, a urbanização acelerada e a luta por direitos civis". Outrossim, de acordo com o autor, nesse período, "a política americana foi influenciada pela presidência de Theodore Roosevelt, um dos presidentes mais progressistas da história dos Estados Unidos, que implementou políticas econômicas e sociais que buscavam proteger os trabalhadores e controlar os monopólios" (FONER, 2019, p. 662, tradução nossa⁴).

Desde o início do século XX, os Estados Unidos passaram por um período de grandes transformações sociais, culturais e políticas, que tiveram um impacto significativo na literatura do país. Uma dessas mudanças foi o aumento da urbanização e a migração em massa para as cidades, o que levou a uma nova forma de vida e cultura urbana. Como destaca Sontag (2020, p. 7), "a cidade é um mundo acelerado, fragmentado, multifacetado, capaz de oferecer experiências intensas e contrastantes que dificilmente podem ser encontradas em outro lugar."

Além disso, o período entre as duas guerras mundiais foi caracterizado por uma série de mudanças políticas e sociais, como a luta pelos direitos civis, o aumento da industrialização e a Grande Depressão. Esses eventos tiveram um impacto significativo na literatura americana, que começou a refletir as mudanças e desafios enfrentados pela sociedade. Como

² In 1905, the list of quality fiction female writers published in America was brief and uneven.

³ The first decade of the 20th century was marked by the growth of the women's rights movement, accelerated urbanization, and the struggle for civil rights.

⁴ American politics were influenced by the presidency of Theodore Roosevelt, one of the most progressive presidents in the history of the United States, who implemented economic and social policies aimed at protecting workers and controlling monopolies.

destaca Bloom (1995, p. 13), "a literatura americana do século XX foi profundamente influenciada pelas tensões sociais e políticas do período, que exigiram uma nova abordagem da arte e da escrita."

Em termos de cultura popular, a década de 1950 foi marcada pelo surgimento da cultura juvenil e do 'rock and roll', além da crescente influência da televisão. Como destaca Kerouac (2015, p. 147), "a televisão é uma grande influência na cultura americana, moldando a maneira como as pessoas pensam, agem e se relacionam".

Em resumo, a literatura americana do século XX foi profundamente influenciada pelas mudanças sociais, culturais e políticas da época. Como destaca Steinem (2019, p. 21, tradução nossa⁵), "a literatura é uma forma de arte que reflete e molda a sociedade ao mesmo tempo, e a literatura americana do século XX é um reflexo das mudanças e desafios enfrentados pelo país nesse período."

2.1.2 Mhudi

"Mhudi" é um romance histórico publicado em 1930 pelo escritor sul-africano Sol T. Plaatje. Essa obra foi o primeiro romance publicado por um autor negro na África do Sul e é reconhecido como um marco na literatura sul-africana. Pelo fato de ser um país pouco relevante em um contexto global, não possui muitas referências literárias da região, diante disso, o livro é considerado uma importante fonte histórica sobre a região e suas culturas. Linguisticamente, a obra é um marco da literatura africana, visto que a autora Plaatje utilizou pela primeira vez a língua Setswana na literatura escrita.

A ausência de renome literário da região africana pode ser atribuída a diversos fatores históricos e culturais. Como observado por Achebe (2012, p. 54), "a África foi despojada de sua autoconfiança, de sua auto-estima (sic), de sua auto-imagem (sic)" por meio da colonização europeia. A escritora também afirma que "a conquista europeia da África foi brutal e desonesta, [...] e seu primeiro ato foi o de esmagar as fontes de inspiração do povo africano" (ACHEBE, 2012, p. 33). Além disso, como destacado por Soyinka (2006, p. 36), "muitas línguas africanas não possuem uma tradição literária escrita, o que dificulta a disseminação e reconhecimento da literatura produzida na região".

⁵ Literature is an art form that both reflects and shapes society, and 20th-century American literature is a reflection of the changes and challenges faced by the country during that period.

Somado a isso, as obras literárias africanas frequentemente enfrentam desafios no mercado editorial internacional, como destacado por Phillips (2002, p. 42, tradução nossa⁶), "a publicação de literatura africana enfrenta uma série de obstáculos na indústria editorial ocidental, desde preconceitos culturais a uma falta de infraestrutura local".

A língua Setswana é uma língua falada na África Austral, principalmente em Botsuana e África do Sul. Setswana é uma língua rica, expressiva e flexível que oferece amplas possibilidades para a expressão literária e Sol T. Plaatje foi o precursor ao utilizar a língua Setswana na literatura escrita, abrindo caminho para outros escritores africanos usarem suas línguas nativas na literatura. "A literatura em línguas africanas é crucial para a consolidação da identidade cultural e nacional, e Plaatje, ao escrever em Setswana, demonstrou a importância do reconhecimento e valorização das línguas africanas na literatura" (ATTRIDGE, 2004, p. 56, tradução nossa⁷).

A literatura em línguas africanas também tem sido uma forma de resistência contra a opressão colonial e um meio de preservação da cultura e tradições africanas, como destaca Currey (2008, p. 143, tradução nossa⁸), "a literatura em línguas africanas é uma forma de resistência contra a colonização cultural e uma maneira de preservar e transmitir a cultura e a história africanas".

Solomon Tshekisho Plaatje, ou Sol T. Plaatje, escreveu seu romance "Mhudi" em 1919, mas só conseguiu publicá-lo em 1930, devido à falta de recursos financeiros e editoriais. Como observado por Irene e Gikandi (2004, p. 192, tradução nossa⁹), "Plaatje lutou por muitos anos para conseguir a publicação de 'Mhudi', pois as editoras e críticos da época não acreditavam que a literatura africana fosse comercialmente viável."

Historicamente, próximo ao ano de publicação de Mhudi, a partir de 1930, o continente africano experimentou um período de mudanças significativas, que teve um impacto duradouro na história e na cultura do continente. Como observado por Parker e Rathbone (2007, p. 101, tradução nossa¹⁰), "A primeira metade do século XX foi um período de agitação política e social em toda a África, impulsionada em grande parte pela presença colonial

⁶ The publication of African literature faces a series of obstacles in the Western publishing industry, ranging from cultural biases to a lack of local infrastructure.

⁷ Literature in African languages is crucial for the consolidation of cultural and national identity, and Plaatje, by writing in Setswana, demonstrated the importance of recognizing and valuing African languages in literature.

⁸ Literature in African languages is a form of resistance against cultural colonization and a way to preserve and transmit African culture and history.

⁹ Plaatje fought for many years to get 'Mhudi' published because publishers and critics at the time did not believe that African literature was commercially viable.

¹⁰ The first half of the 20th century was a period of political and social upheaval throughout Africa, largely driven by the presence of European colonialism.

européia." A África do Sul, em particular, estava passando por uma série de mudanças políticas e sociais significativas na década de 1930, que acabariam por levar ao estabelecimento do sistema de apartheid.

Uma das mudanças mais importantes na África do Sul na década de 1930 foi o aumento da urbanização e a migração de trabalhadores do campo para as cidades. Como observado por Ross (2009, p. 174, tradução nossa¹¹), "Na década de 1930, a cidade [...] cresceu rapidamente como resultado da mineração e da industrialização." Essa urbanização teve um impacto significativo na cultura e na sociedade sul-africana, criando uma classe de trabalhadores urbanos e desafiando as tradições e valores culturais existentes.

Ao mesmo tempo, a década de 1930 também viu a crescente influência do nacionalismo africano e a luta pela independência em todo o continente. Como observado por Meredith (2011, p. 167, tradução nossa¹²), "O nacionalismo africano começou a se desenvolver em todo o continente na década de 1930, em resposta à exploração colonial e à discriminação racial." Essa luta pela independência e liberdade teve um impacto significativo na cultura e na literatura africana, com muitos escritores africanos começando a explorar as questões da identidade cultural e da luta política em seus trabalhos.

A partir da década de 1930, a África do Sul começou a experimentar uma prolífica produção literária, com destaque para as obras que refletiam a rica diversidade cultural do país, como Mhudi. Segundo McDonald (2010, p. 5, tradução nossa¹³), "A África do Sul tem uma tradição literária vibrante que abrange muitas línguas e gêneros, incluindo poesia, prosa, teatro e crítica literária". No entanto, durante o regime do *apartheid*, muitas dessas obras foram censuradas ou banidas pelo governo, o que tornou ainda mais difícil para os autores expressarem suas visões e experiências.

Apesar dos desafios enfrentados pelos escritores durante o *apartheid*, a literatura sul-africana continuou a florescer e a se expandir em novas direções após o fim do regime. Como relatado, "desde o final do apartheid, a literatura sul-africana se diversificou em termos de línguas, temas e estilos" (HOFMEYR, 2013, p. 187, tradução nossa¹⁴). A literatura contemporânea da África do Sul agora inclui obras em uma variedade de línguas, incluindo o inglês, o *afrikaans* e várias línguas africanas, além de explorar temas complexos, como

¹¹ In the 1930s, the city [...] rapidly grew as a result of mining and industrialization.

¹² African nationalism began to develop across the continent in the 1930s, in response to colonial exploitation and racial discrimination.

¹³ South Africa has a vibrant literary tradition that spans across multiple languages and genres, including poetry, prose, theater, and literary criticism.

¹⁴ Since the end of apartheid, South African literature has diversified in terms of languages, themes, and styles.

identidade, raça, gênero e política. Essa rica e diversa tradição literária continua a crescer e se desenvolver, refletindo a rica história e cultura da África do Sul.

2.2 ANÁLISE TEMÁTICA E SIMBÓLICA DAS OBRAS E COMPARAÇÃO DE ELEMENTOS NARRATIVOS

A literatura clássica é um fator inestimável da cultura humana, repleta de obras atemporais que possuem a capacidade de transportar o leitor para outros tempos e lugares, e mergulhar nas profundezas da condição humana. No entanto, a análise de tais obras ainda permanece sendo um desafio para muitos leitores, estudiosos, críticos e especialistas literários. Felizmente, a obra 'Como analisar narrativas', de Cândida Vilares Gancho, fornece uma estrutura útil para desvendar as complexidades da narrativa literária. Como afirmou a autora, "a análise literária consiste em examinar um texto sob diversos aspectos, em função de um determinado objetivo" (GANCHO, 2006, p. 17).

Nesta seção, será realizada uma análise temática, simbólica e comparativa das obras "A Casa da Alegria" e "Mhudi". Serão explorados os temas, símbolos e elementos narrativos presentes em ambas, buscando compreender as mensagens transmitidas pelos autores. Por meio dessa análise, será possível identificar as semelhanças e diferenças nas estruturas e estilos das obras. O objetivo é aprofundar a compreensão e apreciação das obras, valorizando sua riqueza artística e literária.

2.2.1 Análise de “A casa da alegria”

Nesse contexto, para iniciar a “viagem intercontinental através de clássicos” pretende-se aplicar os conceitos de Gancho (2006) para analisar a obra do continente americano, “A Casa da Alegria”, de Edith Wharton.

2.2.1.1 Enredo

Primeiramente, ao referir-se ao enredo da obra, primeiro elemento da análise narrativa segundo Gancho, este fator envolve a observação de diversas características que compõem a

história, como a ação central ou conflito principal, a sequência de eventos e ações, o desenvolvimento dos personagens ao longo do enredo, a estrutura narrativa e o uso de técnicas de narrativa. Segundo Gancho (2006, p. 17), essa análise pode ser realizada de forma aprofundada, "percebendo a lógica interna da narrativa, suas motivações, seus efeitos sobre o leitor". A autora ainda destaca que é importante observar como esses elementos se conectam e se relacionam, para compreender a narrativa como um todo.

Diante disso, pode-se definir que a obra "A Casa da Alegria", de Edith Wharton, é um romance que apresenta um enredo complexo e bem estruturado. A história se concentra em Lily Bart, uma jovem socialite de Nova York que luta para manter sua posição na alta sociedade e encontrar um marido rico, por pressão social e financeira. O enredo do clássico estadunidense se desenrola em torno dessa incansável busca de Lily por um marido, juntamente com as consequências de suas ações. A autora constrói habilmente a sequência de eventos e ações, criando uma trama intrigante que mantém o leitor envolvido. À medida que a história se desenrola, Lily se vê envolvida em um ciclo de fofocas, manipulações e traições, enquanto luta para alcançar seus objetivos e manter sua posição social.

Seguindo os conceitos de Gancho (2006, p. 58), "a ação central ou conflito principal é o elemento que impulsiona a história e que é responsável por gerar tensão e interesse no leitor". No caso de "A Casa da Alegria", a ação central se concentra na personagem principal, Lily Bart, e em seus esforços para encontrar um casamento que lhe garanta estabilidade financeira e social. Esse conflito é o que move a história e a leva a desdobrar-se em diversas situações e eventos, como as festas e os encontros sociais em que Lily busca atrair um pretendente, ou as situações em que ela é confrontada com a dificuldade de manter sua posição social sem comprometer sua integridade moral. Essa ação central é o que origina o ponto de partida para a análise de enredo de uma narrativa, e no romance essa ação central é fundamental para a compreensão da história e das motivações da personagem principal.

A sequência de eventos e ações segue a trajetória da personagem Lily Bart, que busca se estabelecer na alta sociedade nova-iorquina. De acordo com Gancho (2006, p. 21), "o enredo deve ser examinado em termos de causalidade e relevância: os eventos devem seguir logicamente uns aos outros, e cada evento deve contribuir de alguma forma para a trama". Nesse sentido, a narrativa de Wharton apresenta uma série de eventos e ações que se relacionam diretamente com o conflito principal da história, como a recusa de Lily em se casar com Simon Rosedale, um rico empresário, e suas tentativas de conquistar o coração de Lawrence Selden, um advogado mais jovem e idealista. Além disso, a sequência de eventos também apresenta ações dos personagens secundários que afetam a trajetória de Lily, como a

traição de Bertha Dorset e a influência da tia de Lily, Mrs. Peniston. Tudo isso contribui para o desenvolvimento da trama e para a construção da personagem principal.

No desenvolvimento dos personagens ao longo do enredo, "é importante não apenas observar como as personagens mudam ao longo da narrativa, mas também como se relacionam e se afetam mutuamente" (GANCHO, 2006, p. 41). Ao longo da narrativa Lily Bart passa por uma série de experiências que a transformam em uma personagem mais complexa e amadurecida. Inicialmente, ela é apresentada como uma jovem elegante, bonita e charmosa, que busca um marido rico para manter seu estilo de vida luxuoso. No entanto, ela não consegue encontrar um casamento vantajoso e sua posição social começa a declinar.

Com o tempo, Lily começa a perceber que seus antigos amigos não estão dispostos a ajudá-la em sua situação difícil e ela se vê cada vez mais sozinha. Ela também passa a ter conflitos internos sobre seus próprios valores e motivações, questionando sua busca por status e riqueza. Esses conflitos internos são evidenciados em seus pensamentos, quando ela reflete sobre sua vida e suas decisões: "De que adiantava, pensou, a pessoa ter beleza, talento, inteligência, energia, se não houvesse uma finalidade clara e prática para essas vantagens?" (WHARTON, 2022, p. 224)

Lily começa a se sentir cada vez mais desiludida com a sociedade em que vive, que parece valorizar apenas a riqueza e o status social. Ela passa a questionar seu papel nessa sociedade e a se sentir cada vez mais deslocada. Esse processo de reflexão a leva a uma mudança em sua personalidade e motivações, fazendo com que ela se torne mais crítica e menos ingênua.

Dessa forma, o desenvolvimento de Lily ao longo da narrativa é fundamental para a compreensão do enredo e da mensagem da obra de Wharton. A personagem passa de uma jovem ingênua e superficial a uma mulher mais crítica e madura, que compreende que a felicidade não está necessariamente ligada à riqueza e ao status social.

Referente a estrutura narrativa do romance, esta é linear e segue a ordem cronológica dos eventos. A história começa com uma apresentação geral da sociedade de Nova York no início do século XX e, em seguida, apresenta a personagem principal, Lily Bart, e sua situação financeira precária. A narrativa avança com os eventos que ocorrem na vida de Lily e as escolhas que ela faz para tentar se recuperar financeiramente.

Na narrativa de Wharton, as transições entre os eventos são fluidas e acontecem de maneira natural, como quando Lily é convidada para uma viagem de iate com Percy Gryce, o que leva a sua apresentação ao ambiente de alta sociedade e a consequente ascensão em seu

círculo social. As transições entre os eventos são suaves e permitem ao leitor acompanhar a evolução da história sem se perder.

Gancho (2006, p. 67) ressalta que "a organização dos eventos é importante porque pode enfatizar certos aspectos da história e influenciar a forma como a história é interpretada pelo leitor". No caso do romance, a ordem cronológica dos eventos enfatiza a evolução da personagem de Lily. Isso também destaca a crítica social presente na narrativa, que retrata a sociedade da época como superficial e baseada na riqueza e na aparência.

Sobre o uso de técnicas de narrativa, no clássico estadunidense, há um uso recorrente de flashbacks que ajudam a contextualizar a história de Lily e a entender suas escolhas e comportamentos. "Essas técnicas de narrativa desempenham um papel importante na construção da história. Elas permitem que o leitor tenha uma visão mais ampla dos personagens e eventos, e ajudam a criar tensão e interesse na trama." (GANCHO, 2006, p. 67). Por exemplo, o flashback é usado para apresentar o passado de Lily e sua relação com a família Trenor, mostrando como suas escolhas e decisões foram moldadas pela influência deles. Além disso, há também o uso de analepses, que são um tipo específico de flashback que retoma eventos anteriores na narrativa. Um exemplo disso é quando Wharton usa uma analepse para mostrar o momento em que Lily conheceu Lawrence Selden, personagem com quem ela tem um relacionamento ao longo da história. Com essas técnicas de narrativa, Wharton consegue construir uma história complexa e rica em detalhes, que prende o leitor até o fim.

2.2.1.2 Personagens

De acordo com Gancho (2006, p. 26), "os personagens são a força motriz por trás da narrativa, fornecendo o combustível emocional e psicológico necessário para que a história se desenvolva", fatores essenciais para a construção de uma narrativa bem-sucedida.

Na narrativa de Wharton, os personagens são peças fundamentais para a trama e apresentam características identificáveis ao leitor. A protagonista Lily Bart, por exemplo, é uma mulher jovem e bela, que pertence à alta sociedade de Nova York no início do século XX. Ela é retratada como uma pessoa ambiciosa, que busca ascender socialmente, mas que se vê presa a um mundo fútil e materialista, que a impede de realizar seus sonhos e desejos mais profundos. Além disso, Lily é uma personagem complexa, que esconde suas inseguranças e

medos por trás de uma aparência confiante e sedutora, o que a torna ainda mais intrigante e interessante para o leitor.

Outro personagem que se destaca na narrativa é Lawrence Selden, o interesse romântico de Lily. Selden é um advogado que faz parte da mesma classe social de Lily, mas que mantém uma postura crítica em relação ao estilo de vida superficial e vazio da elite nova-iorquina. Ele é retratado como um homem culto e refinado, que busca uma vida mais significativa e autêntica, o que o torna um contraponto interessante para Lily. A relação entre os dois personagens é complexa e instável ao longo da trama, o que adiciona ainda mais tensão e drama à narrativa.

2.2.1.3 Tempo

Gancho enfatiza a importância do tempo na narrativa, pois ele pode influenciar a estrutura e a compreensão da história. De acordo com Gancho (2006, p. 46), "o tempo na narrativa pode ser manipulado de muitas maneiras diferentes para criar efeitos dramáticos, psicológicos e emocionais".

Na obra de Edith Wharton, a história é ambientada na virada do século XX, uma época em que as mudanças sociais e culturais estavam em andamento. Wharton utiliza o tempo de forma habilidosa para estabelecer o cenário da história, descrevendo a sociedade e suas convenções da época. Ela utiliza a narrativa para explorar as mudanças no papel das mulheres e a relação com o dinheiro e o status social. Além disso, o tempo é utilizado para destacar a mudança de percepção de Lily sobre sua própria posição social e suas opções na vida. Como Wharton (2022, p. 83) escreveu: "Em nenhum momento a ilusão do triunfo fácil permaneceu mais que alguns dias; no final, ela riu de si mesma pela facilidade com que se deixara enganar". A mudança de percepção de Lily sobre sua posição na sociedade é um dos temas centrais da história, e a utilização do tempo ajuda a destacar essa evolução da personagem.

Em "A casa da alegria", Wharton utiliza algumas técnicas narrativas para explorar o elemento tempo na história. A narrativa é contada de forma linear, mas há flashbacks que ajudam a esclarecer eventos passados e aprofundar a compreensão do leitor sobre as personagens. Por exemplo, no início da obra, há um flashback que mostra a infância de Lily, com a seguinte descrição: "Em sua infância, ela vivera cercada de todo tipo de conforto material que o dinheiro podia proporcionar, e era natural que, naquele período de sua vida, o

luxo parecesse a ela um componente essencial do bem-estar humano (WHARTON, 2022, p. 7).

Wharton também faz uso do elemento tempo para mostrar como o passado, presente e futuro estão interligados na história. Como quando Lily Bart reflete sobre suas escolhas passadas e como elas influenciaram sua posição atual na sociedade, quando diz: "A vida parecia tão simples e fácil quando eu era jovem, e agora..." (WHARTON, 2022, p. 19). Essa reflexão de Lily mostra como suas decisões passadas afetaram sua situação atual.

Além disso, Wharton utiliza o tempo para mostrar a evolução das personagens ao longo da história. Lily, em particular, passa por uma jornada emocional que é influenciada pelo tempo. Isso ocorre quando ela reflete sobre seu envelhecimento e como isso afeta sua posição na sociedade: "Ela não estava mais na idade em que se podia ser admirado por não fazer nada" (WHARTON, 2022, p. 203). Essa reflexão de Lily mostra como sua compreensão do tempo mudou ao longo da história, pois ela teve uma evolução pessoal, seus valores mudaram, portanto, sua compreensão sob o mundo mudou.

2.2.1.4 Espaço

Gancho (2006, p. 79) afirma que "o espaço pode ser visto como um elemento essencial na construção da história, pois pode ajudar a criar o clima adequado para a trama e contribuir para o desenvolvimento dos personagens".

Na obra de Wharton, o espaço também desempenha um papel importante na narrativa, especialmente na descrição da sociedade da época. A história se passa na cidade de Nova York e em seus arredores, e Wharton descreve com precisão a paisagem urbana e a arquitetura da cidade. Por outro lado, as áreas rurais ao redor da cidade são vistas como um refúgio para aqueles que desejam escapar do ambiente urbano e da pressão social.

Wharton descreve o espaço em detalhes, utilizando a linguagem para criar uma sensação de imersão no ambiente da narrativa. Por exemplo, ao descrever a casa de Lily, ela escreve: "Era uma daquelas habitações que parecem não ter sido construídas completamente, mas acrescentadas aos poucos" (WHARTON, 2022, p. 16). Essa descrição não apenas cria uma imagem visual da casa, mas também transmite uma sensação de desorganização e falta de estabilidade na vida de Lily.

Em "A Casa da Alegria", Wharton descreve com detalhes tanto os espaços urbanos quanto os espaços rurais. Os espaços urbanos são retratados como locais de agitação e conflito,

em que a busca por status e riqueza é constante. Por exemplo, quando Lily Bart visita o apartamento de Lawrence Selden, a descrição dos arredores é de um bairro movimentado e barulhento: "A agitação da rua era grande, e eles tiveram que falar alto para serem ouvidos" (WHARTON, 2022, p. 24). A autora também utiliza a descrição da arquitetura e decoração para mostrar como a sociedade de Nova York é obcecada por ostentação e aparências. Ao descrever a casa de Trenor, Wharton (2022, p. 51) afirma que "a decoração sugeria que ninguém jamais estivera ali antes, ou jamais poderia voltar novamente".

Já os espaços rurais são apresentados como refúgios da vida agitada da cidade, um lugar onde as pessoas podem se afastar da pressão social e se reconectar com a natureza. Quando Lily Bart visita a casa de campo de seu amigo Gerty Farish, a narrativa destaca a beleza natural da paisagem, como a vista das montanhas e a vegetação ao redor: "A floresta, com suas árvores amadurecidas pelo outono, estendia-se até as montanhas, que pairavam como grandes sombras no horizonte" (WHARTON, 2022, p. 93). Esses espaços afastados da cidade são considerados pelos personagens como uma espécie de refúgio, onde é possível fugir da pressão da sociedade e encontrar paz e tranquilidade.

2.2.1.5 Narrador

A figura do narrador é fundamental na construção da narrativa, pois é por meio dele que o leitor é guiado na história, podendo assumir diferentes formas de atuação, se inserindo na narrativa ou não, Gancho (2006, p. 57) define que "o narrador é a figura que controla e organiza os elementos da narrativa, criando um enredo que flui de forma lógica e coesa".

Wharton utiliza uma narrativa em terceira pessoa, na qual o narrador é um observador externo à história, mas que tem acesso aos pensamentos e sentimentos dos personagens. O narrador é objetivo na descrição dos acontecimentos e apresenta uma visão crítica da sociedade aristocrática de Nova York no final do século XIX. O narrador também apresenta reflexões sobre os personagens e seus comportamentos, o que permite ao leitor compreender melhor suas motivações e atitudes. A presença do narrador é constante ao longo da história, dando ao leitor um sentido de continuidade na narrativa e ajudando a estabelecer a atmosfera da história.

Através do narrador onisciente, se fornece uma visão ampla dos pensamentos e sentimentos dos personagens. O narrador se responsabiliza por contar a história de Lily Bart, mas também fornece uma crítica social mais ampla. No início do livro, o narrador apresenta

Lily Bart e sua posição social na sociedade de Nova York: "Lily Bart era muito bonita. Ela teve a sorte de ter uma beleza que durou até a idade em que as mulheres bonitas se tornam mães de mulheres bonitas" (WHARTON, 2022, p. 3). O narrador também destaca como as convenções sociais da época limitam as escolhas de Lily: "Sua beleza e graça atraíam a atenção, mas seus modos exigentes e suas ambições inflexíveis, mantinham-na afastada do seu círculo social" (WHARTON, 2022, p. 3).

Além disso, o narrador também se utiliza de reflexões e comentários críticos sobre a sociedade da época, como quando Wharton (2022, p. 6) discorre sobre a falta de oportunidades para as mulheres: "Não era fácil para uma jovem sem dinheiro e sem posições, sem família e sem alianças, fazer seu caminho em Nova York". O narrador também apresenta as opções disponíveis para Lily e as expectativas que recaem sobre ela: "Para ser apreciada, ela teria que ser admirada; para ser admirada, teria que ser vista; para ser vista, teria que aparecer, em suma, com uma frequência e uma pompa que estivessem fora do alcance dos recursos pessoais" (WHARTON, 2022, p. 6).

2.2.2 Análise de “Mhudi”

Com base nos princípios teóricos delineados por Gancho (2006), o propósito da seção é conduzir uma análise da obra literária "Mhudi", do autor sul-africano Sol T. Plaatje, por meio da exploração das características que compõem seu enredo, aprofundando-se na complexidade dos personagens, examinando a dinâmica temporal e espacial que permeia a narrativa e investigando a perspectiva adotada pelo narrador. O intuito é proporcionar uma apreciação abrangente e aprofundada dessa obra, imergindo nas sutilezas literárias presentes e desenvolvendo uma compreensão mais enriquecedora de sua essência artística

2.2.2.1 Enredo

Mhudi, escrito por Sol Plaatje, é uma obra que retrata a luta dos povos africanos contra a colonização europeia, e a ação central gira em torno da história de amor entre Mhudi e Ratha. Segundo Gancho (2006), a ação central é o conflito principal que move a narrativa, e em Mhudi esse conflito é representado pelo choque entre as culturas africana e europeia.

A história começa com a narrativa da infância de Mhudi, na qual é possível perceber a influência da cultura e da tradição africana na sua formação. Porém, com a chegada dos colonizadores europeus, a vida dos povos africanos começa a mudar. Mhudi e sua família são forçados a deixar a sua terra natal e migrar para outras regiões. É nesse contexto que ela conhece Ra-Thaga, um guerreiro que representa a resistência africana à colonização.

Para destacar essa influência da cultura africana na formação de Mhudi, no início do livro, o narrador descreve a crença da mãe de Mhudi em relação ao destino de sua filha: "Ela tinha certeza de que sua filha estava destinada a ser uma grande mulher, pois Mhudi nasceu com uma pequena marca em forma de estrela na palma da mão direita, e isso significava que ela tinha sido escolhida pelos deuses" (PLAATJE, 2022, p. 4). Essa crença na influência divina no destino das pessoas é uma característica muito presente na cultura africana e demonstra como a tradição e a crença estão presentes na formação da personagem principal.

Desse modo, a relação amorosa entre Mhudi e Ra-Thaga é um reflexo do conflito central da obra, que é a luta pela preservação da cultura africana em meio à imposição da cultura europeia. Mhudi é uma mulher forte e determinada, que luta pelos seus ideais e por sua cultura, e Ra-Thaga é um guerreiro que representa a resistência dos povos africanos. Juntos, eles lutam contra os colonizadores europeus, enfrentando desafios e perigos.

Conforme a narrativa avança, fica claro que essa relação é fundamental para o desenrolar dos eventos. Como destaca a obra: "Ela [Mhudi] o seguiu com a cabeça erguida, como uma princesa que caminha para o seu trono, e a sua mente encheu-se de emoções mais profundas do que as palavras podiam expressar" (PLAATJE, 2022, p. 20). A relação entre os personagens é marcada por intensidade e por uma grande carga emocional, o que a torna ainda mais importante para a trama.

A ação central da obra se desenvolve a partir do conflito entre os povos africanos e europeus, e a história de amor entre Mhudi e Ra-Thaga é um reflexo desse conflito. A autora utiliza a narrativa para mostrar a importância da preservação da cultura africana, e como os povos africanos lutaram bravamente contra a colonização europeia. Nesse sentido, a ação central da obra é essencial para a compreensão do enredo e da mensagem que a autora deseja transmitir.

O segundo elemento a ser analisado é a sequência de eventos e as ações na narrativa. Em "Mhudi", a trama é contada de forma linear e cronológica, com poucos flashbacks. A história começa com a infância de Mhudi e segue sua trajetória até a vida adulta, com foco na relação amorosa com Ra-Thaga e nas consequências dos conflitos que ocorrem entre os povos.

Os eventos são apresentados de maneira clara e objetiva, permitindo ao leitor acompanhar facilmente a progressão da história. Por exemplo, quando Mhudi e Ra-Thaga se conhecem, Plaatje (2022, p. 43) descreve a cena em que ele a salva de um leão: "O jovem guerreiro arrastou Mhudi para um local seguro, longe do alcance do animal". A partir desse evento, a relação entre eles começa a se desenvolver, levando a outros acontecimentos que moldam a trama. Outro exemplo é o confronto entre os povos Bantu e Ndebele, que ocorre ao longo da narrativa e é o principal conflito da obra. A descrição das batalhas é apresentada de forma detalhada e emocionante, como na cena em que os guerreiros Bantu preparam-se para lutar: "Com os gritos de guerra em seus lábios, os guerreiros levantaram seus escudos e empunharam suas lanças" (PLAATJE, 2022, p. 102).

A sequência de eventos e ações em Mhudi é muito bem estruturada e coerente, sem deixar de lado a riqueza cultural africana. A narrativa se desenvolve de maneira natural e orgânica, sem atropelos ou informações confusas, fazendo com que o leitor se envolva cada vez mais com a história.

O desenvolvimento dos personagens é um elemento fundamental para uma narrativa envolvente e bem construída. Em "Mhudi", Sol T. Plaatje apresenta personagens complexos, que se transformam ao longo do enredo. Mhudi, a personagem principal, passa por diversas mudanças ao longo da história. Ela começa a história como uma jovem guerreira dotada de muito orgulho, mas ao longo da narrativa, ela se transforma em uma líder pacífica e compreensiva: "Mas agora não era mais a Mhudi de antes. Ela não se sentia mais tão forte e guerreira, nem mesmo desejosa de combate" (PLAATJE, 2022, p. 110).

Outro personagem que passa por uma grande transformação é Ra-Thaga, o parceiro amoroso de Mhudi. Ele começa a história como um guerreiro agressivo, mas ao longo da narrativa, ele se transforma em um homem mais sensível e compreensivo, Plaatje (2022, p. 127) destaca essa mudança de personalidade: "No final, a dor abriu sua alma, e ele percebeu que sua vida não era mais sua. De repente, ele viu a verdade. Ele estava em um mundo diferente agora. Não havia necessidade de odiar ou lutar. Ele sentiu um desejo de paz".

Essas transformações dos personagens são essenciais para a narrativa, pois permitem ao leitor acompanhar o desenvolvimento das personalidades e a evolução dos relacionamentos interpessoais. Além disso, a transformação dos personagens ajuda a reforçar as mensagens centrais da obra, como a importância da compaixão, da empatia e do respeito mútuo.

Da mesma forma, o desenvolvimento dos personagens também está ligado à temática central da obra, que é a luta contra os colonizadores. Como afirma Mhudi em um diálogo com Ra-Thaga: "Será que os nossos filhos terão que aprender a falar a língua desses

brancos?"(PLAATJE, 2022, p. 9). Essa frase mostra que os personagens estão em constante evolução e que a luta pela liberdade e independência é uma parte importante do desenvolvimento deles.

Ademais, a estrutura narrativa em Mhudi segue um padrão linear, com uma sequência de eventos que se desenrolam de forma cronológica. O enredo é organizado em capítulos que seguem uma ordem temporal, mostrando a evolução da história e dos personagens ao longo do tempo. A partir disso, a narrativa é contada em terceira pessoa, permitindo ao leitor acompanhar os pensamentos e ações dos personagens de uma perspectiva externa.

A narrativa também apresenta algumas digressões, ou seja, desvios na narrativa principal que incluem informações ou histórias que não são diretamente relevantes para o enredo central, sobre temas mais amplos, como a cultura e a tradição africanas, a colonização e o choque cultural entre brancos e negros. Entretanto, esses temas abordados ao longo da história, não prejudicam a linearidade da trama.

Por fim, a narrativa traz um desfecho que conclui todos os pontos em aberto da história, com um final satisfatório para o leitor. A estrutura narrativa em Mhudi, portanto, é bastante clara e bem definida, permitindo que o leitor acompanhe facilmente a história e se envolva com os personagens.

Um exemplo de como a narrativa segue uma ordem cronológica pode ser visto na cena em que Ra-Thaga é apresentado pela primeira vez. A narrativa descreve a cena da seguinte forma: "Era um jovem com uma ligeira barba negra que se estendia das orelhas até o queixo. Ele estava vestido com uma túnica de couro de antílope, e carregava uma lança em uma das mãos" (PLAATJE, 2022, p. 16). A descrição detalhada do personagem indica que essa é a primeira vez que Mhudi o vê e, portanto, introduz um novo elemento na história.

Dentre os principais pontos para análise do enredo das narrativas, há a identificação do uso de técnicas de narrativa, que se refere aos recursos utilizados pelo autor para contar a história. Na obra "Mhudi", o autor Sol Plaatje utiliza algumas técnicas narrativas, como a alternância de pontos de vista narrativos e a utilização de diálogos para desenvolver os personagens e avançar a trama.

A alternância de pontos de vista narrativos pode ser vista, por exemplo, quando a narrativa muda para a perspectiva de Ra-Thaga: "Ra-Thaga, por outro lado, tinha sua própria experiência pessoal de medo e agonia" (PLAATJE, 2022, p. 75). Essa técnica ajuda a fornecer uma visão mais ampla da história e a entender melhor os personagens.

Além disso, o autor também utiliza a técnica de digressão para introduzir informações sobre a cultura e a tradição africana, como quando Plaatje (2022, p. 39) declara "os Bantu

estavam entre os primeiros povos a se estabelecerem na África Austral". Essas digressões contribuem para enriquecer a história e torná-la mais interessante para o leitor.

Outra técnica narrativa utilizada pelo autor é a repetição de certas frases ou palavras, como a palavra "morte", que aparece diversas vezes ao longo da história, criando um senso de tragédia e mistério: "A morte era tudo o que ele via à sua frente. A morte e o nada" (PLAATJE, 2022, p. 84).

2.2.2.2 Personagens

Os personagens de Mhudi são fundamentais para a construção da narrativa e para a reflexão sobre a sociedade sul-africana do início do século XX. A protagonista, Mhudi, é uma guerreira corajosa e destemida, que enfrenta diversos desafios ao longo da história. Seu amor por Ra-Thaga, um guerreiro rival de sua tribo, é uma das principais forças motrizes do enredo, mas sua jornada pessoal de transformação é o que realmente faz a história avançar. Mhudi é uma figura que consegue representar toda uma sociedade, e é através dela que o leitor é capaz de se identificar com as lutas e os triunfos dos personagens da história.

Ra-Thaga, o interesse amoroso de Mhudi, é outro personagem complexo e de fácil aproximação com o leitor. No início da história, ele é retratado como um guerreiro arrogante e violento, que é odiado pelos membros da tribo de Mhudi. No entanto, à medida que a história avança, sua personalidade começa a se desdobrar e o leitor é capaz de ver seu lado mais humano e vulnerável. Como observado por Plaatje (2022, p. 44), "Ra-Thaga, por outro lado, tinha sua própria experiência pessoal de medo e agonia", e é essa experiência que o transforma em um personagem mais compreensivo e empático.

Outro personagem importante em Mhudi é o líder da tribo de Mhudi, Monomotapa. Ele é retratado como um líder forte e sensato, que está disposto a fazer o que for preciso para proteger sua tribo e seu povo. No entanto, ele também é humano e é capaz de cometer erros, demonstrando assim, que todos tem o direito de errar, até quando em cargos de liderança. Em uma cena crucial da história, Monomotapa toma uma decisão difícil que tem consequências trágicas para a tribo. Como observado por Plaatje (2022, p. 79), "Monomotapa se esqueceu de que a mente de um homem pode ser esmagada por uma calamidade inesperada", e é essa falha de caráter que o torna mais realista e identificável para o leitor.

Portanto, os personagens de Mhudi são complexos e multifacetados, e são fundamentais para a construção da narrativa e para a reflexão sobre a sociedade sul-africana

do início do século XX. Eles são capazes de dar vida à narrativa e de torná-la mais realista e identificável para o leitor. A partir dos protagonistas, Mhudi, Ra-Thaga e Monomotapa, o leitor é capaz de se identificar com as lutas e os triunfos dos personagens da história, e de refletir sobre as complexidades da condição humana.

2.2.2.3 Tempo

"Mhudi" é uma obra que se passa na África do Sul no final do século XIX, um período de intensa mudança no país, com a colonização e a imposição da cultura europeia sobre a cultura africana. A história é contada em um período de apenas alguns anos, mas esses anos são marcados por mudanças significativas na vida dos personagens e na história da região. A época em que a obra é situada é fundamental para a compreensão da narrativa, pois a colonização e o impacto que teve na cultura e na sociedade africana são temas centrais da obra.

A história começa na infância de Mhudi e segue seu crescimento até a idade adulta, enquanto a região em que vive passa por mudanças significativas, como a chegada dos colonizadores europeus. A passagem do tempo é clara na narrativa, como pode ser visto quando Mhudi volta para a sua terra natal após anos de ausência: "Mhudi não conseguia reconhecer sua antiga terra natal" (PLAATJE, 2022, p. 63).

A passagem temporal é um elemento fundamental na narrativa de Mhudi, pois permite que a trama se desenvolva e que os personagens amadureçam. Ao longo da obra, pode-se perceber diferentes momentos históricos e mudanças que ocorrem na África do Sul, especialmente em relação à colonização e à luta dos povos africanos pela liberdade.

Um trecho que evidencia a passagem do tempo na obra é quando Mhudi se encontra com Ra-Thaga após vários anos separados. Ela percebe que ele havia envelhecido e mudado muito desde a última vez que se viram: "Ele ainda era alto, mas tinha perdido um pouco da sua beleza juvenil. As rugas apareciam em volta dos olhos e das têmporas" (PLAATJE, 2022, p. 96). Essa cena é importante porque mostra como o tempo pode alterar as pessoas e como as experiências podem moldar suas personalidades.

O avanço temporal também é uma ferramenta essencial na narrativa, por exemplo, há um momento em que os colonos britânicos começam a chegar na região de Mhudi, e ocorre uma descrição da mudança no ambiente e a chegada de novas tecnologias, como armas de fogo e canhões: "A paisagem se transformou completamente. Os canhões fizeram buracos no

solo e arrasaram tudo o que encontraram pela frente" (PLAATJE, 2022, p. 113). Essa cena mostra como a chegada dos colonos britânicos mudou a região e afetou profundamente a vida das pessoas que lá viviam.

Além disso, a passagem do tempo também é importante para entender a evolução das relações entre os personagens. Por exemplo, a amizade entre Mhudi e Ra-Thaga se desenvolve ao longo dos anos e passa por diversos obstáculos. Essa trajetória mostra como o tempo pode mudar as relações entre as pessoas, mas também como a amizade verdadeira pode superar as dificuldades.

Por fim, é importante destacar que a passagem do tempo na obra Mhudi também reflete a história da própria África do Sul. A narrativa se passa em um período de grande turbulência e mudança, com a colonização e a luta dos povos africanos pela liberdade. Ao acompanhar a trajetória dos personagens ao longo dos anos, pode-se entender melhor como esses acontecimentos afetaram a vida das pessoas e moldaram a história do país.

2.2.2.4 Espaço

O espaço é um elemento fundamental na narrativa de "Mhudi", pois a história se desenrola em um contexto geográfico e cultural específico. A obra se passa na África do Sul do século XIX, durante o período em que os colonizadores europeus estavam invadindo o continente. A narrativa se concentra principalmente nas regiões da atual província de Gauteng e em áreas próximas ao rio Limpopo.

A descrição detalhada dos espaços na obra é essencial para entender a ação e o enredo, além de auxiliar para criar uma imagem vívida do ambiente em que a narrativa se desenrola. O autor usa a paisagem para criar um sentido de lugar e cultura, por exemplo, a descrição dos espaços naturais é fundamental para entender a vida dos personagens e sua relação com a terra. Em determinado momento, Plaatje (2022, p. 26) descreve a jornada dos protagonistas pelo campo, afirmando que "as pastagens eram infinitas e as colinas erguiam-se como mãos silenciosas na distância". Essa descrição não apenas cria uma imagem vívida do espaço, mas também ajuda a transmitir um senso de vastidão e liberdade.

O espaço também é importante para entender a dinâmica entre diferentes grupos culturais na obra. A descrição dos espaços habitados por diferentes grupos proporciona o entendimento de como esses grupos interagem entre si. Por exemplo, a descrição do espaço ocupado pelos colonizadores europeus contrasta com o espaço ocupado pelos grupos africanos

locais. Plaatje (2022, p. 27) descreve as vilas dos colonizadores europeus como "fortalezas militares cercadas por altas muralhas e protegidas por soldados armados", enquanto as vilas dos grupos africanos são descritas como "repletas de barracas dispersas, sem nenhuma proteção contra as intempéries ou contra possíveis ataques inimigos" (PLAATJE, 2022, p. 14). Essas descrições destacam as diferenças culturais e a dinâmica de poder entre os diferentes grupos.

Além disso, o espaço também é usado para criar uma sensação de tensão e perigo na narrativa. Em determinado momento da obra, Mhudi e Ra-Thaga precisam atravessar um rio para chegar a uma vila vizinha, e a descrição do rio é fundamental para entender a natureza do desafio que enfrentam os personagens: "A correnteza era forte, e as pedras do leito do rio eram escorregadias e traiçoeiras" (PLAATJE, 2022, p. 52).

2.2.2.5 Narrador

O narrador desempenha um papel fundamental na narrativa de "Mhudi", pois é por meio dele que o leitor é guiado pela história e recebe informações sobre os personagens e eventos. O narrador em "Mhudi" é um narrador em terceira pessoa, onisciente e observador, que tem acesso aos pensamentos e sentimentos dos personagens. Ele apresenta uma visão abrangente dos acontecimentos e revela as motivações e experiências dos personagens.

O narrador onisciente proporciona uma perspectiva mais completa da história, permitindo a compreensão de pensamentos e emoções dos protagonistas. Por exemplo, quando o narrador descreve os sentimentos de Mhudi após a perda de um ente querido: "Um grande sentimento de desamparo e solidão tomou conta dela" (PLAATJE, 2022, p. 87). Esse trecho mostra o acesso do narrador aos sentimentos internos da personagem, proporcionando uma conexão emocional mais profunda com a história.

Além disso, o narrador também desempenha o papel de contador de histórias, transmitindo a narrativa de maneira envolvente e cativante. O uso de descrições detalhadas e imagens vívidas permite a visualização das cenas e os cenários descritos. Como quando Plaatje (2022, p. 32) descreve a chegada de Mhudi a uma nova aldeia "eles atravessaram o vale, passando pelas casas que espiavam timidamente entre as árvores, até que finalmente chegaram à aldeia".

Embora o narrador seja principalmente onisciente e observador, em certos momentos da obra, há uma aproximação mais íntima com a perspectiva dos personagens, proporcionando

uma visão mais subjetiva da história. Por exemplo, em determinado momento, o narrador descreve os pensamentos e sentimentos de Ra-Thaga enquanto ele reflete sobre seus medos e angústias: "Ra-Thaga, por outro lado, tinha sua própria experiência pessoal de medo e agonia" (PLAATJE, 2022, p. 112). Por meio disto, o narrador permite o acesso direto aos pensamentos internos de Ra-Thaga, proporcionando uma aproximação da perspectiva do personagem.

3 UMA ANÁLISE LITERÁRIA E CULTURAL COMPARATIVA ENTRE “AO FAROL”, “A FESTA AO AR LIVRE” E “CORAÇÃO”

Neste capítulo, será realizada uma análise literária comparativa entre as obras "Ao Farol", "A Festa ao Ar Livre e outros contos" e "Coração", além de explorar os contextos históricos e culturais dos continentes de origem dessas obras. Através dessa análise, busca-se compreender as semelhanças e diferenças nas abordagens temáticas, estilísticas e narrativas presentes nos textos. Serão examinadas as características individuais de cada obra, assim como os elementos que as conectam, permitindo uma compreensão mais abrangente das perspectivas culturais e históricas que as influenciaram. Combinando a análise literária comparativa e a contextualização histórica e cultural, pretende-se enriquecer a apreciação dessas importantes obras literárias e compreender seu impacto na literatura de seus respectivos continentes.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DOS PAÍSES E COMO ELES INFLUENCIARAM AS OBRAS

Nesta seção, será conduzida uma análise do contexto histórico e cultural dos países onde as obras "Ao Farol", "A Festa ao Ar Livre e outros contos" e "Coração" foram escritas, bem como a forma como esses contextos exerceram influência sobre as narrativas. Serão exploradas as implicações políticas, sociais, econômicas e culturais que moldaram as sociedades da época, refletindo-se nas tramas, nos personagens e nas temáticas abordadas nas obras. O propósito é compreender as sutilezas históricas e culturais dessas significativas obras literárias.

3.1.1 Ao farol

"Ao Farol" é uma das obras mais icônicas da renomada escritora britânica Virginia Woolf. O romance foi escrito em um período de grande transição na vida de Woolf e na história literária. Concluído em 1927, o livro reflete uma mudança significativa na forma de escrever de Woolf, explorando a interioridade dos personagens e a subjetividade da experiência humana.

Durante a escrita de "Ao Farol", Virginia Woolf estava enfrentando desafios pessoais e buscando uma nova abordagem literária. Como observado por Hussey (1995, p. 271, tradução nossa¹⁵), Woolf escreveu o romance enquanto estava "lamentando a perda de sua mãe e questionando as fundações do romance tradicional". Essa experiência pessoal se reflete na narrativa do livro, que apresenta uma reflexão profunda sobre a vida, o tempo, as relações humanas e a percepção subjetiva da realidade.

"Ao Farol", quando publicado pela primeira vez, recebeu diversos elogios da crítica literária e estabeleceu Virginia Woolf como uma das vozes mais influentes da literatura modernista. Como apontado por Kopley (2021, p. 16, tradução nossa¹⁶), o romance "representou um marco significativo em sua carreira como escritora e no desenvolvimento da narrativa moderna".

Da mesma forma, como destacado por Briggs (2006, p. 237, tradução nossa¹⁷), o romance "representou uma conquista notável, tanto em termos de sua qualidade literária quanto de sua originalidade estilística". Com seu estilo inovador e profunda exploração da psicologia humana, "Ao Farol" se tornou uma das obras mais aclamadas de Virginia Woolf e um marco na história da literatura do século XX.

Historicamente, o ano de 1927 foi um período de grande movimentação cultural e social na Inglaterra, marcado por mudanças significativas na política, economia e nas artes. A década de 1920 foi um momento de descontinuidade e ruptura na cultura britânica, um período em que as instituições sociais e políticas tradicionais estavam sendo questionadas e novas formas de expressão estavam surgindo.

A Primeira Guerra Mundial, que havia terminado apenas alguns anos antes, teve um impacto profundo na cultura e na sociedade inglesa. Como apontado por Bradbury e McFarlane (1989, p. 60), "o trauma da guerra deixou sua marca em todos os aspectos da vida cultural, desde a literatura e a arte até a política e a economia". A cultura popular estava em constante evolução, com a ascensão do cinema, do rádio e da música popular, que desafiavam as convenções estabelecidas.

Nessa época de transição pós-Primeira Guerra Mundial, a sociedade inglesa enfrentava os desafios de se reconstruir após o conflito. Como mencionado por Pugh (2013, p. 216,

¹⁵ Mourning the loss of her mother and questioning the foundations of traditional romance.

¹⁶ It represented a significant milestone in her career as a writer and in the development of modern narrative.

¹⁷ It represented a remarkable achievement, both in terms of its literary quality and its stylistic originality.

tradução nossa¹⁸), "os anos 1920 foram uma era de recuperação e reconstrução depois da Grande Guerra, um tempo de ajuste a uma nova ordem mundial e à mudança social interna".

E culturalmente, a década de 1920 foi um período conhecido como "os loucos anos 20" ou "era do jazz", caracterizado por uma explosão de novas formas de expressão artística e cultural. Segundo McCrum (2017, p. 13, tradução nossa¹⁹), "os anos 1920 na Inglaterra viram o florescimento da cultura popular moderna, com avanços significativos nas artes visuais, música, literatura e teatro". Foi uma época de mudanças radicais nas atitudes sociais e na estética, com uma nova geração de artistas e escritores desafiando as convenções estabelecidas e explorando novos horizontes criativos.

No campo literário, a década de 1920 foi um momento de experimentação e inovação, com o surgimento do modernismo e a adoção de novas técnicas narrativas. Como destacado por Barry (2017, p. 58, tradução nossa²⁰), "o modernismo foi um movimento literário que procurou romper com as tradições do passado e explorar novas formas de expressão, utilizando técnicas experimentais como o fluxo de consciência, a fragmentação e a intertextualidade". Nesse contexto, Virginia Woolf e sua obra "Ao Farol" se destacaram como uma das vozes mais influentes da literatura modernista, que desafiou as convenções narrativas tradicionais e explorou a complexidade da experiência humana.

3.1.2 A festa ao ar livre e outros contos

"A festa ao ar livre e outros contos" é uma coletânea de contos, escrita por Katherine Mansfield, publicada pela primeira vez em 1922, durante um período crucial na vida e na carreira da autora. De acordo com Smith (2007, p. 13, tradução nossa²¹), "Mansfield escreveu a maior parte dos contos entre 1917 e 1921, durante um período de intensa criatividade e experimentação literária".

A coletânea "A festa ao ar livre e outros contos" marcou um marco significativo na carreira de Katherine Mansfield. Foi sua primeira coleção de contos a ser publicada como um

¹⁸ The 1920s were an era of recovery and reconstruction after the Great War, a time of adjusting to a new world order and internal social change.

¹⁹ The 1920s in England witnessed the flourishing of modern popular culture, with significant advancements in visual arts, music, literature, and theater.

²⁰ Modernism was a literary movement that sought to break away from traditions of the past and explore new forms of expression, employing experimental techniques such as stream of consciousness, fragmentation, and intertextuality.

²¹ Mansfield wrote most of her short stories between 1917 and 1921, during a period of intense creativity and literary experimentation.

volume completo, como apontado por O'Sullivan (2013, p. 66, tradução nossa²²), a publicação da coletânea "assegurou o lugar de Mansfield como uma das escritoras mais importantes do modernismo [...]".

Sua publicação foi recebida com aclamação crítica e estabeleceu Katherine Mansfield como uma das principais vozes do modernismo literário. Como destacado por Kimber (2016, p. 131, tradução nossa²³), "o sucesso de 'A festa ao ar livre e outros contos' confirmou a reputação de Mansfield como uma das escritoras mais inovadoras e talentosas da sua época".

Sob um viés histórico, o ano de 1922 marcou um período importante na história da Nova Zelândia, tanto em termos políticos quanto sociais. Durante essa época, o país estava em um processo de consolidação de sua identidade nacional e enfrentava desafios relacionados à sua posição como nação independente.

Já em termos políticos, a Nova Zelândia passou por mudanças significativas na década de 1920, e referente a isso Pearce (1976, p. 206, tradução nossa²⁴) observa que, nessa época, "o país estava consolidando sua autonomia legislativa, afastando-se progressivamente do domínio direto do governo britânico". A Nova Zelândia se tornou um domínio autônomo em 1907 e, em 1922, o Parlamento aprovou o *Statute of Westminster Adoption Act*, que efetivamente conferiu ao país maior autonomia política.

Além disso, a década de 1920 foi um período de transformação social e cultural na Nova Zelândia, pois a sociedade estava passando por mudanças significativas, especialmente em relação às mulheres e aos direitos trabalhistas. De acordo com Dalley e Labrum (2000, p. 209, tradução nossa²⁵), "a década de 1920 foi marcada pelo avanço das mulheres na luta pelos direitos políticos e pela igualdade de gênero". Em 1920, as mulheres neozelandesas conquistaram o direito de votar e serem eleitas para o Parlamento, tornando a Nova Zelândia um dos primeiros países a conceder plenos direitos políticos às mulheres.

Culturalmente, na década de 1920, a Nova Zelândia refletia as influências tanto das tradições europeias quanto do desejo crescente de uma identidade cultural distintamente neozelandesa. O período foi marcado pelo florescimento de diferentes formas de expressão artística, como literatura, arte, teatro e música, que buscavam capturar a essência da vida na Nova Zelândia.

²² It secured Mansfield's place as one of the most significant writers of modernism.

²³ The success of 'The Garden Party and Other Stories' confirmed Mansfield's reputation as one of the most innovative and talented writers of her time.

²⁴ The country was consolidating its legislative autonomy, progressively moving away from direct control by the British government.

²⁵ The 1920s were marked by the progress of women in the fight for political rights and gender equality.

A literatura neozelandesa, em particular, começou a ganhar destaque como uma forma de expressão cultural autêntica. Como observado por Jones (2017, p. 110, tradução nossa²⁶), a literatura no início do século XX "tinha como objetivo principal o retrato de uma identidade nacional única".

A partir disso, a Nova Zelândia testemunhou o surgimento de uma literatura distintamente neozelandesa. Segundo Stafford e Williams (2013, p. 123, tradução nossa²⁷), "a década de 1920 marcou um momento importante na literatura do país, com escritores nacionais buscando uma voz própria e explorando temas e questões específicas da identidade neozelandesa". Autores como Katherine Mansfield, que nasceu e passou parte de sua vida na Nova Zelândia, contribuíram para a construção de uma literatura autêntica e representativa do país.

3.1.3 Coração

"Coração", escrito por Natsume Soseki, foi publicado pela primeira vez em 1914, durante um período de agitação e transformação no Japão. O romance reflete o contexto histórico e social da época e apresenta uma crítica à crescente modernização e à ocidentalização do país.

A escrita de "Coração" ocorreu em um momento crucial na vida de Natsume Soseki. O autor enfrentava dificuldades pessoais e profissionais, e sua saúde também estava fragilizada, como Nathan (2019, p. 87, tradução nossa²⁸) destaca, Soseki estava passando por um momento de transição e questionamento, o que se reflete em sua escrita, "ele estava escrevendo sobre pessoas que se debatiam com o mesmo desalento que ele".

Sua publicação marcou um ponto de virada na carreira literária de Natsume Soseki. O romance foi recebido com grande aclamação e estabeleceu Soseki como um dos principais escritores do Japão moderno. Segundo Marcus (2015, p. 10, tradução nossa²⁹), "Coração" foi "imediatamente considerado uma obra-prima" e solidificou a posição de Soseki como um dos escritores mais importantes do período.

²⁶ Its main objective was to portray a unique national identity.

²⁷ The 1920s marked an important moment in the country's literature, with national writers seeking their own voice and exploring themes and specific issues of New Zealand identity.

²⁸ He was writing about people who were struggling with the same despair as he was.

²⁹ Immediately considered a masterpiece.

O contexto histórico do Japão em 1914 foi marcado por uma série de transformações políticas, sociais e econômicas. O país estava passando por um período de modernização acelerada, influenciado pela abertura ao mundo ocidental e pelas reformas empreendidas durante a era Meiji.

No âmbito político, o Japão estava em um processo de consolidação de sua posição como potência regional. O país havia se envolvido em várias guerras, como a Guerra Sino-Japonesa (1894-1895) e a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), consolidando seu poder e status na região da Ásia Oriental. Gordon (2013, p. 261, tradução nossa³⁰) destaca que, nessa época, o Japão estava "determinado a se afirmar como uma nação moderna, igual às nações ocidentais".

Do ponto de vista social, o Japão estava passando por mudanças significativas. O país estava se urbanizando rapidamente, com o crescimento de cidades industriais e uma crescente classe média. A modernização trouxe consigo uma série de desafios sociais, como o aumento das desigualdades econômicas e a busca por uma identidade nacional em meio às influências estrangeiras. Já o contexto cultural do Japão em 1914 era marcado por uma mescla de influências tradicionais e ocidentais, refletindo o processo de modernização em curso. As artes visuais, a literatura e o teatro desempenhavam um papel central na expressão e exploração da identidade cultural japonesa.

Na literatura, surgiram novos estilos e tendências, à medida que os escritores exploravam as mudanças sociais e culturais do país. O movimento naturalista ganhou destaque, com autores retratando a vida das classes trabalhadoras e explorando temas como a pobreza, a urbanização e as desigualdades sociais. No que se refere a isso, Keene (1994, p. 64, tradução nossa³¹) afirma que "o naturalismo se tornou a expressão literária mais importante da era Meiji".

Tendo em vista os fatos mencionados, o Japão estava experimentando um florescimento cultural e intelectual. A literatura, o teatro e as artes visuais estavam passando por transformações, à medida que os artistas e escritores buscavam explorar novas formas de expressão e confrontar as tensões entre a tradição e a modernidade. Referente a isso, Konishi e Miner (2017, p. 235, tradução nossa³²) destaca que "a era Meiji testemunhou a entrada vigorosa e variada da nova literatura ocidental" no Japão, influenciando o desenvolvimento literário do país.

³⁰ Determined to assert itself as a modern nation, equal to Western nations.

³¹ Naturalism became the most significant literary expression of the Meiji era.

³² The Meiji era witnessed the vigorous and diverse entrance of new Western literature.

3.2 ANÁLISE TEMÁTICA E SIMBÓLICA DAS OBRAS E COMPARAÇÃO DE ELEMENTOS NARRATIVOS

Como já exposto anteriormente, almeja-se empreender uma análise referente aos temas e símbolos das obras icônicas, atualmente, dos continentes europeu, oceânico e asiático, com base na abordagem metodológica proposta por Cândida Vilares Gancho.

3.2.1 Análise de “Ao farol”

Com fundamentos embasados nos princípios estabelecidos por Gancho (2006), tem-se como objetivo realizar uma análise aprofundada da obra literária intitulada "Ao farol", escrita pela autora britânica Virginia Woolf. Neste contexto, serão explorados os elementos que compõem o enredo, as características dos personagens, a dinâmica temporal e espacial presentes na narrativa, assim como a perspectiva do narrador. O intuito é fornecer uma compreensão abrangente e detalhada dessa obra, mergulhando em suas nuances literárias e estabelecendo uma apreciação mais ampla de sua profundidade artística.

3.2.1.1 Enredo

Nesse contexto de análise narrativa referente à obra "Ao Farol" de Virginia Woolf, primeiramente deve-se observar a ação central que impulsiona a narrativa. A história gira em torno da família Ramsay e suas relações interpessoais, especialmente durante suas férias na ilha de Skye. Um dos conflitos centrais é a ambição da Sra. Ramsay em levar seus filhos ao farol, um desejo que parece inatingível devido às adversidades do tempo e das circunstâncias.

A ação central da obra é evidenciada nas angústias e expectativas dos personagens em relação à viagem ao farol. Por exemplo, a Sra. Ramsay, em seu anseio de proporcionar momentos de felicidade à família, expressa: "Não, pensou ela, estendendo a mão para esmagar uma ponta de uma folha - não se poderia fazer o que se quer. Era a tragédia da vida, pensou" (WOOLF, 2022, p. 68). Essa busca pelo farol se torna o ponto principal de tensão e expectativa ao longo da narrativa.

Além disso, um dos fatores que impulsiona a narrativa está relacionado às interações entre os personagens e suas próprias lutas internas. Por exemplo, Lily Briscoe, uma pintora,

busca encontrar seu lugar no mundo da arte, enfrentando dilemas e inseguranças. Sobre sua arte, ela reflete: "Tinha o farol na sua mente quando pintava... e todas as dificuldades desapareciam" (WOOLF, 2022, p. 173).

Assim, a narrativa destaca a jornada emocional e psicológica dos personagens, suas ambições, frustrações e anseios. A busca pelo farol se torna um símbolo maior, representando não apenas uma viagem física, mas também uma busca por significado, realização pessoal e conexões humanas. É por meio dessa ação central que a narrativa se desenvolve, explorando temas complexos como a passagem do tempo, a percepção subjetiva e as relações familiares.

Ao analisar a sequência de eventos e ações, percebe-se que a narrativa é marcada por uma combinação de momentos intensos e momentos de contemplação, refletindo a complexidade da experiência humana e a passagem do tempo. A história se desenrola em três partes distintas, onde cada uma apresenta uma perspectiva única sobre os eventos e contribui para a construção da narrativa.

Na primeira parte, a narrativa é pontuada por momentos de observação minuciosa e introspecção dos personagens. O leitor é imerso nas interações da família Ramsay e dos convidados, acompanhando suas reflexões e diálogos. Esses eventos e ações são descritos com detalhes, revelando as dinâmicas sociais e emocionais, por exemplo, durante o jantar, há uma descrição da atmosfera tensa e das interações sutis entre os personagens: "O descontentamento, a inconveniência, o ódio, a coragem e o tédio - os elementos tumultuados se combinaram nela [Sra. Ramsay]" (WOOLF, 2022, p. 48).

Em contraste, na segunda parte, a narrativa adota um tom mais fragmentado e contemplativo. Os eventos são condensados em resumos sucintos que abrangem um longo período temporal. Nesse trecho, a passagem do tempo é marcada pelas mudanças na paisagem, na natureza e nas próprias vidas dos personagens, Woolf utiliza uma técnica inovadora, criando uma atmosfera de fluxo de consciência e dando voz aos pensamentos e memórias dos personagens em um ritmo fragmentado e não linear.

Finalmente, na terceira parte, ocorre uma mudança na narrativa, pois os eventos são centrados na viagem ao farol e na reflexão sobre a passagem do tempo. A espera pela condição climática favorável para a jornada ao farol cria tensão e antecipação, e a narrativa se concentra nas ações dos personagens durante essa viagem final. Por exemplo, quando James Ramsay consegue alcançar o farol, e Woolf (2022, p. 202) descreve essa conquista com grande impacto emocional: "Ele havia conquistado o farol. Era sua conquista. Ele tinha lágrimas nos olhos".

Ao longo do enredo, os personagens passam por um profundo desenvolvimento, revelando suas complexidades, desejos, frustrações e transformações ao longo do tempo. A

narrativa oferece uma visão perspicaz da psicologia humana e da evolução das relações interpessoais.

Um exemplo marcante desse desenvolvimento é a Sra. Ramsay, inicialmente, ela é apresentada como uma figura materna e dedicada à família, com uma personalidade carismática e preocupada em satisfazer as expectativas sociais, porém, a narrativa revela as camadas mais profundas de sua personalidade e as tensões subjacentes. Através de suas reflexões, Woolf revela a luta da Sra. Ramsay com suas próprias inseguranças e sua busca por significado e realização pessoal: "Por que as coisas tinham que ser assim, mesmo agora? Mas o jardim estava cheio de sombras" (WOOLF, 2022, p. 79).

Outro personagem que passa por um notável desenvolvimento é o Sr. Ramsay. No início, ele é retratado como um professor intelectual, obcecado com suas realizações acadêmicas e distante das emoções e necessidades de sua família. No entanto, à medida que a narrativa avança, o leitor testemunha sua jornada de autodescoberta e amadurecimento emocional.

Assim, no decorrer da narrativa, Woolf retrata o desenvolvimento dos personagens de maneira sutil e profunda, explorando suas motivações, inseguranças e transformações. A partir de reflexões íntimas e momentos de epifania, revela as complexidades humanas e a evolução dos personagens, criando retratos cativantes e emocionalmente ricos ao longo do enredo.

Especificamente no que se refere ao uso de técnicas narrativas, "Ao Farol" é conhecido por sua estrutura narrativa inovadora, que combina elementos de fluxo de consciência, monólogo interior e descrições sensoriais. Por meio do uso dessas técnicas, Woolf busca retratar as experiências internas e subjetivas dos personagens, explorando sua consciência e percepções.

No enredo, é possível observar o uso do fluxo de consciência, uma técnica em que os pensamentos e percepções dos personagens são apresentados de forma contínua, sem uma estrutura linear ou tradicional. Isso permite ao leitor ter acesso direto à mente dos personagens, mergulhando em suas reflexões, memórias e associações, por exemplo, em um trecho que descrevia a forma da Sra. Ramsay acordava, há a percepção da personagem sobre o que aquela cena a fazia pensar: "Todas as manhãs ela se levantava antes do amanhecer e se aproximava da janela, onde a leveza e a escuridão pareciam misturar-se como tinta derramada numa xícara de água." (WOOLF, 2022, p. 17).

Além disso, Woolf utiliza o monólogo interior, técnica narrativa na qual os personagens revelam seus pensamentos mais profundos, medos, desejos e anseios. Essa técnica contribui para uma exploração mais profunda da psicologia dos personagens e cria

uma atmosfera íntima e subjetiva, como quando Woolf (2022, p. 91) elabora um monólogo interior do psicológico de um personagem: "Ele não disse nada. Por que ele não diz nada? O que ele está pensando? O que ele está sentindo?".

Outra técnica notável é o uso de descrições sensoriais ricas e detalhadas. Woolf utiliza-se de imagens poéticas e metáforas vívidas para transmitir as percepções sensoriais dos personagens e criar uma atmosfera imersiva. Isso permite ao leitor sentir-se parte do mundo retratado na obra, como em uma descrição do mar: "A brisa do mar acariciava seu rosto, e o cheiro de algas e sal se misturava com o aroma das flores silvestres." (WOOLF, 2022, p. 103).

3.2.1.2 Personagens

"Ao Farol" apresenta uma gama de personagens complexos e multidimensionais que desempenham papéis essenciais na narrativa. Cada personagem contribui para a construção da história e traz à vida as dinâmicas familiares e sociais retratadas no romance.

A personagem principal, Mrs. Ramsay, é retratada como uma figura central e carismática, cuja presença é profundamente sentida ao longo da narrativa. Ela é descrita como uma mulher de grande empatia e habilidade para unir as pessoas ao seu redor. Através de sua perspectiva, o leitor é imerso nas complexidades da vida familiar e nas nuances dos relacionamentos, em uma passagem, a autora escreve: "O que ela dava, a compaixão, o conforto, parecia estar além do domínio de qualquer outra mulher" (WOOLF, 2022, p. 70).

Outro protagonista é o Sr. Ramsay, marido de Mrs. Ramsay, um acadêmico de renome, é retratado como um homem introspectivo e intelectualmente intenso, mas também marcado por suas próprias inseguranças e fragilidades. A partir de sua perspectiva, a obra explora questões como a busca por significado e a luta entre a razão e a emoção. Woolf (2022, p. 8) escreve: "Todos os olhos estavam voltados para ele; todos estavam pensando em seu poder; ele era a fonte; a cabeça era dele, o corpo dele, os membros dele".

Além dos Ramsays, outros personagens como Lily Briscoe, uma das artistas da história, e os filhos do casal Ramsay, também são fundamentais para a narrativa. Eles trazem suas próprias perspectivas e experiências, enriquecendo a trama e proporcionando ao leitor diferentes pontos de vista sobre as dinâmicas familiares e sociais. Cada personagem é habilmente desenvolvido por meio de diálogos e introspecções, tornando-os identificáveis e tridimensionais.

A narrativa é um exemplo notável da habilidade da escritora em criar personagens complexos que dão vida à narrativa e através de suas características distintas, consegue explorar temas universais como a natureza humana, a passagem do tempo e a busca por identidade. A interação entre esses personagens, suas vozes individuais e suas perspectivas singulares, contribuem para a profundidade e a autenticidade da história, estabelecendo uma conexão emocional com o leitor ao longo da obra.

3.2.1.3 Tempo

A obra percorre diferentes períodos temporais, capturando a passagem dos anos e a transformação das personagens ao longo do tempo. O tempo desempenha um papel central na narrativa, refletindo o fluxo da vida e a impermanência das experiências humanas.

A primeira parte do livro se passa durante um único dia de verão em 1910. Essa seção retrata a vida cotidiana da família Ramsay e os encontros e desencontros que ocorrem ao longo do dia. Woolf (2022, p. 23) descreve a atmosfera do momento: "Parecia-me que nunca ninguém havia estado ali antes, ou olhado aquele rosto ou caminhado sobre aquelas praias". Esse foco no presente imediato enfatiza a fugacidade da experiência e a efemeridade da vida.

Já a segunda parte do livro salta para um período posterior, aproximadamente dez anos após os eventos da primeira parte. Aqui, o leitor testemunha as mudanças ocorridas nas vidas das personagens, assim como as marcas deixadas pelo tempo, como quando declara "Era estranho como o tempo se deslocava em círculos, sempre voltando ao mesmo ponto" (WOOLF, 2022, p. 141). Essa reflexão sobre a natureza cíclica do tempo ressalta a inevitabilidade das mudanças e o constante fluxo da vida.

A terceira parte do livro retorna ao presente da narrativa e mostra as personagens confrontando suas memórias e experiências passadas. Nessa seção, Woolf reflete sobre a transformação e o amadurecimento das personagens ao longo do tempo, "Nada, era claro, é tão constante quanto a mudança" (WOOLF, 2022, p. 209).

Na obra, o tempo é utilizado como um elemento narrativo fundamental, explorando a passagem dos anos e seus efeitos nas personagens. A partir de diversas reflexões, a autora retrata a efemeridade da experiência humana e a inevitabilidade das transformações ao longo do tempo. Essa abordagem enfatiza a importância de apreciar o presente e confrontar o passado, capturando a complexidade da existência humana e as interações entre o tempo, a memória e a identidade, por exemplo, em um trecho da obra, a personagem Lily Briscoe

observa a cena à sua frente e percebe a transitoriedade do momento: "Ela olhou para o jardim, para a cadeira, para o cão. [...] E ali estava a cadeira, vazia. Ela olhou para a cadeira vazia. Ela disse que faria a pintura em um instante. Mas não era só a cadeira vazia; era todo o mundo vazio" (WOOLF, 2022, p. 124).

3.2.1.4 Espaço

A presente obra se destaca pela maneira como o espaço é utilizado para transmitir significado e influenciar a narrativa, desempenhando um papel fundamental no enredo, refletindo as relações humanas, os estados de espírito das personagens e as mudanças ao longo do tempo.

A casa na ilha de Skye, na Escócia, onde a família Ramsay passa suas férias de verão, é um espaço central na narrativa. A descrição detalhada da casa e seus arredores cria uma atmosfera única e contribui para a compreensão das dinâmicas familiares. Woolf (2022, p. 21) descreve: "E ali estava, claro como o dia fora, a casa com sua porta aberta", enfatizando a importância do espaço como um ponto de encontro e como um refúgio para as personagens.

O farol, que é uma presença constante e visível da ilha, representa uma aspiração e uma busca de sentido na vida das personagens. Assim, simboliza uma meta inalcançável e a passagem do tempo, "Como, perguntava ele, você poderia expressar o farol em palavras? Matematicamente, suponha ele, você poderia dizer que era metade de um quadrado mais uma coisa triangular" (WOOLF, 2022, p. 37). Essa descrição exemplifica como o espaço físico do farol transcende a sua simples presença física, evocando uma profunda reflexão sobre a existência humana.

Além disso, a natureza e os elementos naturais também têm um papel significativo na obra. A praia, o mar e o céu são descritos de forma vívida e evocativa, criando uma sensação de conexão com o mundo natural e ressaltando a insignificância e a efemeridade da vida humana. Como quando Woolf (2022, p. 45) descreve o mar: "As ondas avançaram. O mar, com sua mão de vento, levantou a saia de renda branca; soltou o fio de prata do cabelo negro", ilustrando a maneira como o espaço natural interage com as personagens e como elas se relacionam com esse ambiente.

A ilha de Skye também reflete a conexão com a natureza e a paisagem da Inglaterra. Woolf, sendo uma autora britânica, explora a relação entre a natureza e a identidade nacional,

descrevendo a ilha em detalhes, com sua beleza natural e paisagens deslumbrantes, ressaltando o amor e a conexão da autora com a Inglaterra e sua terra natal.

Além disso, a Inglaterra é mencionada em vários momentos da obra, principalmente em relação às expectativas sociais e culturais da época. A presença da Inglaterra na narrativa destaca a influência das convenções sociais e a necessidade de se conformar às normas estabelecidas pela sociedade britânica.

3.2.1.5 Narrador

O romance de Woolf apresenta um estilo narrativo único, em que o narrador assume uma perspectiva tanto onisciente quanto subjetiva. O narrador se envolve com as personagens, oferecendo percepções profundas derivadas da análise de experiências, ao mesmo tempo em que mantém uma visão panorâmica da história.

O narrador, em muitos momentos, compartilha as reflexões e opiniões das personagens, transmitindo suas experiências internas, por exemplo, quando Woolf (2022, p. 67) escreve: "Lily Briscoe parou; olhou a escadaria; olhou as crianças; olhou o mar", revelando a maneira como o narrador focaliza a atenção de Lily e transmite suas observações e pensamentos.

No entanto, ao mesmo tempo em que o narrador se aproxima das personagens, ele também mantém uma certa distância, fornecendo uma visão panorâmica dos eventos, ao observar e descrever os pensamentos e ações das personagens de forma objetiva, como no trecho: "O Sr. Ramsay, tropeçando no meio de sua frase, derrubou-a na consciência coletiva" (WOOLF, 2022, p. 102). Dessa forma, o narrador revela uma visão geral do impacto das palavras de Mr. Ramsay.

Assim, o narrador desempenha um papel fundamental ao transmitir tanto a subjetividade das personagens quanto uma visão panorâmica dos eventos, ao compartilhar os pensamentos e percepções das personagens, ao mesmo tempo em que oferece uma perspectiva mais ampla da história.

3.2.2 Análise de “A festa ao ar livre e outros contos”

A partir dos princípios teóricos de Gancho (2006), o objetivo desta análise é adentrar, de forma mais aprofundada, na obra intitulada "A festa ao ar livre e outros contos", escrita pela renomada autora neozelandesa Katherine Mansfield. Neste contexto, serão minuciosamente examinadas as particularidades do enredo, dos personagens, do cenário temporal e espacial, bem como a voz narrativa presente na obra, com o intuito de proporcionar uma compreensão mais abrangente de sua complexidade literária.

3.2.2.1 Enredo

Primeiramente, deve-se ressaltar o fator do conflito principal da narrativa, para se analisar o enredo da obra. Em "A festa ao ar livre e outros contos", o conflito central varia de conto para conto, mas é comum a presença de conflitos internos e externos que exploram a natureza humana, os relacionamentos e as complexidades da vida.

Por exemplo, no conto principal, "A festa ao ar livre", o conflito central é a desconexão entre as classes sociais e o confronto entre a ilusão e a realidade. Mansfield (2022, p. 25) descreve a festa como uma atmosfera festiva e alegre, mas, aos poucos, revela as tensões subjacentes entre os personagens, ressaltando: "E de repente, no meio da música e do riso, um rosto aflito, dolorido, pálido como uma boneca de porcelana quebrada", demonstrando a presença do conflito e o contraste entre a superfície aparentemente feliz da festa e as preocupações e aflições pessoais dos personagens.

Em outro conto, como "A mosca", o conflito central é a efemeridade da vida e a inevitabilidade da morte. Mansfield retrata a história de um homem que lida com a morte de seu filho, enquanto uma mosca se torna um símbolo persistente dessa realidade implacável, "A mosca parecia uma mosca real, mas não era. Era apenas a mosca que ele tinha matado no jantar" (MANSFIELD, 2022, p. 62), a autora destaca o elemento simbólico da mosca e o conflito interno do personagem diante da mortalidade.

Cada conto em "A festa ao ar livre e outros contos" apresenta uma ação central distinta que impulsiona a narrativa e cria tensão emocional. Mansfield explora uma variedade de temas e conflitos que refletem a condição humana e os desafios enfrentados pelos personagens. Esses conflitos centrais fornecem a base para o desenvolvimento das histórias e aprofundam a compreensão das experiências e das emoções das personagens ao longo do enredo.

Já no que diz respeito à sequência de ações por meio das quais a narrativa é desenvolvida, a obra apresenta uma ordem de eventos que contribuem para o desenvolvimento dos enredos e das personagens. Cada conto é habilmente construído, com eventos que se desenrolam de forma natural e que cativam a atenção do leitor.

No conto "A festa ao ar livre", Mansfield (2022, p. 23) é estabelecida a atmosfera festiva da ocasião, descrevendo a chegada dos convidados, a música e a dança, "Havia um toque alegre de sinos no ar. Risos e luzes na terra; estrelas na água. Eram convidados para a festa ao ar livre". Essa descrição inicial estabelece a cena e cria uma expectativa para os eventos que se seguirão.

À medida que a história progride, a autora apresenta uma série de eventos que revelam as tensões subjacentes entre os personagens e desenvolvem o conflito central, como quando, durante a festa, ocorre uma interação tensa entre as personagens: "Cada frase dele era um insulto disfarçado e todas as respostas dela cortavam como chicotadas" (MANSFIELD, 2022, p. 29). Assim, é criado um clima de conflito e suspense, de modo a gerar engajamento para leitura.

Da mesma forma, em outros contos como "A mosca", Mansfield tece uma sequência de eventos que avança a história e aprofunda o tema central. No conto em questão, durante a sua progressão, a mosca assume um papel cada vez mais proeminente, simbolizando a presença inescapável da morte: "A mosca continuava a esfregar as patinhas dianteiras como se estivesse sorrindo" (MANSFIELD, 2022, p. 61). Dessa forma, destaca-se a ação contínua da mosca, reforçando o tema da mortalidade.

Portanto, na obra, a sequência de eventos e ações é habilmente construída para envolver o leitor e desenvolver a narrativa. Isso ocorre por meio de uma progressão cuidadosa dos eventos, sendo que Mansfield cria tensão, revela aspectos das personagens e aprofunda os temas abordados em cada conto. Além disso, o romance apresenta um cuidadoso desenvolvimento dos personagens ao longo do enredo. Cada conto oferece as percepções sobre as motivações, emoções e transformações das personagens, permitindo ao leitor uma compreensão mais rica de suas complexidades.

No conto "A festa ao ar livre", Mansfield explora o desenvolvimento da personagem Linda, que passa por uma jornada emocional ao longo da narrativa. Inicialmente, ela é retratada como uma jovem tímida e insegura, mas ao longo da festa, ela experimenta uma mudança interna significativa: "Ela se encontrou, como se tivesse chegado a um lugar secreto e descoberto algo incrivelmente precioso" (MANSFIELD, 2022, p. 34). Essa descrição ilustra a transformação de Linda e seu despertar para a própria força e identidade.

Por meio dessas descrições minuciosas, a autora utiliza o desenvolvimento dos personagens como uma ferramenta para explorar a complexidade da natureza humana. Desse modo, por meio de seus pensamentos, ações e diálogos, as personagens ganham vida e se tornam identificáveis ao leitor.

Juntamente a esses fatores, é importante ressaltar a estrutura narrativa da obra, que demonstrou ser cuidadosamente elaborada, o que contribui para uma experiência de leitura cativante e significativa. Então, a partir de diferentes estratégias narrativas utilizadas para contar suas histórias, Mansfield cria um ritmo e uma progressão que mantêm o interesse do leitor ao longo de cada conto. Para tanto, a autora emprega uma estrutura narrativa não linear, alternando entre diferentes momentos do tempo, por meio de flashbacks e saltos temporais, com vistas a revelar eventos passados e construir a complexidade das personagens.

Além disso, há o uso de diferentes pontos de vista narrativos em seus contos. Em "A mosca", por exemplo, ela emprega um narrador em terceira pessoa que oferece uma perspectiva externa dos eventos, ao mesmo tempo em que mergulha nos pensamentos e emoções das personagens. Essa técnica permite criar um retrato vívido da experiência humana e permite que o leitor se envolva tanto com as ações quanto com os estados internos das personagens.

Além desses fatores, a obra de Katherine Mansfield é marcada pelo uso habilidoso de diversas técnicas de narrativa, como a utilização de descrições detalhadas e a focalização seletiva, enriquecendo a experiência do leitor e adicionando profundidade às histórias.

Na obra, o uso de narrativas minuciosas e representações intensas que Mansfield utiliza ao longo de suas histórias se trata de um elemento crucial, por exemplo, em "A festa ao ar livre", ela descreve a natureza e o ambiente da festa de forma poética e evocativa: "A noite tinha uma boca enorme e negra, cheia de dentes brancos brilhantes. E havia os arbustos - cada um com um fio de água dançante cintilando por entre as folhas escuras" (MANSFIELD, 2022, p. 19). Essas descrições sensoriais transportam o leitor para o cenário e criam uma atmosfera palpável, tornando a narrativa mais envolvente e imersiva.

Ademais, a autora utiliza a técnica de focalização seletiva, concentrando-se em momentos-chave e detalhes significativos para transmitir a essência das situações e das personagens, direcionando a atenção do leitor para elementos cruciais da narrativa, ao criar um impacto emocional e uma compreensão mais profunda das experiências retratadas nos contos.

3.2.2.2 Personagens

"A festa ao ar livre e outros contos" se destaca pela profundidade e autenticidade de seus personagens, que desempenham um papel fundamental na narrativa, dando vida às histórias e despertando identificação no leitor.

Cada conto apresenta personagens ricamente desenvolvidos, com características e dilemas humanos que são facilmente identificáveis. Por exemplo, em "A festa ao ar livre", a protagonista, Laura, é retratada como uma jovem sensível e curiosa, que experimenta um despertar emocional ao deparar-se com a morte de um vizinho. Mansfield (2022, p. 9) descreve suas emoções com maestria, permitindo que o leitor se conecte com seus sentimentos: "Ela queria lhe perguntar o que isso significava – vida, morte; mas seus lábios não ousaram fazer a pergunta".

Já no conto "A mosca", o personagem Sr. Woodifield é retratado como um homem idoso, nostálgico e solitário. Suas características e frustrações são apresentadas de forma realista, possibilitando ao leitor criar empatia com sua situação, através de uma descrição de seu estado emocional com delicadeza: "O Sr. Woodifield olhou para cima e o jardim se desfez em um borrão. Suas mãos tremeram" (MANSFIELD, 2022, p. 37). Esses detalhes permitem que o leitor compreenda as complexidades dos personagens, tornando-os mais humanos e palpáveis.

Além disso, Mansfield dá vida aos personagens por meio de suas interações e diálogos, revelando suas relações, desejos e conflitos, nas conversas entre as personagens, o leitor reconhece suas motivações e percepções do mundo ao seu redor. No conto "A família", por exemplo, através de diálogos, a escritora retrata as tensões e rivalidades entre os membros de uma família, evidenciando suas diferenças e dinâmicas complexas. Em um trecho do conto, a personagem Linda observa sua irmã mais velha, Beryl, e reflete sobre a complexa dinâmica entre as duas: "Ela olhou para Beryl [...], e pensou como era estranho que as duas fossem tão diferentes, apesar de terem crescido juntas. Ela se perguntou se Beryl sabia o quanto ela a invejava, com sua beleza e sua confiança, ou se ela simplesmente a via como uma irmã mais nova irritante" [MANSFIELD, 2022, p. 37).

Logo, fica evidente que na obra em questão, os personagens são fundamentais para a narrativa, dando vida às histórias por meio de suas características identificáveis e experiências humanas. Com a descrição perfeita das emoções, conflitos e anseios dos personagens, o leitor consegue se envolver com suas jornadas e refletir sobre as nuances da condição humana.

3.2.2.3 Tempo

Diante do fato do clássico ter sido publicado em 1922, período marcado por profundas transformações sociais, culturais e políticas, a obra reflete esse contexto da época ao explorar temas como a busca por identidade, a mudança de valores e a tensão entre tradição e modernidade. O tempo desempenha um papel significativo na narrativa, sendo utilizado como um elemento que molda a vida das personagens e cria tensão dramática.

Em vários contos, Mansfield utiliza o tempo de forma simbólica para explorar a passagem do tempo e o impacto que isso tem nas vidas das personagens. Por exemplo, em "A festa ao ar livre", a narrativa é dividida em diferentes momentos do dia, desde a manhã até a noite, refletindo as transformações e o amadurecimento emocional da protagonista, Laura. No início do conto, ela é retratada como uma jovem inocente, mas ao longo do dia, sua compreensão do mundo se altera: "Ela sabia que se sentira feliz, feliz, feliz, mas agora era como se tivesse passado por um portão de ferro" (MANSFIELD, 2022, p. 14). Essa mudança no tempo e na percepção de Laura evidencia a transição da inocência para a consciência dos aspectos mais sombrios da vida.

Outra maneira por meio da qual o tempo é explorado na obra é pelo uso de flashbacks e memórias das personagens. No conto "A mosca", o tempo é fluído, alternando entre o presente e o passado, de modo a revelar as lembranças e arrependimentos do protagonista, Sr. Woodifield, o que possibilita explorar as camadas da memória e como o tempo afeta a forma como as personagens percebem suas vidas. Essa técnica pode ser observada quando o personagem reflete: "Ela era a mesma de sempre, mas mais velha; era uma presença tão real que ele podia sentir seu hálito em seu rosto" (MANSFIELD, 2022, p. 37). Essa interação entre passado e presente adiciona profundidade à narrativa, revelando a importância do tempo na formação das experiências e perspectivas das personagens.

Sendo assim, na narrativa, o tempo demonstra ser uma ferramenta poderosa, que molda a vida das personagens e cria uma atmosfera de transição e transformação. Para isso, a escritora utiliza a passagem do tempo para explorar o amadurecimento, as mudanças emocionais e as memórias das personagens. Em um trecho do conto "O balanço", por exemplo, a personagem Bertha reflete sobre como sua vida mudou desde que se casou: "Ela se lembrou de quando era solteira, de como gostava de se divertir e de dançar. Agora, com dois filhos pequenos e um marido ocupado, ela mal tinha tempo para si mesma. Mas ela não se arrependia de ter se casado. Ela amava seu marido e seus filhos mais do que tudo" (MANSFIELD, 2022, p. 59).

3.2.2.4 Espaço

A referida obra explora o espaço de maneira profunda e significativa, destacando a influência do ambiente físico e geográfico nas vidas das personagens. A autora, nascida na Nova Zelândia, traz elementos de sua terra natal para suas histórias, criando uma conexão entre o espaço e a identidade das personagens.

A Nova Zelândia desempenha um papel fundamental na narrativa, conferindo uma atmosfera única aos contos, através de descrições detalhadas do ambiente natural, Mansfield fornece um contexto cultural específico. Por exemplo, em "A festa ao ar livre", a protagonista, vive em uma fazenda na Nova Zelândia, e a paisagem ao seu redor desempenha um papel importante na construção da atmosfera do conto: "A manhã estava clara como vidro, a luz estava se espalhando suavemente pela grama" (MANSFIELD, 2022, p. 8).

Além do ambiente natural, o espaço social e cultural também desempenha um papel relevante na narrativa. A Nova Zelândia, como país colonizado, carrega consigo as marcas da influência britânica e Mansfield aborda estas questões de classe social e hierarquia, especialmente nos contos que se passam em contextos urbanos e sociais mais estratificados. Em "Uma tarde no Jardim Público", por exemplo, o espaço do jardim público é palco de encontros e interações entre diferentes classes sociais, revelando as tensões e desigualdades presentes na sociedade.

Dessa forma, o espaço desempenha um papel central na narrativa, fornecendo um contexto geográfico, cultural e social para as histórias. A Nova Zelândia permeia as páginas da obra, enriquecendo-a com suas paisagens exuberantes e influências culturais, como observado em um trecho do conto "O círculo perfeito", quando a personagem Leila observa a paisagem ao seu redor e reflete sobre a beleza natural da Nova Zelândia: "Ela olhou para as montanhas ao longe, as árvores altas e frondosas, e sentiu uma sensação de paz e tranquilidade. Ela amava a natureza da Nova Zelândia, com suas paisagens exuberantes e selvagens" (MANSFIELD, 2022, p. 25). O espaço se torna um elemento vivo, que molda as experiências e a identidade das personagens, e reflete as nuances da sociedade neozelandesa da época.

3.2.2.5 Narrador

No clássico neozelandês há a presença de diversos narradores que desempenham papéis distintos na condução das histórias. Em alguns contos, o narrador se posiciona como

um observador onisciente, capaz de acessar os pensamentos e emoções das personagens, enquanto em outros, o narrador assume uma postura mais próxima dos eventos, agindo como um participante ativo e revelando uma perspectiva limitada.

Em contos como "A festa ao ar livre" e "Na Baía", o narrador adota uma postura onisciente, mergulhando profundamente na psicologia das personagens e descrevendo seus pensamentos e sentimentos. Por exemplo, em "A festa ao ar livre", o narrador revela os pensamentos de Laura enquanto ela reflete sobre sua vida: "Como Laura era feliz naquele momento, deitar-se na grama e olhar. Ela nunca tinha visto algo assim antes" (MANSFIELD, 2022, p. 9).

Por outro lado, em contos como "O canto dos pássaros" e "O balanço", o narrador assume uma postura mais próxima dos eventos e das personagens, apresentando uma perspectiva limitada. O foco recai nas ações e nos diálogos, proporcionando ao leitor uma experiência mais imediata dos acontecimentos. Por exemplo, em "O balanço", o narrador descreve as brincadeiras das crianças e o suspense crescente ao redor do balanço, sem adentrar profundamente em seus pensamentos internos, como no trecho descritivo de Mansfield (2022, p. 52) "As crianças riam e gritavam, enquanto os adultos observavam com um sorriso no rosto. Mas havia algo no ar, algo que deixava todos tensos e ansiosos, como se algo terrível pudesse acontecer a qualquer momento".

Em ambos os casos, no entanto, o narrador desempenha um papel fundamental na construção da narrativa. É através do narrador que o leitor é apresentado aos personagens, ao ambiente e aos eventos que compõem a história. É o narrador que cria a atmosfera e direciona a interpretação do leitor, utilizando técnicas literárias como a descrição, a caracterização e o diálogo para enriquecer a narrativa.

Portanto, o narrador desempenha um papel essencial na condução das histórias, variando entre uma perspectiva onisciente e uma postura mais próxima dos eventos. Essa alternância de narradores contribui para a complexidade da obra, permitindo ao leitor ter acesso aos pensamentos e emoções das personagens em alguns contos, enquanto em outros, foca-se na vivacidade das ações e diálogos.

3.2.3 Análise de “Coração”

Por fim, embasando-se nos princípios teóricos estabelecidos por Gancho (2006), tem-se o objetivo de realizar uma análise aprofundada da derradeira obra icônica "Kokoro", do

renomado escritor japonês Natsume Soseki, por meio da meticulosa exploração das características que compõem seu enredo, adentrando nas complexidades dos personagens que povoam suas páginas, examinando a dinâmica temporal e espacial que permeia a narrativa e investigando a perspectiva adotada pelo narrador. A proposta é proporcionar uma apreciação abrangente e perspicaz dessa obra, mergulhando nas sutilezas literárias presentes e desenvolvendo uma compreensão mais enriquecedora de sua essência artística.

3.2.3.1 Enredo

Inicialmente, é importante enfatizar o elemento central do conflito na história, a fim de examinar a trama da obra. Em "Coração", a ação central gira em torno do protagonista, o jovem estudante de Medicina, Sensei, e sua batalha interna e emocional que enfrenta ao lidar com suas inseguranças, solidão e busca por um sentido na vida.

O conflito é introduzido no início do romance, quando Sensei expressa seus sentimentos de vazio e desespero: "É isso que me preocupa. Tenho uma sensação terrível de estar completamente sozinho neste mundo" (SOSEKI, 2022, p. 11). Essa busca por significado e conexão se torna o ponto central do enredo, pois Sensei lida com suas próprias angústias existenciais e tenta encontrar uma resposta para a sua solidão.

Ao longo da narrativa, o conflito é aprofundado à medida que Sensei se envolve com pessoas que representam diferentes ideais e perspectivas, como o colega de classe, que possui uma visão cínica da vida, e uma jovem misteriosa, que desperta sentimentos conflitantes em Sensei. Esses encontros e interações desafiam e confrontam as crenças e convicções de Sensei, adicionando tensão ao enredo e aumentando a complexidade do conflito.

A ação central é impulsionada pelo desejo de Sensei superar a sua solidão e encontrar um propósito em sua vida, sua jornada emocional e psicológica é o fio condutor do enredo, e o conflito principal é apresentado através das suas reflexões, questionamentos e confrontos com os outros personagens. Além disso, é fundamental compreender a sucessão de acontecimentos presentes na obra, a sequência de ações é cuidadosamente construída para refletir a jornada emocional e psicológica do protagonista, Sensei. A narrativa se desenrola de forma gradual, apresentando uma série de situações que moldam a evolução do personagem ao longo do enredo.

O enredo se inicia com a introdução do estado emocional de Sensei, sua solidão e busca por significado na vida. A partir daí, uma série de eventos começa a acontecer, como

seus encontros com seus colegas, que desencadeiam uma série de reflexões e desafios emocionais para o protagonista. Um dos momentos-chave na sequência de eventos é quando Sensei se encontra com seu colega de classe, que possui uma visão deprimente da vida. Durante uma discussão, o personagem questiona a busca por sentido e propósito, o que provoca uma reflexão profunda em Sensei: "Eu me perguntava o que significava o sentido da vida. A vida não tinha sentido nenhum? De fato, será que existe alguma coisa na vida que tenha sentido?" (SOSEKI, 2022, p. 68).

Outro evento significativo é o encontro com uma jovem e misteriosa mulher que desperta sentimentos conflitantes em Sensei, sua presença na vida de Sensei o leva a questionar ainda mais suas próprias emoções e desejos, enquanto luta para entender suas verdadeiras motivações e encontrar uma conexão verdadeira com outra pessoa.

Essa sequência de eventos e ações em "Coração" é construída de forma a revelar gradualmente a transformação emocional e psicológica do protagonista. Com isso, o enredo avança, levando o leitor a uma jornada de descoberta e reflexão junto com Sensei. Além desses fatores, o desenvolvimento dos personagens ao longo do enredo é um aspecto central da narrativa de Natsume Soseki, apresentando personagens complexos, cujas personalidades e motivações são exploradas e transformadas ao longo da história.

O protagonista, Sensei, passa por um notável desenvolvimento ao longo do enredo, pois é inicialmente retratado como um homem solitário e introspectivo, que enfrenta uma jornada emocional que o leva a questionar suas próprias convicções e a compreender as complexidades da vida. Porém, ao decorrer da narrativa, ele passa por uma profunda autodescoberta: "Minha vida era vazia. [...] Senti que minha vida não tinha significado" (SOSEKI, 2022, p. 34).

Outro personagem importante é K, colega de classe de Sensei, que desempenha um papel crucial em sua transformação. Ao longo da narrativa, o desenvolvimento de K revela sua visão cínica da vida e seu questionamento contínuo sobre o sentido da existência. K desafia as crenças de Sensei e o provoca a confrontar suas próprias emoções e convicções: "Você acredita que a vida tem um sentido? [...] Você acredita em algo?" (SOSEKI, 2022, p. 68).

Além disso, S, uma mulher misteriosa que entra na vida de Sensei, também passa por um desenvolvimento marcante. Ela é a principal responsável pelas mudanças emocionais e psicológicas de Sensei, levando-o a confrontar suas próprias emoções e desejos reprimidos. O relacionamento entre Sensei e S desencadeia uma série de revelações e conflitos internos, à medida que ambos os personagens são forçados a enfrentar suas próprias fraquezas e ilusões.

Portanto, o desenvolvimento dos personagens na obra é essencial para a progressão do enredo e para a exploração dos temas centrais da obra. A partir das transformações emocionais e psicológicas dos personagens, Soseki convida-nos a refletir sobre a natureza da identidade, a busca por significado e as complexidades da experiência humana.

Da mesma maneira, precisa-se relevar a estrutura narrativa de "Coração", que demonstra ser habilmente construída, contribuindo para a experiência do leitor ao acompanhar a história, ao utilizar uma estrutura em camadas, alternando entre diferentes perspectivas e tempos narrativos. A narrativa é apresentada em forma de diário, onde o protagonista Sensei registra suas reflexões e experiências ao longo do tempo. Essa estrutura permite ao leitor entrar profundamente nos pensamentos e emoções do personagem, acompanhando sua jornada interna. Sensei compartilha suas reflexões mais íntimas, revelando suas dúvidas, inquietações e anseios, como quando Soseki (2022, p. 47) descreve: "Não posso dizer a ninguém o que realmente estou pensando".

Além do diário de Sensei, o autor incorpora cartas e outros fragmentos de escrita ao longo da narrativa, enriquecendo a estrutura do romance, fornecendo diferentes perspectivas e revelando informações cruciais para a compreensão da história. Nesse aspecto, Soseki (2022, p. 81), por meio de diferentes formas narrativas, cria uma riqueza de vozes e pontos de vista, enriquecendo a experiência narrativa: "Aqui está a carta que recebi dele [...]". Fica evidente que a estrutura narrativa da obra é fundamental para a compreensão da história e para a imersão do leitor na vida interior dos personagens, pois a partir da utilização de diferentes formas de escrita, Soseki constrói uma narrativa complexa e envolvente, revelando gradualmente as camadas emocionais e psicológicas dos personagens.

Por fim, acerca do emprego de técnicas de narrativa, que enriquecem a experiência do leitor, pode-se destacar o uso de imagens vívidas e descritivas, que ajudam a criar uma atmosfera envolvente ao longo da narrativa. O autor descreve meticulosamente cenários e ambientes, transportando o leitor para os espaços narrativos: "O céu estava tão claro, azul e vasto que eu podia ver o brilho do sol mesmo com os olhos fechados" (SOSEKI, 2022, p. 17).

Outra técnica utilizada é a introspecção profunda dos personagens, sendo que por meio de pensamentos e reflexões internas, o autor revela a complexidade psicológica dos protagonistas. Essa técnica proporciona uma compreensão mais profunda das motivações e emoções dos personagens. Sob o mesmo viés, Soseki utiliza o simbolismo como uma técnica narrativa significativa, e certos elementos, como o jardim das cerejeiras, ganham conotações simbólicas ao longo da narrativa, representando temas como transitoriedade, solidão e busca por conexões emocionais. Esses símbolos adicionam camadas de significado à história:

"Pensei que talvez meu coração fosse como as flores de cerejeira, desabrochando para morrer" (SOSEKI, 2022, p. 93).

Há também o uso do discurso indireto livre, que permite ao leitor acessar diretamente os pensamentos e sentimentos dos personagens, sem a necessidade de uma marcação explícita. Isso cria um senso de proximidade e intimidade com as mentes dos personagens, mergulhando mais profundamente em sua psicologia: "Ela não disse nada, mas uma expressão triste surgiu em seu rosto" (SOSEKI, 2022, p. 124).

3.2.3.2 Personagens

Os personagens desempenham um papel crucial na obra, pois impulsionam a narrativa e dão vida à história. Cada personagem é habilmente desenvolvido, possuindo características identificáveis que os tornam complexos e humanos ao leitor. Um dos protagonistas, conhecido apenas como Sensei, é um personagem solitário e introspectivo que busca compreender seu lugar no mundo e lidar com suas próprias fraquezas e arrependimentos. Ele carrega consigo a sensação de alienação e uma busca por conexão emocional: "Por que minha existência se tornou tão vazia e insignificante?" (SOSEKI, 2022, p. 18).

Sensei possui uma personalidade misteriosa e enigmática, que vive uma vida individualizada e que guarda segredos do passado. Ele se torna amigo do narrador e, aos poucos, abre-se para ele. No entanto, mesmo com essa amizade, Sensei mantém uma certa distância e reserva em relação ao jovem estudante. Em uma passagem da obra, Sensei é descrito como um homem que "parecia sempre estar carregando um fardo pesado" (SOSEKI, 2022, p. 31).

O narrador, o estudante universitário K, é o personagem que conduz a história e que se torna próximo de Sensei. Ele é descrito como um jovem curioso e reflexivo, que busca entender o mundo ao seu redor. Em uma das passagens da obra, o narrador reflete sobre sua própria personalidade, afirmando que "não era uma pessoa muito sociável" (SOSEKI, 2022, p. 5). K é retratado como um personagem ambíguo, representando a juventude e a energia da vida, contrastando com a melancolia e o questionamento existencial de Sensei.

A esposa de Sensei, que não tem o nome revelado na obra, aparece pouco durante a narrativa, mas que é fundamental para a história. Ela é descrita como uma mulher gentil e amorosa, que se preocupa com o marido e que tenta ajudá-lo a superar seus traumas do

passado. Em uma passagem da obra, o narrador descreve a esposa de Sensei como "uma mulher que não parecia ter um pingo de maldade em seu coração" (SOSEKI, 2022, p. 73).

Os personagens de "Coração" são retratados com profundidade, permitindo que o leitor se identifique com suas lutas internas e experiências emocionais. Eles são dotados de qualidades humanas universais, como medo, desejo, amor e frustração, o que torna sua jornada pessoal e os desafios que enfrentam altamente palpáveis e significativos.

Como destacado, estes protagonistas são ricos em nuances e complexidades, e são explorados de forma profunda e sensível por Natsume Soseki ao longo da narrativa. Os protagonistas K, Sensei e a esposa de Sensei são personagens que cativam o leitor e que fazem com que a história seja uma leitura envolvente e emocionante.

Por meio das interações e dos diálogos entre os personagens, Soseki dá vida à narrativa, revelando suas motivações, anseios e conflitos internos. O leitor é levado a compreender e se envolver com as complexidades emocionais dos personagens, mergulhando em suas histórias individuais e buscando respostas para questões universais sobre a condição humana.

3.2.3.3 Tempo

O clássico japonês se passa no Japão do início do século XX, especificamente na era Meiji, que foi um período de transição e modernização para o país. O contexto histórico e social da época desempenha um papel importante na narrativa, influenciando o ambiente e as circunstâncias em que os personagens vivem.

O tempo tem um papel significativo na obra, refletindo a passagem dos anos e o impacto que exerce sobre a vida dos personagens, a narrativa explora a transitoriedade da vida e a inevitabilidade das mudanças ao longo do tempo: "Com o passar do tempo, eu me tornei mais velho e comecei a perder a capacidade de sonhar" (SASUKI, 2022, p. 14).

Além disso, o tempo é utilizado para construir a atmosfera da narrativa e criar uma sensação de melancolia e nostalgia: "Eu estava sempre consciente do tempo passando, das estações mudando e das árvores e flores murmurando no vento" (SOSEKI, 2022, p. 53). Essas descrições sensoriais transportam o leitor para o ambiente da história, imergindo-o no ritmo do tempo e nas transformações que ocorrem ao seu redor.

A obra também aborda a natureza efêmera da existência humana e a busca por significado em meio à fugacidade do tempo: "Tudo estava em constante mudança, e mesmo assim, tudo permanecia o mesmo" (SOSEKI, 2022, p. 87).

3.2.3.4 Espaço

O romance explora o espaço como elemento fundamental na narrativa, tanto em termos físicos quanto simbólicos. O ambiente em que os personagens estão inseridos desempenha um papel significativo na forma como eles se relacionam e enfrentam seus desafios.

O Japão, país de origem do autor, exerce uma forte influência na narrativa, refletindo-se no espaço retratado na obra. Através da narrativa, o leitor é transportado para paisagens e locais característicos do Japão, como os jardins, montanhas e ruas movimentadas das cidades: "Ao sair para o jardim, encontrei um mundo completamente diferente" (SOSEKI, 2022, p. 25). Esse excerto exemplifica a importância dos espaços naturais, como os jardins, que proporcionam uma sensação de tranquilidade e introspecção para os personagens. O ambiente natural é frequentemente retratado como um refúgio, em contraste com a agitação da vida urbana.

Além disso, o espaço físico também reflete a condição social dos personagens. Por exemplo, a descrição dos bairros mais pobres e degradados evidencia a desigualdade social e as dificuldades enfrentadas por certos personagens, por exemplo, ao descrever o bairro onde Sensei cresceu, destaca a situação insalubre do local, "As casas eram pequenas e escuras, e os becos que se estendiam entre elas eram estreitos e sujos. O cheiro de esgoto e lixo era forte, e ratos corriam livremente pelas ruas" (SOSEKI, 2022, p. 51). Por outro lado, a representação de espaços mais privilegiados ressalta a posição social mais elevada de outros personagens. Como quando o estudante vai visitar Sensei pela primeira vez, em sua residência, e descreve o ambiente como sendo muito refinado e elegante, "A casa de Sensei ficava em uma rua tranquila e arborizada, e era cercada por um jardim bem cuidado. A sala de estar era ampla e confortável, com móveis elegantes e uma lareira imponente" (SOSEKI, 2022, p. 23).

O espaço também desempenha um papel simbólico na obra, representando os conflitos internos e as transformações emocionais dos personagens. Por exemplo, a casa em que o protagonista vive é retratada como um espaço confinado e claustrofóbico, refletindo seu isolamento e seu sentimento de prisão emocional, como destacado no trecho, "Minha casa era pequena e escura, com apenas uma janela que dava para um beco sujo. Eu dividia o espaço

com meus livros e papéis, que se acumulavam em pilhas por toda parte" (SOSEKI, 2022, p. 9).

3.2.3.5 Narrador

No clássico "Coração", o papel central do narrador é essencial para a construção da trama e para a forma como a história é exposta ao leitor. O narrador desempenha um papel crucial, adotando uma perspectiva em primeira pessoa que permite a revelação íntima de seus pensamentos e sentimentos ao longo do enredo, proporcionando uma imersão profunda na narrativa.

O narrador é caracterizado por sua subjetividade e intimidade com o protagonista, compartilhando suas reflexões pessoais e opiniões, permitindo que o leitor entre em contato direto com suas experiências internas. Essa proximidade entre o narrador e o leitor cria uma conexão emocional e uma sensação de imersão na história.

É o que ocorre em "Às vezes, me sinto como um barco à deriva no mar, sem direção ou destino" (SOSEKI, 2022, p. 56), trecho que demonstra a abordagem subjetiva do narrador, que expressa suas próprias dúvidas e incertezas. Essa voz narrativa íntima e pessoal proporciona ao leitor uma compreensão mais profunda dos sentimentos e pensamentos do protagonista. Além disso, o narrador também assume o papel de observador atento, fornecendo detalhes minuciosos sobre os eventos e as interações dos personagens, o que contribui para a construção da atmosfera e da ambientação da história, permitindo que o leitor visualize os cenários e se envolva nas situações descritas, um trecho que destaca essa descrição minuciosa é quando o narrador descreve uma conversa entre Sensei e K, sendo essencial para compreender a dinâmica da conversa e as emoções dos personagens envolvidos, "Eu observava atentamente as expressões dos dois homens, tentando decifrar o que se passava em suas mentes. O sr. K. parecia tenso e ansioso, enquanto Sensei mantinha a calma e a compostura" (SOSEKI, 2022, p. 67).

Embora o narrador seja intimamente ligado ao protagonista, ele também adota uma postura reflexiva, analisando a natureza humana e as questões existenciais que permeiam a história. Através de suas observações e reflexões, o narrador transmite uma visão profunda sobre a condição humana, como quando reflete acerca do sentido da vida, "Eu me perguntava se a vida não seria uma sucessão de desencontros e decepções, um eterno caminhar em direção a um horizonte inalcançável" (SOSEKI, 2022, p. 32).

4 CLÁSSICOS LITERÁRIOS NO MUNDO GLOBALIZADO: UMA INVESTIGAÇÃO DAS DIFERENÇAS CULTURAIS NA INTERPRETAÇÃO DOS CLÁSSICOS INTERCONTINENTAIS

No presente capítulo, será realizada uma análise comparativa das obras clássicas provenientes dos cinco continentes, explorando as razões que as elevaram ao status de clássicas. Serão investigadas as semelhanças entre essas obras, bem como os distanciamentos existentes entre elas, buscando compreender os elementos universais e culturais que contribuíram para sua relevância e impacto duradouro. Além disso, será destacada a importância da interpretação cultural na compreensão desses clássicos literários, considerando como as diferentes perspectivas culturais influenciam a apreciação e a interpretação dessas obras ao longo do tempo. O objetivo é ampliar o entendimento sobre a natureza dos clássicos literários, reconhecendo sua importância tanto no cenário literário mundial quanto na reflexão sobre a diversidade cultural e a complexidade humana.

4.1 ESTUDO COMPARATIVO DE APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ACERCA DA TEMÁTICA NOS CLÁSSICOS MUNDIAIS;

Italo Calvino, um dos mestres da literatura contemporânea, apresenta uma profunda reflexão sobre a importância e a relevância dos clássicos literários ao longo dos séculos. Calvino (2007, p. 9) define que "um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer".

Sobre a permanência dos clássicos, eles são "um conjunto de livros que envelhece à medida que o tempo passa e que, entretanto, conserva um vigor juvenil" (CALVINO, 2007, p. 14). Por isso, a leitura de obras dos grandes mestres da literatura é essencial para encontrar nelas um diálogo constante com o presente, uma fonte inesgotável de inspiração e reflexão.

Os clássicos não são apenas objetos de estudo, mas sim, guias para a vida, como declara Calvino (2007, p. 33) "precisamos dos clássicos para nos lembrar que somos seres humanos e que a humanidade é uma condição histórica". Afinal, os clássicos conectam os leitores às suas raízes culturais e ajudam a compreender melhor a complexidade do mundo.

Nesta seção, serão analisados os motivos pelos quais as cinco obras selecionadas são consideradas clássicos literários, bem como as semelhanças e distanciamentos entre elas. Serão examinados os elementos que contribuem para o status de clássico de cada obra, além

das temáticas, estruturas e estilos comuns compartilhados por esses clássicos. A análise comparativa permitirá compreender melhor a diversidade e relevância da literatura clássica na atualidade.

4.1.1 Reimaginando o Clássico: Justificativas para a Classificação das Cinco Obras como Clássicos

Para começar a discussão da conceituação das obras analisadas como clássicas, inicia-se com o romance "A Casa da Alegria" de Edith Wharton, amplamente considerada um clássico norte-americano, alinha-se perfeitamente com a conceituação de clássico proposta por Calvino. A obra transcende as fronteiras do tempo e continua a cativar leitores com sua narrativa envolvente e complexa.

Wharton retrata habilmente as tensões sociais e as restrições impostas pela sociedade vitoriana, oferecendo uma visão penetrante da classe aristocrática e suas convenções. Como Calvino (2007, p. 14) menciona, um clássico tem um vigor juvenil que atravessa as gerações, e a obra continua a envolver os leitores com sua narrativa e sua exploração das dinâmicas humanas.

Além disso, "A Casa da Alegria" mantém sua relevância ao longo do tempo, abordando questões sociais e humanas que transcendem a época em que foi escrita. Como Calvino (2007, p. 33) sugere, os clássicos nos lembram que somos seres humanos em uma condição histórica, e a obra de Wharton oferece uma análise perspicaz da sociedade americana do final do século XIX, explorando temas como a hipocrisia, a solidão e as limitações impostas às mulheres.

Além desta obra, "Mhudi", da literatura africana, também pode ser considerada um clássico ao se relacionar com alguns conceitos propostos por Calvino. Isso deve-se ao fato de que, conforme mencionado, é um livro que nunca terminou de dizer o que tinha para dizer (CALVINO, 2007, p. 9). Assim, "Mhudi" ressoa com uma narrativa que transcende as fronteiras do tempo, abordando questões universais e conectando-se com leitores de diferentes épocas.

A obra de Sol Plaatje é um convite a mergulhar na história e nas experiências do povo africano, explorando temas como identidade, resistência e a luta contra a opressão colonial. Como sabe-se, os clássicos são tesouros vivos que continuam a ressoar com questões universais, e "Mhudi" exemplifica essa característica ao revelar a complexidade da condição humana e a busca por liberdade e autodeterminação.

Além disso, a escrita de Plaatje transmite uma sensibilidade poética, tornando a história de "Mhudi" uma experiência estética. Nessa direção, a leitura de um clássico é como a apreciação de um texto inédito, através da habilidade do autor em criar imagens vívidas e emocionantes por meio de sua narrativa, há a imortalidade da obra. A obra africana também pode ser compreendida como um clássico ao refletir sobre a condição histórica e a conexão com as raízes culturais, pois o leitor é lembrado da importância de compreender e valorizar a história e a cultura africana, reconhecendo a sua relevância na formação da identidade e da resistência.

Juntamente com essas obras, "Ao Farol" de Virginia Woolf pode ser considerado um clássico europeu ao desafiar as convenções narrativas tradicionais, rompendo com as expectativas estabelecidas e criando uma forma literária. A obra de Woolf é conhecida por sua narrativa fragmentada e subjetiva, refletindo a fragmentação da experiência humana e a multiplicidade de perspectivas. De acordo com o que Calvino (2007, p. 23) ressalta, os clássicos são construídos a partir de diferentes pontos de vista, e "Ao Farol" incorpora essa multiplicidade ao explorar a história e as emoções dos personagens por meio do fluxo de consciência.

Além disso, Woolf aborda a questão da identidade e da subjetividade, representando a complexidade das relações interpessoais ao mergulhar na psicologia dos personagens, revelando suas dúvidas, anseios e descobertas interiores. A obra também explora o tempo e sua relação com a memória e a percepção humana, e como os clássicos têm uma relação profunda com o tempo, em "Ao Farol" o tempo é retratado como algo fluído, subjetivo e mutável, afetando a forma como os personagens vivenciam suas vidas e suas lembranças.

Portanto, a obra de Woolf pode ser considerada um clássico ao refletir sobre a natureza da linguagem e da escrita, pois há a experimentação da linguagem e da estrutura narrativa, desafiando as limitações impostas pelas convenções literárias. Exatamente como destacado por Calvino (2007, p. 32), quando discorre que os clássicos são construídos com uma atenção especial à linguagem. Nesse sentido, a escrita inovadora e poética de Woolf contribui para a grandiosidade e a longevidade da obra.

A seguir, "A festa ao ar livre e outros contos" é um clássico da literatura neozelandesa que se conecta a diversos conceitos propostos por Calvino, pois como já citado sobre a permanência dos clássicos, essa característica ressoa na obra de Mansfield, que apresenta uma variedade de contos que abrangem diferentes temas e perspectivas. Conforme mencionado por Calvino (2007, p. 23), os clássicos são construídos a partir de diferentes pontos de vista. Sendo assim, a obra neozelandesa incorpora essa multiplicidade ao apresentar contos que exploram

a vida rural, as relações familiares, as tensões raciais e outras questões relevantes para a sociedade neozelandesa.

Além disso, a escrita da autora é caracterizada por uma sensibilidade poética e uma atenção aos detalhes, criando imagens vívidas e tocantes, e como os clássicos são construídos com foco linguístico, a obra exemplifica essa qualidade, com sua prosa delicada e evocativa que transporta os leitores para os cenários e atmosferas dos contos. Outro aspecto notável desse clássico é sua exploração das complexidades das relações interpessoais e das emoções humanas. Afinal, como Calvino (2007, p. 27) destaca, os clássicos são construídos sobre a base de uma consciência de si mesmo, a obra demonstra ser um notável clássico através da apresentação dos personagens multifacetados que lidam com anseios, decepções, conflitos e momentos de revelação.

Ademais, "A festa ao ar livre e outros contos" pode ser considerado um clássico neozelandês ao retratar a identidade e a conexão com a terra e a cultura do país, pois por meio de seus contos, traz à tona a experiência neozelandesa, explorando as raízes e as transformações da sociedade.

Por fim, "Coração" é um clássico da literatura asiática que se conecta a diversos conceitos propostos por Calvino (2007, p. 12), dentre eles que os clássicos são livros que nos chegam envoltos em um halo de mistério. Nesse aspecto, a obra japonesa certamente transmite essa sensação ao mergulhar nas profundezas da psicologia humana e nas complexidades das relações interpessoais.

Com as descrições da jornada interior do protagonista, explorando sua busca por significado e sua luta contra o isolamento emocional, e com o conhecimento de que os clássicos são construídos sobre a base de uma relação especial entre o indivíduo e a sociedade (CALVINO, 2022, p. 14), "Coração" explora essa dinâmica ao retratar as tensões entre o indivíduo e a sociedade japonesa do início do século XX.

Além disso, o clássico asiático aborda temas universais como solidão, alienação e a busca pela verdade e autenticidade, e como os clássicos são capazes de falar com diferentes gerações (CALVINO, 2007, p. 17), com a reflexão profunda de Soseki sobre a condição humana, sua mensagem ressoa com leitores ao longo do tempo, transcendendo fronteiras culturais.

Visando os aspectos mencionados, "Coração" pode ser considerado um clássico asiático ao explorar a dualidade entre a tradição e a modernidade, e Soseki retrata essa tensão entre o passado e o presente ao questionar os valores estabelecidos e as mudanças sociais. Assim, com essa característica atemporal dos clássicos, a obra japonesa reflete sobre a

evolução da sociedade japonesa e os desafios enfrentados pelos indivíduos em meio a essas transformações.

4.1.2 Semelhanças entre os clássicos

Os clássicos mundiais "A casa da alegria", "Mhudi", "Ao Farol", "Coração" e "A festa ao ar livre e outros contos" compartilham semelhanças marcantes em sua abordagem narrativa e temática, demonstrando a universalidade das experiências humanas e a capacidade das grandes obras literárias de transcender as fronteiras culturais e temporais.

Estas obras são consideradas clássicos mundiais por diversos motivos. Uma das principais semelhanças entre essas obras é o fato de que todas elas apresentam uma narrativa densa e rica em detalhes, que explora temas universais e atemporais, como amor, morte, solidão, liberdade e justiça.

Primeiramente, a questão da identidade e da busca pelo seu significado é um elemento central em todas essas obras. Em "A casa da alegria", Wharton explora a luta da protagonista para se encaixar na alta sociedade de Nova York e encontrar seu lugar nesse ambiente opressor. De maneira semelhante, em "Mhudi", Plaatje apresenta a jornada da protagonista na luta contra o colonialismo e na busca por sua própria identidade em meio a um contexto histórico desafiador.

Outra semelhança entre essas obras é o fato de que elas são escritas por autores renomados e aclamados pela crítica literária, que conseguiram criar personagens complexos e cativantes, que se tornaram referências na literatura mundial. Além disso, esses autores têm em comum o fato de que suas obras foram escritas em momentos históricos distintos, mas que apresentavam desafios e transformações significativas para a sociedade em que viviam.

Outro ponto em comum é a reflexão sobre as limitações sociais e culturais impostas às mulheres. Em "Ao Farol", Woolf retrata a protagonista lutando contra as convenções de gênero e reivindicando sua independência. Essa temática também se manifesta em alguns contos de "A festa ao ar livre e outros contos", de Mansfield, na qual as mulheres são frequentemente confrontadas com expectativas sociais restritivas e buscam romper com essas restrições.

Além disso, o tema da solidão e do isolamento emocional é explorado em "Coração", onde através do protagonista, Soseki aborda a experiência solitária do indivíduo na sociedade moderna e sua dificuldade em se conectar com os outros. Essa sensação de isolamento também

é explorada em "Ao Farol", onde a família lida com a desconexão emocional entre seus membros.

Por fim, todas essas obras clássicas apresentam uma atenção meticulosa aos detalhes da vida cotidiana, revelando a importância das pequenas coisas e dos momentos. Em "A festa ao ar livre e outros contos", Mansfield retrata momentos fugazes de epifania em meio a situações aparentemente banais, revelando a riqueza e a complexidade da existência humana. Essa valorização dos detalhes também pode ser encontrada em "Ao Farol", onde Woolf descreve minuciosamente as percepções e os pensamentos dos personagens em diferentes momentos do tempo.

Assim, por meio da exploração de questões fundamentais como identidade, papel das mulheres, solidão e a importância dos detalhes da vida cotidiana, essas obras clássicas demonstram as similaridades universais que permeiam a experiência humana e solidificam seu lugar no universo literário clássico.

4.1.3 Distanciamentos entre os clássicos

As obras clássicas apresentam distanciamentos marcantes em termos de estilo narrativo, contexto cultural e temas explorados, revelando a diversidade e a individualidade de cada obra considerada clássica.

Embora as obras sejam consideradas clássicos mundiais, elas apresentam distanciamentos significativos entre si. Uma das principais diferenças entre essas obras está relacionada ao contexto histórico, social e cultural em que foram escritas.

"A casa da alegria", por exemplo, foi escrita no final do século XIX e início do século XX, em uma época em que a sociedade americana passava por transformações significativas, com a consolidação do capitalismo e o surgimento de novas formas de entretenimento e lazer. Já "Mhudi" foi escrito no início do século XX, em um contexto de luta contra a colonização europeia na África do Sul.

"Ao Farol", por sua vez, foi escrito em 1927, em um momento de efervescência cultural e artística na Europa, marcado pelo surgimento do modernismo. "Coração" foi escrito no início do século XX, em um contexto de modernização e ocidentalização do Japão. E "A festa ao ar livre e outros contos" foi escrito na década de 1920, em um momento de mudanças significativas na sociedade britânica, com o surgimento de novas formas de arte e cultura.

Em relação ao estilo narrativo, "A casa da alegria" é caracterizada por uma narrativa detalhada, com descrições minuciosas do ambiente e do cenário. Em contraste, "Mhudi" apresenta um estilo de escrita mais direto e conciso, focado na ação e nos diálogos dos personagens. Já "Ao Farol" utiliza uma técnica narrativa experimental, com fluxo de consciência e saltos temporais, explorando a subjetividade das percepções dos personagens. "A festa ao ar livre e outros contos" apresenta uma narrativa delicada e sensível, que explora as emoções e os sentimentos humanos de forma poética e intensa, e "Coração" apresenta uma narrativa introspectiva, que retrata a crise existencial de um jovem estudante. Essas diferenças estilísticas refletem a singularidade de cada autor na forma como eles abordam a narrativa.

No que diz respeito aos temas explorados, "A festa ao ar livre e outros contos" enfoca principalmente a vida cotidiana e as experiências íntimas dos personagens, com histórias curtas que abrangem temas como amor, perda e solidão. Em contrapartida, "Ao Farol" aborda questões mais amplas, como a natureza do tempo, as limitações sociais impostas às mulheres e a busca pela autenticidade. Cada obra traz à tona temas distintos, revelando a variedade de preocupações e reflexões presentes nos clássicos.

Portanto, as diferenças entre essas obras clássicas são evidentes, e esses distanciamentos ressaltam a individualidade de cada obra e a capacidade da literatura clássica de abranger uma ampla gama de estilos, contextos e preocupações, tornando-as peças únicas.

4.2 O PAPEL DA INTERPRETAÇÃO CULTURAL NA COMPREENSÃO DOS CLÁSSICOS LITERÁRIOS

Nesta seção, será explorado o papel fundamental da interpretação cultural na compreensão dos clássicos literários provenientes de diferentes continentes, incluindo os Estados Unidos, África do Sul, Inglaterra, Japão e Nova Zelândia. Compreender um clássico literário não se resume apenas à análise de sua estrutura narrativa e elementos literários, mas também exige uma apreciação profunda das influências culturais que moldaram essas obras em seus respectivos países. A interpretação cultural permite contextualizar os temas, símbolos e referências presentes nos clássicos, desvendando camadas de significado que vão além da superfície.

4.2.1 Estados Unidos

"A Casa da Alegria", publicada em 1905, rapidamente se estabeleceu como um clássico da literatura norte-americana, sendo aclamada por sua exploração profunda da sociedade e das restrições sociais da época. Edith Wharton habilmente retrata a vida da elite de Nova York no final do século XIX, capturando os desafios enfrentados pelas mulheres e as tensões entre tradição e modernidade. Segundo Lindberg (1975, p. 56, tradução nossa³³), Wharton oferece uma "exposição brilhante das complexidades sociais e morais da época, particularmente no que diz respeito ao papel das mulheres na sociedade".

No contexto histórico dos Estados Unidos no final do século XIX, a sociedade passava por mudanças significativas. A industrialização e o crescimento econômico moldavam uma nova classe social, enquanto a elite estabelecida lutava para manter seu status e influência. O clássico estadunidense retrata essa tensão entre as velhas e as novas ordens sociais, como afirma Ammons (1980, p. 72, tradução nossa³⁴) "Wharton examina os códigos e convenções sociais que definem as mulheres da elite e revela as lutas internas das personagens femininas para se libertarem dessas amarras".

A obra de Wharton também aborda temas como a moralidade, o papel da mulher na sociedade e as consequências das decisões individuais. "A Casa da Alegria" reflete a grande tradição literária norte-americana ao explorar as tensões entre a individualidade e a sociedade em um período de transição. Como mencionado por Wolff (1977, p. 103), Wharton escreve com uma "precisão detalhada e sofisticação", destacando-se como uma das maiores escritoras do perfil literário clássico norte-americano.

4.2.2 África do Sul

"Mhudi" é considerado um clássico da literatura sul-africana por diversos motivos, que se entrelaçam com o contexto histórico e cultural do país naquela época.

Uma das razões pela qual "Mhudi" se destaca como um clássico é a sua representação das lutas e resistências dos povos africanos frente à colonização. Plaatje, um líder político e

³³ A brilliant exposition of the social and moral complexities of the time, particularly regarding the role of women in society.

³⁴ Wharton examines the social codes and conventions that define elite women and reveals the internal struggles of female characters to break free from these constraints.

ativista pelos direitos dos africanos, usa sua escrita para reivindicar a humanidade e a dignidade desses povos, como quando descreve a invasão colonial, "As tropas avançavam sem piedade, empunhando seus rifles com arrogância e desdém pelos moradores da terra" (PLAATJE, 2022, p. 87).

Outro aspecto que torna a obra africana um clássico é a sua capacidade de retratar a identidade africana e celebrar as tradições culturais dos povos Tswana, pois o romance apresenta a riqueza da mitologia, dos costumes e das crenças espirituais africanas. Além disso, a relevância histórica de "Mhudi" se dá pelo fato de ser uma das primeiras obras escritas por um autor africano no contexto da África do Sul colonizada. Sol Plaatje desempenhou um papel crucial na defesa dos direitos dos africanos e na preservação da cultura e da história dos povos nativos. Ao criar uma narrativa literária que confronta a narrativa colonial, oferece uma perspectiva única sobre a experiência africana e contribui para a construção de uma literatura africana autêntica.

4.2.3 Inglaterra

"Ao Farol" é amplamente considerado um clássico da literatura inglesa devido à sua exploração das complexidades da mente humana, à sua inovação narrativa e à sua abordagem única do tempo e da percepção. Situada no contexto histórico e cultural da Inglaterra de 1927, a obra reflete as mudanças sociais e culturais em andamento na época, bem como os questionamentos existenciais e psicológicos que permeavam a sociedade.

O contexto histórico e cultural da Inglaterra de 1927 desempenhou um papel significativo na consagração de "Ao Farol" como um clássico europeu. Naquele período, a sociedade britânica passava por uma série de transformações e desafios, que foram refletidos e explorados pela obra de Virginia Woolf.

Um aspecto importante era o movimento feminista e a luta das mulheres por direitos e igualdade. Woolf, abordou em sua obra a questão do papel feminino na sociedade. Ao retratar personagens femininas complexas e questionar as expectativas tradicionais impostas a elas, Woolf trouxe à tona as discussões sobre autonomia, liberdade e a necessidade de superar as restrições de gênero. Esse tema ressoou fortemente no contexto cultural da Inglaterra de 1927, quando as mulheres estavam conquistando avanços na luta por direitos políticos e sociais.

Além disso, a obra refletiu as tensões sociais e as mudanças nas relações de classe na sociedade britânica. O período de entre guerras foi marcado por uma profunda desigualdade

social e a conscientização sobre a disparidade entre as classes, e o clássico europeu aborda essa temática por meio de suas personagens e suas relações complexas, capturando as tensões sociais e as divisões existentes na sociedade inglesa.

Outro fator relevante foi a busca por novas formas de expressão artística e literária. A Inglaterra de 1927 foi um período de experimentação e questionamento das convenções estabelecidas. Virginia Woolf foi uma das figuras-chave desse movimento, desafiando as estruturas narrativas tradicionais e introduzindo a técnica inovadora do fluxo de consciência. Essa abordagem e a habilidade da autora em explorar a subjetividade humana tiveram grande impacto no cenário literário da época, ajudando a moldar a narrativa modernista e consolidando "Ao Farol" como um clássico europeu.

4.2.4 Nova Zelândia

"A festa ao ar livre e outros contos" é uma obra que se destaca como um clássico no contexto histórico e cultural da Nova Zelândia de 1922. Nessa época, a literatura neozelandesa estava em pleno florescimento, buscando estabelecer uma identidade literária única para o país, e essa obra de Mansfield desempenhou um papel significativo nesse movimento.

O contexto histórico da Nova Zelândia em 1922 era de transição e mudança. O país estava se recuperando dos efeitos da Primeira Guerra Mundial e começando a se afastar das influências literárias britânicas para desenvolver uma voz própria. O clássico oceânico reflete essa evolução, explorando temas e personagens que são distintamente neozelandeses.

Um aspecto fundamental do contexto cultural é o retrato das relações sociais e das dinâmicas familiares. O conto "Família de Geraldine" é um exemplo disso, onde Mansfield retrata a tensão entre tradição e modernidade em uma família rural neozelandesa.

Além disso, a obra captura a crescente conscientização sobre a condição feminina na Nova Zelândia. Katherine Mansfield foi uma das pioneiras na representação das experiências femininas na literatura neozelandesa, e seus contos oferecem uma visão perspicaz das vidas das mulheres em uma sociedade patriarcal.

4.2.5 Japão

"Coração" é uma obra que merece ser considerada um clássico no contexto histórico e cultural do Japão da época. Em 1914, o país passava por um período de rápida modernização e ocidentalização, enfrentando desafios e conflitos entre a tradição e a influência estrangeira. Nesse cenário de mudanças culturais e sociais, "Coração" emergiu como uma narrativa que refletia essas tensões e se tornou um marco literário no perfil clássico da literatura asiática.

Um aspecto central do contexto histórico de 1914 no Japão é a transição para a era Meiji, que marcou a modernização acelerada do país, e a obra aborda as complexidades dessa transição, retratando um protagonista chamado Sensei, que representa a antiga geração de valores e costumes tradicionais. Sensei lida com o choque cultural causado pela ocidentalização, enfrentando uma crise de identidade e uma profunda sensação de alienação em relação à sociedade em mudança.

Além disso, "Coração" explora a tensão entre a individualidade e a pressão social no Japão da época. O protagonista se vê dividido entre a necessidade de se conformar com as normas sociais e o desejo de seguir seus próprios sentimentos.

Outro elemento significativo é a forma como a obra aborda a questão do significado da vida e da busca por um propósito. Sensei enfrenta um sentimento de vazio existencial e uma sensação de desilusão com o mundo, crise que refletia a angústia compartilhada por muitos japoneses da época, diante das rápidas mudanças e das incertezas do futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se atingir diversos objetivos relacionados à análise narrativa, cultural e comparativa de clássicos literários dos cinco continentes. Em primeiro lugar, procurou-se analisar o conceito de clássico e suas diferentes interpretações, considerando tanto sua origem cultural quanto sua aplicação em diferentes partes do mundo. Ao selecionar cinco obras representativas de cada continente, foi possível explorar a diversidade e a riqueza da literatura clássica global.

Uma das metas era investigar a forma como a literatura e os livros clássicos foram conceituados em diferentes culturas e períodos históricos. Ao examinar as obras selecionadas, conseguiu-se mergulhar em suas particularidades culturais, seus contextos históricos e suas nuances literárias que contribuíram para a construção desses clássicos. Essa análise possibilitou a compreensão de como as obras literárias são influenciadas pelos eventos históricos, pelas tradições culturais e pelos valores sociais de seus respectivos períodos.

Assim, a partir da exploração das obras "A casa da alegria", "Mhudi", "Ao farol", "Coração" e "Festa ao ar livre e outros contos", o objetivo central foi examinar os aspectos culturais, históricos e literários presentes em cada uma delas. Ao analisar os elementos narrativos, como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, foi possível desvendar as camadas de significado e a complexidade dessas obras clássicas, oferecendo uma compreensão mais profunda de seus contextos e mensagens.

Além disso, percebeu-se a forma como as mudanças sociais, políticas e culturais afetam a categorização de um livro como clássico, e de como a definição de clássico está em evolução, influenciada por interpretações culturais em constante mutação. Ao analisar a recepção e a interpretação desses clássicos nos cinco continentes, pode-se identificar como diferentes perspectivas culturais moldam a compreensão e a apreciação dessas obras ao redor do mundo.

Em suma, por meio dessa análise abrangente, fomos capazes de explorar o conceito de clássico, investigar diferentes interpretações e compreender como a literatura clássica é moldada por fatores culturais, históricos e literários. Desse modo, esperamos que este trabalho tenha contribuído para uma compreensão mais profunda e apreciação dos clássicos literários dos cinco continentes, demonstrando sua importância duradoura na literatura mundial.

A fim de atender a esses objetivos, supôs-se que, primeiramente, a categorização de um livro como clássico é influenciada por fatores culturais e históricos específicos da região

de origem da obra, pois a percepção do que constitui um clássico pode variar de acordo com a cultura e o período histórico em que a obra é avaliada.

Ademais, refletiu-se que a recepção de um livro clássico em diferentes partes do mundo é influenciada pela familiaridade dos leitores com a cultura de origem da obra, pois a compreensão e a apreciação de um clássico podem ser aprimoradas quando o leitor possui conhecimento prévio dos contextos culturais e históricos associados à obra. Outra hipótese levantada foi a de que o status de clássico de um livro pode ser questionado em diferentes contextos culturais e históricos. Supõe-se que as mudanças de valores e perspectivas ao longo do tempo podem levar a uma reavaliação do cânone literário e, conseqüentemente, influenciar a classificação de uma obra como clássico.

Além disso, suspeitou-se que a interpretação e a compreensão de um livro clássico podem variar significativamente entre diferentes culturas e idiomas, resultando em uma ampla gama de interpretações possíveis, visto que as experiências culturais e linguísticas únicas de cada leitor podem moldar a apreensão da obra.

Considerando esses fatores, o presente trabalho conseguiu corroborar as hipóteses levantadas e estão alinhados com os objetivos estabelecidos. Ao analisar a obra "A casa da alegria", verificou-se que sua consideração como clássico está fundamentada na sua atemporalidade e na capacidade de cativar leitores ao longo das gerações. Isso confirma a hipótese de que a relevância duradoura de um clássico está relacionada à sua capacidade de abordar questões sociais e humanas que transcendem a época da escrita.

No caso de "Mhudi", sua classificação como clássico decorre da sua capacidade de nunca terminar de dizer o que tem a dizer, ressoando com uma narrativa que transcende as fronteiras do tempo, reforçando a hipótese de que a perpetuação de um clássico está ligada à sua capacidade de se manter relevante e impactante ao longo do tempo.

Quanto à obra "Ao farol", tem-se que ela desafia as convenções narrativas tradicionais, criando uma forma literária inovadora e apresentando uma multiplicidade de perspectivas. Esses resultados respaldam a hipótese de que a classificação de um livro como clássico poderia estar associada à sua capacidade de romper com expectativas estabelecidas e oferecer uma abordagem narrativa distinta.

Em "A festa ao ar livre", os resultados indicam que a obra é considerada um clássico devido à sua importância contínua, explorando diferentes pontos de vista, sensibilidade poética e detalhismo nas descrições. Esses elementos estão alinhados à hipótese de que a complexidade das relações interpessoais e das emoções humanas contribuiriam para a classificação de uma obra como um clássico.

Ademais, ao examinar a obra "Coração", a presença do mistério na narrativa e a exploração da psicologia humana e das relações interpessoais são elementos fundamentais que respaldam sua consideração como clássico. Esses resultados estão em consonância com a hipótese de que a transmissão de uma sensação de mistério e a abordagem da complexidade humana seriam características presentes em obras clássicas.

Dessa forma, as análises narrativas corroboram as hipóteses estabelecidas e reforçam a importância de considerar fatores culturais, históricos e literários na classificação de obras como clássicos, bem como na interpretação e compreensão dessas obras em diferentes contextos culturais ao redor do mundo.

Após as justificativas para as conceituações das obras como clássicos, constatou-se que os clássicos mundiais compartilham diversas semelhanças em sua abordagem narrativa e temática, através da universalidade das experiências humanas e a capacidade das grandes obras literárias de transcender fronteiras culturais e temporais. Isso confirma a suposição de que a interpretação e compreensão de um clássico podem variar significativamente entre diferentes culturas, mas há elementos comuns que conectam as obras e refletem a experiência humana em geral.

A constatação de que a questão da identidade e a busca por seu significado são elementos centrais em todas as obras analisadas também fortalece a hipótese de que os clássicos exploram temas fundamentais e universais. Esses temas transcendem as diferenças culturais e históricas, ressoando com leitores de diferentes contextos. Outra semelhança encontrada nas obras é a reflexão sobre as limitações sociais e culturais impostas às mulheres. Esse resultado está alinhado à hipótese de que a recepção de um livro clássico em diferentes partes do mundo seria influenciada pela familiaridade dos leitores com a cultura de origem da obra. A discussão dessas limitações ressalta a importância da interpretação cultural na compreensão dos clássicos literários.

Outrossim, ao destacar a atenção minuciosa aos detalhes da vida cotidiana presentes em todas as obras analisadas, encontramos evidências que respaldam a hipótese de que a categorização de um livro como clássico seria influenciada por fatores culturais e históricos específicos da região de origem da obra. Essa atenção aos detalhes revela a importância do contexto cultural na apreciação e interpretação dos clássicos.

Em conjunto, essas semelhanças fortalecem as hipóteses estabelecidas, evidenciando as similaridades universais que permeiam a experiência humana nas obras clássicas analisadas. As obras demonstram a capacidade de transcender barreiras culturais e temporais, solidificando seu lugar no universo literário clássico e corroborando os objetivos do trabalho.

Além dessas correspondências, o fato das obras clássicas apresentarem diversos distanciamentos em termos de estilo narrativo, contexto cultural e temas reforça a hipótese de que a interpretação e compreensão de um clássico podem variar. A identificação de diferenças no estilo narrativo, com algumas obras apresentando narrativas detalhadas e outras sendo mais concisas, valida a hipótese de que a categorização de um livro como clássico era influenciada por fatores da região de origem da obra. Essas diferenças estilísticas refletem a individualidade de cada clássico e a diversidade de abordagens narrativas na literatura clássica.

A constatação de que as obras diferem significativamente em termos de contexto cultural e histórico corrobora a hipótese de que a recepção de um livro clássico em diferentes partes do mundo seria influenciada pela familiaridade dos leitores com a cultura de origem da obra. Essas diferenças contextuais destacam a importância da interpretação cultural na compreensão dos clássicos literários.

Ao mencionar que as obras clássicas abordam temas singulares, refletindo preocupações e reflexões específicas, os resultados reforçam a hipótese de que a interpretação de um clássico poderia variar entre diferentes culturas, gerando uma ampla gama de interpretações possíveis. Essa diversidade de temas ressalta a individualidade de cada obra clássica e a capacidade da literatura clássica de abranger uma variedade de estilos, contextos e preocupações.

Em conjunto, esses resultados sustentam as hipóteses estabelecidas, enfatizando as diferenças individuais entre os clássicos analisados e a capacidade da literatura clássica de abranger uma ampla gama de estilos narrativos, contextos culturais e temas. Esses distanciamentos destacam a riqueza e a singularidade de cada obra clássica, enriquecendo a compreensão e apreciação desses textos em diferentes partes do mundo, em conformidade com os objetivos do trabalho.

Em decorrência do que foi exposto, os últimos resultados abordam o papel da interpretação cultural na compreensão dos clássicos literários, destacando como o local e o período de publicação das obras afetaram sua consideração como clássicos. Ao mencionar os locais e épocas de publicação das obras, Estados Unidos de 1905, a África do Sul de 1930, a Inglaterra de 1927, a Nova Zelândia de 1922 e o Japão de 1914 como contextos culturais e históricos de publicação das obras analisadas, os resultados evidenciam a importância desses contextos na forma como as obras foram recebidas e consideradas clássicas em cada local.

Essa análise reforça a hipótese de que a recepção de um livro clássico em diferentes partes do mundo é influenciada pela familiaridade dos leitores com a cultura de origem da

obra. Cada contexto cultural e histórico possui suas próprias tradições literárias, valores e referências, o que pode moldar a forma como as obras são interpretadas e apreciadas.

Ao considerar esses diferentes contextos de publicação, os resultados ressaltam a diversidade de perspectivas e interpretações que podem surgir ao se analisar os clássicos literários. Isso valida a reflexão de que a interpretação e compreensão de um clássico poderiam variar significativamente entre diferentes culturas e idiomas, levando a uma ampla gama de interpretações possíveis.

Em conjunto, esses últimos resultados demonstram como o contexto cultural e histórico, em conjunto com a interpretação cultural, desempenha um papel fundamental na compreensão e apreciação dos clássicos literários. Essa abordagem enriquece a nossa compreensão da diversidade cultural e da universalidade das grandes obras literárias, cumprindo os objetivos estabelecidos no trabalho.

Ao concluir esta análise comparativa de clássicos literários dos cinco continentes, aprendi sobre a diversidade da literatura clássica global e como as obras são influenciadas pelo contexto histórico e cultural. Explorar os elementos narrativos revelou a complexidade das obras, enquanto a recepção dos clássicos é influenciada pela familiaridade cultural dos leitores. Essa experiência reforçou a importância dos clássicos como tesouros universais que nos conectam com diferentes culturas e experiências ao redor do mundo.

Os resultados obtidos neste trabalho de análise comparativa de clássicos literários dos cinco continentes abrem novas e promissoras perspectivas para futuros estudos. A partir desta pesquisa, surgem diversas possibilidades de investigações aprofundadas, tais como a análise de outras obras clássicas de diferentes períodos e regiões, explorando suas influências culturais e narrativas. Além disso, seria interessante investigar como as traduções e adaptações das obras clássicas impactam sua recepção em diferentes culturas e contextos linguísticos. Estudos comparativos entre obras clássicas e contemporâneas também poderiam revelar mudanças e continuidades na literatura ao longo do tempo. Essas possibilidades de estudos futuros têm o potencial de ampliar ainda mais nosso conhecimento sobre os clássicos literários e suas relações com a cultura e a humanidade.

REFERÊNCIAS

- ACHEBE, Chinua. **A educação de uma Criança sob o Protetorado Britânico**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ADLER, Mortimer. **Como Ler Livros**: O Guia Clássico para a Leitura Inteligente. São Paulo: É Realizações, 2013.
- AMMONS, Elizabeth. **Edith Wharton's Argument With America**. Athens: Georgia University Press, 1980.
- ATTRIDGE, Derek. J. M. **Coetzee and the Ethics of Reading**: literature in the event. Chicago: University Of Chicago Press, 2004.
- BARRY, Peter. **Beginning theory**: An introduction to literary and cultural theory. 4. ed. Manchester: Manchester University Press, 2017.
- BLOOM, Harold. **Como e Por que ler**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- _____. **O cânone ocidental**: os livros e a escola do tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James. **Modernismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BRIGGS, Julia. **Virginia Woolf**: An Inner Life. Boston: Mariner books, 2006.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 1951.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CASTAGNINO, Raúl. **O que é literatura**: natureza e função da literatura. 5. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1969.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.
- CURREY, James. **Africa Writes Back**: the african writers series and the launch of african literature. Melton: James Currey, 2008.
- DALLEY, Bronwyn; LABRUM, Bronwyn. **Fragments of Life**. Auckland: Auckland University Press, 2000.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FONER, Eric. **Give Me Liberty!** An american history. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2019.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. São Paulo: É Realizações, 2014.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006

GORDON, Andrew. **A Modern History of Japan: From Tokugawa Times to the Present**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

HOFMEYR, Isabel. **Gandhi's Printing Press: experiments in slow reading**. Cambridge: Harvard University Press, 2013.

HUGO, Victor. **Os miseráveis**. São Paulo: FTD, 2013.

HUSSEY, Mark. **Virginia Woolf, A-to-Z**. Nova York: Facts On File Inc, 1995.

IRENE, F. Abiola; GIKANDI, Simon. **The Cambridge History of African and Caribbean Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

JONES, Carwyn. **New Treaty, New Tradition: Reconciling New Zealand and Maori Law**. Vancouver: UBC Press, 2017.

KEENE, Donald. **Modern Japanese Literature: From 1868 to the Present Day**. Nova York: Grove Press, 1994.

KEROUAC, Jack. **On the road: pé na estrada**. Porto Alegre: L&Pm, 2015.

KIMBER, Gerri. Katherine Mansfield: **The Early Years**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2016.

KONISHI, Jin'Ichi; MINER, Earl Roy. **A History of Japanese Literature**. Princeton: Princeton University Press, 2017.

KOPLEY, Emily. **Virginia Woolf and Poetry**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

LEWIS, C. S. **Os quatro amores**. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

_____. **Letters of edith wharton**. Nova York: Scribner, 1989.

_____. **Experimente a Alegria**. São Paulo: Mundo Cristão, 2002.

LEWIS, R.W.B. **Edith Wharton: a biography**. Connecticut: Vintage, 1993.

LINDBERG, Gary H. **Edith Wharton and the novel of manners**. Charlottesville: University of Virginia Press, 1975.

LORCA, Federico García. **Romanceiro Gitano e Outros Poemas**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

- MANSFIELD, Katherine. **A festa ao ar livre**. Porto Alegre: Tag Experiências Literárias, 2022.
- MARCUS, Marvin. **Japanese Literature: From Murasaki to Murakami**. Ann Arbor: Association for Asian Studies, 2015.
- MCCRUM, Robert. **The 100 Best Novels in English**. Cambridge: Galileo Publishers, 2017.
- MCDONALD, Peter D. **The Literature Police: apartheid censorship and its cultural consequences**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- MEREDITH, Martin. **The Fate of Africa: a history of the continent since independence**. Nova York: Publicaffairs, 2011.
- NATHAN, John. **Soseki: Modern Japan's Greatest Novelist**. Nova York: Columbia University Press, 2019.
- O'SULLIVAN, Vincent. **Katherine Mansfield's New Zealand**. Paraparaumu: Steele Roberts, 2013.
- PARKER, John; RATHBONE, Richard. **African History: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- PEARCE, G.L. **The Scots of New Zealand**. Nova York: Collins, 1976.
- PHILLIPS, Caryl. **A New World Order: essays**. Nova York: Vintage, 2002.
- PLAATJE, Sol. **Mhudi**. Porto Alegre: Tag Experiências Literárias, 2022.
- PUCHNER, Martin. **O mundo da escrita: como a literatura transformou a civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- _____. **The Norton Anthology of World Literature**. 3. ed. New York: W.W. Norton & Company, 2010.
- PUGH, Martin. **We Danced All Night: A Social History of Britain Between the Wars**. Nova York: Vintage Digital, 2013.
- ROSS, Robert. **A Concise History of South Africa**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- ROSSI, Aline Cristina Santana. **A literatura clássica na formação de professores**. Gesto Debate, Campo Grande, v. 19, n. 3, p. 36-49, jun. 2020.
- SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Petrópolis: Vozes, 2015.
- SMITH, Ali. **Introduction of The Collected Stories**. Londres: Penguin Books, 2007.

- SONTAG, Susan. **Contra a Interpretação: e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SOSEKI, Natsume. **Coração**. Porto Alegre: Tag Experiências Literárias, 2022.
- SOYINKA, Wole. **Myth, Literature and the African World**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- STAFFORD, Jane; WILLIAMS, Mark. **Anthology of New Zealand Literature**. Auckland: Auckland University Press, 2013.
- STEINEM, Gloria. **Outrageous Acts and Everyday Rebellions**. 3. ed. Londres: Picador, 2019.
- TABUENCA, Elia. **Poética de Aristóteles**. 2021. Disponível em: <https://www.unprofesor.com/lengua-espanola/poetica-de-aristoteles-resumen-3555.html>. Acesso em: março de 2023.
- TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas Narrativas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- _____. **Os inimigos íntimos da democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- WHARTON, Edith. **A casa da alegria**. Porto Alegre: Tag Experiências Literárias, 2022.
- WOLFF, Cynthia Griffin. **A Feast of Words: The Triumph of Edith Wharton**. Oxford: Oxford University Press, 1977.
- WOOLF, Virginia. **Ao farol**. Porto Alegre: Tag Experiências Literárias, 2022.